

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO STRICTO – SENSU
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Fábio Agnellos Silva

A SAÚDE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA TRAJETÓRIA
RESGATADA PELA HISTÓRIA ORAL

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO STRICTO – SENSU
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Fábio Agnellos Silva

**A SAÚDE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA
TRAJETÓRIA RESGATADA PELA HISTÓRIA ORAL**

Dissertação apresentada pelo mestrando
Fábio Agnellos Silva ao Programa de Pós-
Graduação Stricto-Sensu em Educação
Física da Universidade São Judas Tadeu,
sob orientação da Profª Drª Marília Velardi.

2010

Silva, Fábio Agnellos

A saúde nas aulas de educação física escolar: uma trajetória resgatada pela história oral / Fábio Agnellos Silva. - São Paulo, 2010.

120 f. ; 30 cm

Orientador: Marília Velardi

Dissertação (mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2010.

1. História oral - Promoção da saúde. 2. Educação física (Ensino fundamental). I. Velardi, Marília. II. Universidade São Judas Tadeu, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física III. Título

*À minha querida esposa Karina,
companheira, amiga, paciente e
amerosa.*

*Aos meus pais, Ataíde e Laura,
pelo apoio aos estudos, dedicação e
amor.*

*À meu irmão Vinícius, que com seu
enorme coração, estava sempre
disposto a ajudar.*

AGRADECIMENTOS

Nesse momento, são inúmeras as pessoas nas quais gostaria de agradecer na realização desse sonho, a começar pelos professores do programa de mestrado em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu, em especial às professoras Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva e Maria Luiza de Jesus Miranda.

Aos professores Edivaldo Góis Junior e Walter Roberto Correia, pela dedicação demonstrada no trabalho e por suas considerações na banca de qualificação.

Aos colegas de mestrado, Felipe, Ivan, Ari, Eli, Brocotó e Léo que me ajudaram nas reflexões e nos momentos de estudos proveitosos durante o curso.

Aos professores entrevistados nesse trabalho, pela paciência e a disposição em sempre estar ajudando no desenvolvimento do estudo.

Um agradecimento especial à minha orientadora, professora Dr^a Marília Velardi, pelas conversas, orientações e palavras sábias que sempre me incentivavam no decorrer da pesquisa.

Muito obrigado a todos!!!

SUMÁRIO

Resumo	I
Abstract.....	III
Introdução.....	1
1. O traçado metodológico: A História Oral.....	6
1.1. Porque o caminho da História Oral?.....	6
1.2. O status da História Oral e a diversidade de abordagens no método.....	10
1.3. História Oral e educação.....	13
1.4. História Oral na Educação Física.....	14
1.5. A proposta desse estudo.....	15
1.6. Procedimentos para análise dos dados.....	18
1.6.1 Análise dos documentos.....	18
1.6.2 Entrevistas.....	18
2. A historicidade da Educação Física, os depoimentos e suas significações.....	20
2.1. O contexto da Educação Física e da saúde no Brasil no período dos anos 30 à 50.....	20
2.2. Anos 70 – Valorização da aptidão física e a esportivização.....	24
2.3. A “abertura política” nos anos 80 e as novas perspectivas para a Educação Física.....	37
3. A prática dos professores de Educação Física na atualidade.....	48
3.1. Para onde vamos?.....	65
4. Considerações finais.....	72
5. Referências Bibliográficas.....	79
ANEXOS.....	85

RESUMO

Minha formação acadêmica, aliada à minha história de vida profissional, foram as motivações para o desenvolvimento do presente trabalho. A mudança de concepção em relação a forma de pensar o tema da saúde, principalmente no que diz respeito às aulas de Educação Física escolar, levou-me à curiosidade de analisar a história de vida profissional de professores que atuaram em períodos distintos, sob determinados contextos políticos, econômicos e sociais. Os objetivos do estudo consistiram em verificar quais os conceitos de saúde que permearam a prática profissional de professores de Educação Física formados em diferentes épocas e que atuaram em determinados contextos; relacionar as oralidades com a literatura e os documentos legais que norteavam as práticas profissionais; entender como o tema saúde foi sendo desenvolvido nas aulas de Educação Física e como é entendido hoje; verificar as convergências e as divergências dos documentos que nortearam/norteiam as práticas dos professores e analisar os discursos dos professores que lecionam atualmente na Educação Física escolar e verificar se corroboram com as orientações para as práticas pedagógicas e com os documentos legais vigentes para cada época apresentada. Para alcançarmos tais objetivos, utilizamos como metodologia a história oral temática, que com o auxílio dos informantes, permite construir versões sobre o passado que supostamente seja próxima da realidade. Fizeram parte do estudo cinco professores de Educação Física que atuaram na educação básica, sendo uma professora atuante de 1960 à 1986, uma professora atuante de 1979 à 2006, e três professores que ingressaram na rede pública de São Paulo há menos de cinco anos. Observamos, pela fala dos professores, que em épocas passadas as práticas pedagógicas condiziam com o que retratavam os documentos e a literatura, porém nos dias atuais os docentes pouco conhecem dos documentos orientadores das suas práticas profissionais, mesmo esses sendo referências bibliográficas obrigatórias nos concursos nos quais esses professores ingressaram para poder lecionar. Tal fato pode decorrer do pouco interesse dos cursos de graduação em discutir tal tema, e das inexistentes formações continuadas para

professores das redes públicas de ensino de São Paulo, bem como a má formulação dos documentos orientadores das práticas pedagógicas. A prática desses professores com relação à saúde nas aulas de Educação Física pouco mudou se comparado à épocas passadas, já que os aspectos biológicos ainda são tratados de forma intensa, especialmente a obesidade e a higiene.

PALAVRAS CHAVE: Saúde, Educação Física escolar, História Oral.

ABSTRACT

My academic background, coupled with the story of my life were the motivations for the development of this work. The change of design for the way you think the theme of health, especially with regard to physical education classes at school, curiosity led me to analyze the life history of professional teachers who worked in different periods, under certain contexts political, economic and social. The objectives of the study consisted of check which health concepts that permeated the practice of physical education teachers trained in different times and that worked in certain contexts, relate the oral literature and legal documents that shaped the working practices; understand health as the theme was being developed in physical education classes and as understood today, check the convergences and divergences of the documents that guided / guiding teachers' practices and analyze the discourses of teachers who teach physical education at school today and see if corroborate with the guidelines for teaching practices and existing legal documents presented for each season. To achieve these goals, we used the methodology of the thematic oral history, which with the help of informants, lets build on the past versions that are supposed to be close to reality. Study participants were five physical education teachers who worked in basic education, being an acting teacher from 1960 to 1986, an acting teacher from 1979 to 2006, and three teachers who enrolled in public schools of São Paulo in the last five years. Noted, the speech teacher, who in times past teaching practices matched with that portrayed the documents and literature, but these days teachers know little of the guiding documents of their professional practice, even these references are compulsory for competitions in which these teachers have joined in order to teach. This fact can result from the low interest of undergraduate courses in discussing this subject, and the continued non-existent training for teachers of public schools of São Paulo, as well as the poor drafting of documents guiding pedagogical practices. The practice of these teachers with respect to health in physical education classes has changed little compared to earlier times, since the biological aspects are still treated intensively, especially obesity and hygiene.

KEYWORDS: Health; Physical Education School; Oral History.

INTRODUÇÃO

Ensino Médio... lá começava a minha decisão por ser um profissional de Educação Física, após ter aulas e conhecer um professor que eu considerava diferenciado, e entender a disciplina muito além dos “rachas” de futebol no ginásio do colégio durante as aulas, algo comum até final do primeiro ano do Ensino Médio, até então ministrado por um profissional já aposentado, mas que ainda atuava. Na realidade, essa inspiração foi causada pela novidade e motivação na qual um professor recém formado pela Unicamp colocava em suas aulas, exigindo trabalhos e seminários sobre doping, esquemas de treinamento e inscrições em torneios colegiais de futsal.

Esse trecho que descrevi passa-se em final da década de 90 e início dos anos 2000, período em que ingressei no curso de Licenciatura Plena em Educação Física na Universidade Estadual Paulista (UNESP), na cidade de Bauru/SP. Durante o curso, as disciplinas mais temidas e que ocupavam os maiores tempos de estudos eram aquelas “ligadas à área da saúde”, como anatomia, fisiologia e cinesiologia. As matérias voltadas para a área da educação vieram praticamente no final do curso, e despendiam menos tempo de estudos para as provas. Isso talvez se devesse ao fato de muitos dos professores que ministraram as disciplinas ligadas à área da educação vincularem-se a outros departamentos dentro da universidade, o que causava uma desvalorização por parte dos discentes.

No período final da Universidade, trabalhei como estagiário em uma clínica de personal trainer na maior academia da cidade, onde aprendíamos a realizar avaliações físicas no computador, montar periodizações de treino, técnicas de alongamentos, entre outras atribuições de exigência desse profissional. Nesse momento, reta final do curso de graduação, tinha o pensamento de que a Educação Física era muito mais apoiada numa perspectiva biológica do que humana, a saúde era a estética pessoal do indivíduo, os quilos perdidos eram o mais importante e a vontade de construir uma carreira como personal trainer era imensa.

Após a conclusão do curso de graduação em Licenciatura Plena em

Educação Física no ano de 2003, minha prática profissional e minha vida acadêmica voltaram-se exclusivamente à área de treinamento físico. Nesse período ingressei no curso de Especialização em Fisiologia do Exercício na Unifesp, mais precisamente no ano de 2004 e atuei no ramo profissional de academias até 2006.

Passados dois anos do término da pós - graduação focada na área biológica da Educação Física, alguns alunos particulares e horas na sala de musculação não me pareciam mais tão motivantes, tanto em relação à satisfação profissional quanto financeiramente, e foi nesse momento da minha vida que surgiu a possibilidade de realizar a prova para lecionar nas escolas estaduais da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Nessa época três anos de estudos já haviam passado, com meu envolvimento exclusivamente na área de treinamento físico, e então fui fazer um curso preparatório para a prova do Estado. A bibliografia do concurso era extensa, e muitas referências relacionadas à saúde nas aulas de Educação Física eram exigidas, dentre elas Guedes (1999), Palma (2000), Darido (2003), Castellani Filho (1998). Além destes, outras referências foram os documentos referenciais e legais que mencionam a saúde, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, que tratam do tema na área educacional, e a Constituição Federal de 1988, que fala do direito do cidadão e o dever do Estado com a saúde. A prova continha questões de praticamente todas as bibliografias citadas anteriormente.

Chegando à escola, uma prática profissional até então desconhecida para mim, eu utilizava como base para minha prática profissional no ciclo I a bibliografia do concurso para o qual eu havia estudado. Portanto, eu tinha conhecimento de que a saúde era um tema transversal que necessitava ser trabalhado (PCN's) e para isso eu utilizava a Abordagem da Saúde Renovada (DARIDO, 2003). Nessa abordagem a autora menciona que a adoção de hábitos saudáveis para a vida toda seria possibilitada pela conscientização dos alunos da importância de exercícios físicos praticados na infância e na adolescência.

Dessa forma, exames biométricos, atividades de circuitos, recortes de informações nutricionais dos alimentos, Programa Agita Galera, Dia do Desafio,

eram comuns nas práticas, porém sem reflexões, mas impostos como conteúdos a serem trabalhados para contribuir para a saúde dos alunos.

Olhando hoje para a minha história como professor de Educação Física, percebo forte influência do modelo biomédico na elaboração dos planos de ensino e nas estratégias utilizadas nas minhas aulas no início da carreira na área escolar, todos voltados para a tentativa de conscientização dos alunos da importância da manutenção de uma vida ativa, conquistada pelos exercícios físicos e testes antropométricos, que por sua vez objetivavam avaliar os alunos quanto à sua melhora nos aspectos físicos. O modelo biomédico se caracteriza com o propósito da cura das doenças e a recuperação da saúde, ou seja, atua quando a doença já está instalada, não se preocupando com as causas (Bydlowski, Westphal e Bicudo Pereira, 2004). Porém, hoje, me pergunto: será que aquelas atividades desenvolvidas em aula eram significativas para os alunos? Eram suficientes ou adequadas para estimularem uma vida fisicamente ativa? Essas respostas estão em uma recente pesquisa desenvolvida por Seabra et al. (2008), que relatam que o professor de Educação Física na escola não representa influência positiva sobre os níveis de atividade física de adolescentes, já que os próprios jovens estão insatisfeitos com o nível de competição e divertimento existente nas aulas de Educação Física.

Atualmente, considerando outras concepções que norteiam como lidar com a saúde nas aulas de Educação Física, principalmente decorrente dos estudos e debates realizados no curso de mestrado em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu, acredito que minha prática passada pode ter sido frustrada, e hoje procuro estabelecer a prática docente para promover a saúde voltada aos aspectos humanistas e não só biológicos. Essa mudança de concepção na forma de olhar o fenômeno da saúde advém dos estudos sobre o Ideário da Promoção da Saúde nas orientações e na disciplina de Educação para Autonomia na perspectiva da Promoção da Saúde.

Dessa forma, hoje me preocupo com o ambiente escolar como um todo, ou seja, o ambiente da realização das aulas, as opções de alimentação desses alunos no interior da escola, sua vida econômica e social, e dessa forma, procuro

desenvolver a autonomia desses educandos quanto às suas práticas relacionadas à saúde. Minha história como pessoa e como professor interfere diretamente no modo como vejo minha comunidade e determina sobre quais bases construirei minha ação como educador.

Nesses quatro anos como professor e estudante assíduo da área de Educação Física escolar relacionado à saúde, desperta-me a curiosidade desvendar, nesse trabalho, as influências que as histórias de vida, de formação e profissional dos docentes possuem nas suas práticas no cotidiano escolar no que diz respeito à saúde em suas aulas.

O conceito de saúde nunca foi estático, sendo em determinada época sinônimo de corpo forte e saudável. Em outros tempos o simples fato de não estar doente significava ter saúde. E a Educação Física, será que estava voltada para esses diferentes objetivos, de acordo com cada época, ou teve um mesmo objetivo ao longo de sua história?

Documentos com a finalidade de orientar e subsidiar a prática docente surgiram nos anos 90 e são publicadas até os dias atuais. Dentre eles, os Parâmetros Curriculares Nacionais, no qual me apoiei no início de minha prática, e as Propostas Curriculares para as escolas de Educação Básica, que são exemplos de documentos que são exigências nos concursos e que podem apoiar as práticas docentes em Educação Física. Será que esses documentos atuais mudaram os focos dos documentos de épocas passadas? O que permaneceu e o que foi alterado de uma determinada época para outra? Será que as práticas dos profissionais de Educação Física escolar iam/vão ao encontro do que mencionam ou mencionavam os documentos em diferentes épocas e contextos? Esclarecimentos como esses são importantes para entendermos as práticas dos professores no decorrer dos anos e nos dias atuais, especificamente no que tange ao tema da saúde na Educação Física escolar.

Sendo assim, parece importante entendermos o conceito de saúde ao longo dos tempos e como eram/são as práticas da Educação Física na escola em diferentes contextos de épocas passadas até os dias atuais. Por isso, os relatos das histórias de vidas profissionais dos professores podem nos mostrar como

eram desenvolvidas essas práticas, levando-nos a entender, por meio da oralidade, o conceito de saúde inserido no período em que aquele profissional atuou, ou atua nos dias de hoje. Nessa linha, entendo ser essencial esclarecer questões como: *o que pensam os professores de Educação Física que atuam no Estado de São Paulo quanto ao tema saúde relacionada às suas aulas? A prática desses professores condiziam / condizem com o relatado nos documentos da época e da literatura vigente? Será que os depoimentos dos professores corroboram entre si?* Supomos, a partir da problemática estabelecida, que os documentos referenciais da prática pedagógica, bem como os documentos legais, devem nortear o trabalho do professor, ou seja, os depoimentos deveriam estar de acordo com a literatura de cada período, bem como a fala dos docentes que atuam nos dias atuais.

Sendo assim, a seguir apresento os objetivos do presente estudo:

- Verificar quais os conceitos de saúde que permearam a prática profissional de professores de Educação Física formados em diferentes épocas e que atuaram em determinados contextos dentro do Estado de São Paulo;
- relacionar as oralidades com a literatura e os documentos legais que nortearam as práticas profissionais;
- entender como o tema saúde foi sendo desenvolvido nas aulas de Educação Física e como é entendido hoje;
- verificar as convergências e as divergências dos documentos que nortearam/norteiam as práticas dos professores;
- analisar os depoimentos dos professores que lecionam atualmente na Educação Física escolar e verificar se corroboram com as orientações para o trabalho pedagógico dos docentes e com os documentos legais vigentes para cada época apresentada.

No caso específico desse trabalho, utilizaremos como método a história oral temática, já que busca-se compreender num assunto específico e previamente estabelecido, que se compromete com o esclarecimento ou opinião do entrevistador sobre algum evento definido (MEIHY, 2000).

1. O TRAÇADO METODOLÓGICO: A HISTÓRIA ORAL

1.1. POR QUE O CAMINHO DA HISTÓRIA ORAL?

A Educação Física, como componente curricular da educação básica, esteve por diversos aspectos ligados às questões da saúde no ambiente escolar. Nesse presente trabalho, partimos das idéias difundidas da década de 30 até chegar aos dias atuais, analisando documentos oficiais de cada época, a literatura em cada contexto e, para dar o significado e compreender as práticas profissionais docentes, a oralidade de quem presenciou e atuou sob esses determinados contextos. Para extrairmos o máximo de informações, o método mais adequado é o da história oral, que se constitui como instrumento de investigação quando o pesquisador atribui um caráter científico a sua pesquisa: este deve estar orientado por um conhecimento teórico prévio; a problemática deve estar inserida num projeto previamente formulado, e o uso de instrumentos e técnicas de pesquisa definidos (GONÇALVES E LISBOA, 2007).

Isso quer dizer que, eu como pesquisador, tenho que estar devidamente orientado sobre o assunto no qual irei abordar nas entrevistas, ou seja, o tema da saúde nas aulas de Educação Física escolar, bem como o instrumento de pesquisa, que será a entrevista com as questões previamente formuladas e as técnicas, que constarão da utilização de um gravador digital e a transcrição da fala. Todos esses processos descritos foram definidos na fase inicial da pesquisa.

Segundo Giglio e Simson (2001) o principal objetivo da história oral como método é, com o auxílio de informantes, construir versões sobre o passado que a memória deles permita elaborar, e que, supostamente, seja próxima da realidade.

Sobre esse aspecto, Meihy (2006) considera que o uso da história oral está atrelado aos documentos oficiais e onde eles não atuam revelando assim segredos, detalhes, ângulos pouco ou nada prezados pelos documentos formalizados, ou seja, seria matéria da história oral captar as vozes ocultas pelo saber oficializado, construído por meio de documentos convencionais, principalmente escritos. Aspectos subjetivos, deformações dos fatos, mentiras,

fantasias, ilusões, seriam consideráveis para quem procura mais do que a “verdade”, os motivos das “inverdades”. Sem a consideração da subjetividade, seria inviável pensar a História Oral que superaria os documentos convencionalmente consagrados como “históricos”.

Em sua obra, “Manual de História Oral”, Meihy (2000) aponta as três modalidades presentes na história oral:

- 1) de vida;
- 2) temática;
- 3) tradição oral.

A História oral de vida tem sido um das formas mais cultivadas do gênero, e trata-se da narrativa do conjunto de experiência de vida de uma pessoa. Há tempos as histórias de vida têm chamado a atenção de pessoas preocupadas em entender a sociedade em seus efeitos íntimos e pessoais. Nas entrevistas de história oral de vida as perguntas devem ser amplas, sempre postas em grandes blocos, de forma a indicar grandes acontecimentos. Já a Tradição oral é uma das mais complexas e raras expressões da história oral, já que trabalha com a permanência dos mitos e com a visão de mundo de comunidades que tem valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto. Por último, a história oral temática é a que mais se aproxima das soluções comuns e tradicionais de apresentação dos trabalhos analíticos em diferentes áreas do conhecimento acadêmico, sendo que quase sempre ela equivale ao uso da documentação oral ao uso das fontes orais (MEIHY, 2000).

Freitas (2002) reforça essas idéias, diferenciando principalmente a história oral de vida da história oral temática, afirmando que na história de vida é feita a reconstituição do passado, efetuada pelo próprio indivíduo, podendo abranger a totalidade da existência do informante. Com a história oral temática, a entrevista ganha um caráter determinado e é realizada com um grupo de pessoas sobre um assunto específico. Essa entrevista não abrange, necessariamente, a totalidade da existência do informante, podendo o depoimento ser mais numeroso, resultando em maior quantidade de informações, o que permite uma comparação entre as informações, apontando divergências, convergências e evidências de

uma memória coletiva, por exemplo. Isso significa que as pessoas vivem os fatos de formas diferentes, portanto nas falas de um mesmo tema, podem aparecer diversas explicações, convivências e influências passadas, passagens diferenciadas, e que propiciem uma amplitude de informações nos depoimentos.

No método da história oral fica claro o aspecto da subjetividade humana e sua importância para a pesquisa. Para isso, as entrevistas há de serem bem estruturadas, com uma boa relação pesquisador/entrevistado, sempre com perguntas amplas, onde o sujeito sinta à vontade para falar sobre o tema. Outro ponto a se destacar é que a fala sobre o tema é direta, ou seja, no caso do nosso trabalho, o conceito de saúde e as práticas profissionais dos professores frente ao tema constituem-se o assunto estabelecido, e dessa forma as perguntas há de serem diretas referentes ao interesse a ser pesquisado.

Thompson (2002) faz uma observação em relação à entrevista no método da história oral, afirmando a importância de se estabelecer uma conversa livre em que o informante seja convidado a falar sobre um assunto de interesse comum, diferentemente dos questionários de perguntas fechadas, cujos padrões inibem a memória do respondente, de tal modo a ficar reduzido a palavras monossilábicas, ou expressões breves. O ideal seria não propriamente uma entrevista, mas sim uma conversa livre em que a pessoa seja convidada a falar sobre um assunto, tendo como argumento o fato de não termos como objetivo a busca de informações ou evidências, mas sim de fazer um registro subjetivo de como um homem olha para trás e enxerga a própria vida.

Gonçalves e Lisboa (2007) ressaltam, também, as condições de realização das entrevistas no método da história oral. O espaço físico deve permitir que o diálogo possa ser realizado de forma espontânea e ao mesmo tempo reservada, além de serem marcadas previamente o local, a data e o horário dos encontros, com o objetivo da pesquisa esclarecido. Freitas (2002) ainda menciona que o contato inicial deve ser feito por telefone, durante o qual informamos ao entrevistado sobre os objetivos do projeto e da importância do seu depoimento para a pesquisa. Para tal, o pesquisador deve ser capaz de lidar com a memória do depoente, ativando o processo de recordação e conduzindo o informante a

níveis mais profundos de construção de relatos sobre suas experiências passadas.

Quanto ao ambiente, o autor afirma que a entrevista deve ser realizada em um local onde o informante se sinta à vontade e que, em geral, o melhor lugar é a sua própria casa. Isso é verdadeiro principalmente no caso de uma entrevista centrada na infância ou na família. Uma entrevista no local de trabalho, ou num bar, ativará mais fortemente outras áreas da memória, e também pode ter como resultado uma mudança para um modo de falar menos “respeitável” (THOMPSON, 2002).

Até aqui, nossos esclarecimentos foram para entender a estrutura que cerca o método da história oral, como os instrumentos e técnicas utilizadas, o objetivo dessa metodologia, as modalidades presentes na história oral, sua subjetividade e as condições de realização das entrevistas. Agora, iremos apontar os pontos importantes para a realização de entrevistas com qualidade e que vão ao encontro do proposto para objetivo do trabalho.

Freitas (2002) menciona a preocupação com a qualidade e não com a quantidade de entrevistas a serem realizadas, além de não limitar o tempo de duração das entrevistas, e essas devem respeitar sempre a velocidade e as formas de se expressar de cada indivíduo. Além disso, é de suma importância a elaboração do roteiro das entrevistas, onde todo pesquisador precisa ter claro como conduzir a sua entrevista e quais as questões mais importantes a serem perguntadas. É de suma importância salientarmos que as entrevistas podem tomar diferentes rumos, dependendo dos depoimentos dos entrevistados, por isso nosso roteiro serve para termos como base as informações que queremos absorver de cada entrevistado.

Outro fator importante é ficar sozinho com o entrevistado, pois a completa privacidade proporcionará uma atmosfera de total confiança em que a franqueza se torna muito mais possível. A presença de outra pessoa na entrevista não só inibe a franqueza, como exerce uma pressão no sentido de um testemunho socialmente aceitável. (THOMPSON, 2002).

Thompson (2002) salienta que a história oral ajusta-se ao trabalho por projetos, seja em escolas, universidades, faculdades, na educação de adultos, ou em centros comunitários. Além disso, um projeto será certamente viável se especialmente o projeto focar as raízes históricas de alguma preocupação contemporânea, sendo que assim demonstrará a importância do estudo histórico para o meio ambiente imediato, ou seja, não faz sentido você pesquisar algo na história se não te servirá para nada na atualidade.

É nesse aspecto que, na atualidade, o conceito de história oral aparece bastante difundido, com estudiosos da área defendendo diferentes status e abordagens, como veremos a seguir.

1.2. O STATUS DA HISTÓRIA ORAL E A DIVERSIDADE DE ABORDAGENS NO MÉTODO

Ferreira e Amado (2006), na apresentação da obra "Usos e Abusos da História oral" discutem o *status* da história oral, e dividem em três as principais posturas adotadas a respeito do seu *status*. A primeira postura diz que a história oral é uma técnica, sendo que aos defensores dessa perspectiva interessam as experiências com gravações, conservação de entrevistas, que são utilizadas como fontes de informação. Dessa forma, os defensores da história oral como técnica negam qualquer pretensão metodológica ou teórica, afinal nesse caso ela se constitui como parte de procedimentos técnicos. Entre os autores que acreditam nessa perspectiva está William Roger¹, que acredita ser a história oral fruto do cruzamento da tecnologia do século XX com a eterna curiosidade do ser humano, ou seja, a história oral não passa de um conjunto de procedimentos técnicos para a utilização do gravador em pesquisa e para a posterior conservação das fitas. Para o autor, a história oral não possui os fundamentos filosóficos da teoria, nem

¹ Roger, William. Notes on oral history. International Journal of Oral History, 7(1):23-8, 1986.

os procedimentos que possam ser qualificados como metodológicos.

O segundo *status* da história oral é advogado pelos seus defensores como sendo uma disciplina. Para assim considerá-la, parte-se do pressuposto de que a história oral inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos, conhecimento. Mas quais conceitos, idéias, características e direções integrariam a história oral segundo esses pesquisadores? Nesse ponto, surgem dificuldades, pois os autores divergem; afirma Mikka² (1988) apud Ferreira e Amado (2006) que “o corpo teórico da história oral precisa ser mais bem delineado; embora constituído, encontra-se no centro de controvérsias”. Isso significa que os próprios autores que defendem esse status partem de pontos de vistas diferentes, e até opostos.

Por último, relatamos aqueles que acreditam a história oral como metodologia, onde se situam as autoras da obra “Usos e abusos da História Oral”. A história oral estabelece e ordena procedimentos de trabalho funcionando como ponte entre a teoria e a prática. As autoras não a classificam apenas como prática, mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, causar e jamais de solucionar; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas, por isso precisa do complemento da prática (FERREIRA E AMADO, 2006).

Nesse ponto está o porquê da utilização da história oral como método, já que quando o sujeito fala, vem junto o significado, pois aquele indivíduo viveu, passou por todo aquele período no caso pesquisado. Churton (1986) já dizia que a história oral é uma forma pelo qual o passado é lembrado e preservado por meio de um meio verbal. Excepcionalmente, os fatos são narrados por pessoas que experimentaram os eventos próprios ou comunicada com outras pessoas que fizeram. Ao contrário do documento escrito, uma história oral transmite o que é lembrado com as emoções e expressões.

Um fator determinante para essa metodologia é podermos ter por meio da história oral esse olhar diferenciado quanto a um fato histórico, já que há a voz do passado. Sobre isso Thompson (2002) nos remete que

² Mikka, Ian. What on Earth is oral history? In: Elliot, James K. New trails in history. Sydney, Australian Press, 1988.

"A História Oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a História Oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história - seja em livros, museus, rádio ou cinema - pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras". (p.22)

Relacionando o trecho com o objetivo proposto no nosso estudo, podemos afirmar que a oralidade dos sujeitos entrevistados podem nos revelar informações que até então estavam obscuras na literatura pertinente à época que esse entrevistado viveu, e nos instigar para novos campos de investigação até então desconhecidos, alterando o rumo da própria história. Se um sujeito afirmar, por exemplo, que existiam fatos e que ele vivenciou por tal, e esses forem de encontro com os documentos, é uma descoberta que pode mudar o histórico daqueles fatos pertinentes ao assunto debatido na entrevista.

Meihy (2006) ao escrever sobre os novos rumos da história oral no Brasil considera que estes ainda são incertos, bem como suas origens. Argumenta afirmando que não alcançamos a formulação de problemas centrais da nossa história oral, já que carecem ainda de fundamentos as apropriações da oralidade nas diferentes disciplinas acadêmicas, sem falar na quase leviandade em se aplicar ao uso de entrevistas à conceituação de história oral. Por outro lado, afirma que há boas promessas, ressaltando o papel das novas gerações que passam a fazer pesquisas de campo e se mantêm razoavelmente alheias às práticas "dependentistas" de legitimação dos próprios trabalhos segundo inspiração estrangeira.

1.3. HISTÓRIA ORAL E EDUCAÇÃO

Um exemplo significativo de um estudo da área da educação que teve como método a história oral é o de Ishii (2008), que com o objetivo de investigar e ressignificar a trajetória histórica do ensino da matemática no Brasil por meio das vozes de professores formadores que trabalham à luz de uma pedagogia crítica e transformadora, não teve como pretensão reconstruir histórias, fazer registros rigorosos, nem elaborar algum juízo, mas sim rever os caminhos do ensino por meio do olhar das testemunhas, além de procurar indícios do ensino de hoje das matemáticas construídas no passado, ou seja, um trabalho que levou em consideração suas dimensões passadas, presentes e futuras, em uma dinâmica global.

Um autor bastante mencionado pelos pesquisadores brasileiros da área é o português Antonio Nóvoa, que detecta a utilização contemporânea das abordagens autobiográficas como conseqüência da insatisfação das Ciências Sociais em relação ao tipo de saber produzido e em relação à necessidade de renovação dos modos de conhecimento científico. Nóvoa (2000) cita Ferrarotti (1988), que considera que o homem é o universo singular, já que singulariza nos seus atos uma estrutura social, por isso podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma prática individual, e assim essa atenção concedida às abordagens (auto)biográficas é expressão de um movimento social mais amplo. Encontramo-nos perante uma mutação cultural que, pouco a pouco, faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas.

Nóvoa (2000) considera que a integração dessas abordagens no espaço educativo, sobretudo na área da formação de professores, não tem sido fácil, já que do ponto de vista teórico, as fragilidades conceituais das Ciências da Educação provocam uma necessidade de afirmação com base nos paradigmas científicos dominantes, o que dificulta a emergência de novas perspectivas.

Talvez essa dificuldade de afirmação na área educacional esteja ligada à discussão da cientificidade ou não da história oral, na qual Meihy (2000) afirma que

“Cabe, independentemente dos comprometimentos dos sentidos de seu uso, reconhecer que não são poucos os que insistem em vê-la como instrumento capaz de pôr novos elementos à disposição dos interessados na leitura da sociedade. A discussão sobre o caráter científico da história oral pode ser atenuada na medida em que o processo criativo atua desde a concepção do projeto até sua elaboração. Em particular, os processos de transformação da linguagem oral para a escrita implicam soluções próximas da literatura e isso faz que a equiparação com a arte seja mais lógica. Ironicamente, a aproximação dos conceitos artísticos, sobretudo no tocante à linguagem, justifica esse ângulo da história oral no fator de vínculo e aceitação ampla” (p. 33).

Quanto a esse aspecto, cabe a nós pesquisadores das áreas das ciências humanas e mais especificamente da área educacional a meta de constituirmos trabalhos científicos/acadêmicos com a metodologia da História oral com argumentações teóricas que sustentem nossa escolha para uma pesquisa voltada para a “modernidade científica”, que busque exilar-se das mesmices das pesquisas clássicas e muitas vezes de cunho positivistas que rondam a ciência nos dias atuais. Como afirmou anteriormente Meihy (2006), as novas gerações há de ficarem alheias às práticas “dependentistas”.

1.4. HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Para podermos entender como o método da história oral vem sendo utilizado na área da Educação Física foi realizado um levantamento no portal da CAPES dos resumos das teses e dissertações que utilizaram o método na respectiva área. Para tanto foram utilizados na busca as palavras chaves *“história oral e educação física”*. Foram encontrados 19 resumos, produzidos entre os anos

de 1987 e 2007. A Universidade Federal de Santa Maria, com 5 trabalhos, foi a instituição que apresentou maior número de estudos utilizando a História Oral. Vale salientar que podem existir outros trabalhos que utilizaram o método e que não apareceram na busca, bem como as instituições que não são cadastradas no portal, possivelmente pelo fato de os cursos não serem reconhecidos ou terem perdido o credenciamento.

Os trabalhos seguem a época em que os estudos autobiográficos tiveram um crescimento como metodologia na área da educação, que foi a década de 90 (BUENO ET AL., 2006). O primeiro trabalho encontrado data de 1995, tendo a maior parte dos trabalhos sendo desenvolvidos após os anos 2000.

O critério de seleção dos professores das pesquisas mencionadas segue o padrão de o entrevistado ter vivenciado e/ou ter feito parte do momento (período) pesquisado, de acordo com o tema que o trabalho propõe. Os roteiros para os pesquisadores são comuns, e as fontes escritas são uma constante, exatamente para conflitar com as palavras dos sujeitos entrevistados.

1.5. A PROPOSTA DESSE ESTUDO

Para a realização de uma pesquisa bem sucedida, utilizando a História Oral, os sujeitos foram selecionados de acordo com o período em que trabalharam, lecionando a disciplina de Educação Física na Educação Básica e, posteriormente, confrontado seus depoimentos com a literatura e os documentos pesquisados relativos a cada época. Foram selecionados cinco professores, sendo que uma professora atuou de 1960 à 1986, uma professora atuou de 1979 à 2006, uma professora formada à menos de dez anos e dois professores recém-formados e que atuam na escola nos dias atuais. Essa seleção deve-se ao fato de um dos focos do trabalho estar exatamente no cenário atual da relação Educação Física escolar/saúde.

A forma como selecionamos esses entrevistados não obedeceu a uma norma rígida. Levei em consideração que o professor tivesse o perfil que atendesse os critérios de inclusão do trabalho, que consistiria em ter trabalhado

necessariamente na educação básica e ter lecionado em escola pública, bem como os professores das épocas passadas, das décadas de 60 à 90, estarem necessariamente aposentados e não atuantes.

O primeiro professor selecionado veio por intermédio de um familiar do pesquisador, que teve aula com essa professora no interior do Estado de São Paulo, e foi quem me forneceu o telefone para que eu entrasse em contato. A segunda entrevistada é irmã de uma professora que trabalha comigo na escola onde atuo, e conversando sobre o trabalho vi que ela atendia os critérios para ser selecionada. A terceira professora trabalhou comigo no primeiro ano de magistério na mesma escola, ingressamos juntos na rede estadual de São Paulo, e entrei em contato também por telefone. O quarto professor é um familiar que terminou recentemente o curso de Educação Física, e o contato, bem como o convite para entrevista, foi realizado pessoalmente. A quinta professora também ingressou comigo na rede estadual de São Paulo, e era conhecida de uma professora que lecionava na minha escola no ano de 2009, sendo que este o primeiro contato foi através de e-mail. A seguir, apresento um pouco mais dos momentos das entrevistas iniciais que me permitiram conhecer melhor cada professor:

- Professora 1, nascida em 31/03/1937, ingressante no curso de Educação Física em 1957 na cidade de São Carlos. Lecionou de 1960 à 1986 em escolas públicas e privadas no interior do Estado de São Paulo, e tive o primeiro contato pelo telefone. Aceitou receber-me em sua residência na cidade de Batatais/SP, e numa bela e quente tarde de sexta feira do mês de setembro de 2009 estávamos lá para um ótimo bate papo. Inicialmente mostrou-se um pouco apreensiva, com medo que eu lhe fizesse perguntas difíceis, ou que ela não soubesse responder, já que ela estava há muito tempo aposentada, e tivesse a sensação de que as perguntas seriam da atualidade. Percebendo um pouco de sua apreensão fui direcionando uma conversa solta, na qual a entrevistada em pouco tempo sentiu-se à vontade para falar sobre o assunto, inclusive tomamos até um *cafezinho* juntos que ela insistiu em preparar. A entrevista durou aproximadamente uma hora e meia, e a satisfação da professora em ter se lembrado, segundo ela, de uma época “*muito boa*”, foi evidente.

- Professora 2, nascida em 31/01/1957, ingressante no curso de Educação Física em 1976 na Faculdade de Educação Física de Santo André (FEFISA). Lecionou na educação básica de 1979 à 2006, quando se aposentou. O primeiro contato foi realizado pelo telefone e a entrevista foi agendada para o dia seguinte, realizada no mês de novembro de 2009, numa tarde chuvosa na capital paulista. Recebeu-me em sua casa, mostrou-se muito a vontade durante toda a conversa, que durou aproximadamente uma hora e dez minutos.

- Professora 3, nascida em 12/02/1978, ingressante no curso de Educação Física da Unip em São Paulo, onde se graduou no ano de 2001. Prestou a prova e foi aprovada no mesmo concurso que eu para a Secretaria de Estado da Educação. Começou a ministrar aulas no ano de 2006 na mesma escola onde atua até hoje. O primeiro contato também ocorreu por telefone, e a entrevista foi marcada para uma segunda feira do mês de novembro de 2009. Foi a entrevistada que mais se sentiu a vontade durante a entrevista, talvez por já me conhecer (ingressamos juntos na rede estadual paulista e já trabalhamos juntos na mesma escola), e o diálogo de aproximadamente quarenta e cinco minutos foi muito franco e aberto.

- Professor 4, nascido em 10/08/1985, ingressante no curso de Educação Física do Mackenzie na cidade de Barueri em 2004, e terminou a graduação em 2007. Ingressou no concurso da Prefeitura de São Paulo em 2008 na mesma escola onde atua até hoje. O contato e o convite para entrevista ocorreu pessoalmente, tendo sido realizada em sua residência numa tarde do mês de dezembro de 2009. A entrevista durou pouco mais de 20 minutos, já que foi o entrevistado que menos falou, porém os conteúdos da entrevista foram de suma importância para o trabalho.

- Professora 5, nascida em 22/11/1984, ingressante do curso de Educação Física da Unicamp em 2002, onde se formou em 2005. Ingressou na rede Estadual de ensino no mesmo concurso que eu em 2006 e na Prefeitura de São Paulo em 2008. O contato inicial foi por e-mail, e posteriormente por telefone. Foi combinado data, hora e local para o bate papo. A entrevistada preferiu realizar a entrevista em uma escola perto de sua residência (escola onde eu atuo hoje)

numa tarde do mês de fevereiro de 2010. A entrevista durou aproximadamente 30 minutos, em uma conversa bastante descontraída.

1.6. PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

1.6.1. ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

Nosso trabalho iniciou-se com uma pesquisa histórica baseada em diversos autores sobre a história da Educação Física, sua relação com a saúde e sua aplicabilidade no ambiente escolar. Concomitantemente a essas leituras, foram aparecendo documentos legais que permeavam, ou deveriam ser referências, das práticas profissionais dos professores de cada época.

Sendo assim, fizemos o caminho desde os anos 30 até os dias atuais, passando pelos momentos e fatos marcantes de cada época, tendo nosso foco voltado dos anos 90 para cá, já que são essas as práticas e as referências legais que os professores utilizam nos dias de hoje nas escolas. Portanto, documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais, Carta Brasileira de Educação Física, Proposta Curricular, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, bem como as bibliografias de concursos recentes para provimento de cargos de professores de Educação Física foram utilizados para subsidiar parte do trabalho.

1.6.2. ENTREVISTAS

As entrevistas no método da história oral seguem um padrão determinado, como vimos anteriormente, onde o contato inicial é geralmente realizado pelo telefone para explicar os objetivos da pesquisa e a importância daquele sujeito para o trabalho. Para cada entrevista foi montado um roteiro, que como tal, não deve ser seguido a risca, mas serve como uma orientação no momento de realização da entrevista, levando o pesquisador ao encontro das informações que queremos extrair dos depoentes. Para entrevista, foi utilizado um gravador digital. Após as entrevistas, houve o processo de transcrição literal do que os

entrevistados falaram, seguido da seleção das frases significativas e as análises dos depoimentos e a comunicabilidade com as referências e os documentos legais.

Vale lembrar que os depoimentos não são analisados apenas em relação à linguagem, mas também os sentimentos colocados pelos professores nas falas, suas expressões e emoções, enfim toda subjetividade dos depoimentos é levada em consideração e não apenas o que está entre aspas.

2. A HISTORICIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA, OS DEPOIMENTOS E SUAS SIGNIFICAÇÕES

2.1. O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DA SAÚDE NO BRASIL NO PERÍODO DOS ANOS 30 À 50

A Educação Física no Brasil se confunde em muitos momentos de sua história com os militares e as instituições médicas, onde em determinados momentos estas instituições delimitam seu campo de conhecimento, tornando-a um valioso instrumento de ação e de intervenção na realidade educacional (SOARES, 2004). Diversos fatos como a criação da ginástica alemã em 1860, a criação da Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo em 1907, a portaria do ministério da guerra em 1922, criando o Centro Militar de Educação Física, e a marcante presença dos militares na formação dos primeiros professores civis de Educação Física reforçam essa idéia, que será discutida ao longo do texto (CASTELLANI FILHO, 1998).

Tendo suas origens marcadas pela influência militar, a Educação Física no Brasil foi entendida desde o século XIX como um elemento de extrema importância para forjar um indivíduo “forte” e “saudável”, indispensável para implantação do processo de desenvolvimento do país, que buscava construir seu próprio modo de vida. Contudo, esse entendimento, que levou a associar a Educação Física à *educação do físico*, à *saúde corporal*, não se deve exclusivamente aos militares, como veremos a seguir (CASTELLANI FILHO, 1998).

Soares (2003) afirma que nos anos 20, a Educação Física e os esportes eram vistos, por médicos e educadores, como importantes fatores de higiene pessoal e de coesão social. Educação Física e esportes eram *“problemas de saúde públicos”* e vistos como uma necessidade, ou seja, a Educação Física fortificava e disciplinava o caráter e o corpo.

Nessa época, a atenção médica não era uma prioridade do governo da União, que determina que “os socorros médicos e de higiene prestados terão

caráter excepcional e serão motivados unicamente pelo caso de calamidade pública” (RUFFINO - NETTO E SOUZA, 1999).

Por volta da década de 30, surge a idéia de que a melhoria e o aperfeiçoamento da “Raça” brasileira poderiam ser alcançados com a prática sistemática e orientada de atividade física (BETTI, 1991). Competia ao professor de Educação Física dirigir e orientar os exercícios de modo que influenciasse enérgica e eficazmente sobre cada organismo, ordená-los em série gradual, harmonizá-los com o período de evolução orgânica, inculcando o prazer ou, ao menos, evitando o tédio, e constatar, enfim, pelos processos vários de mensurações corporais, os resultados de seu ensino. (CASTELLANI FILHO, 1998). Esse período foi chamado de Movimento Higienista, que teve em 1938 o editorial da revista *Educação Physica* (n.19, p.9) definindo que “A educação physica é um meio eficaz de propagar a hygiene e alcançar a saúde”. Nesse caso, a prática de atividade física fortalecia o homem e afastava a doença, sendo símbolo de saúde (GÓIS JUNIOR E LOVISOLO, 2003).

À Educação Física, portanto, era destinado um papel preponderante, no qual o raciocínio era simples: mulheres fortes e sadias teriam mais condições de gerarem filhos saudáveis, os quais, por sua vez, estariam mais aptos a defenderem e construir a Pátria, no caso dos homens, e de se tornarem mães robustas no caso das mulheres (CASTELLANI FILHO, 1998).

Quanto à saúde no cenário nacional, foi justamente em 1930 que foi criado o Ministério da Educação e Saúde. Na década de 30, o setor de Saúde Pública experimenta uma centralização da política de saúde pelo Estado Nacional, onde as campanhas sanitárias foram elementos importantes no processo de centralização, como respostas às crises sanitárias oriundas da falta de uma estrutura de saúde capaz de atender necessidades básicas da população. Sendo assim, foram organizados serviços especiais de combate à tuberculose e à lepra além de hospitais e laboratórios de saúde pública (RUFFINO - NETTO E SOUZA, 1999).

Exemplo do que aconteceu com a Educação Física na época é o Decreto-lei 3199 de 1941, que no seu artigo 54 coloca que “às mulheres não se permitirá a

prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. (CASTELLANI FILHO, 1998).

Góis Junior (2000), em sua dissertação de mestrado, estudou os ideais dos higienistas e afirma que muito desses ideais pode ser referência em nosso tempo, pelo seu caráter de reivindicação e intervenção. Salieta que os higienistas se preocupavam com a democratização da Saúde e Educação, discursavam e intervinham neste sentido, ao contrário dos dias atuais, que não mostra preocupação do acesso da saúde às pessoas mais pobres, enfatizando que a intervenção sobre as condições públicas e sociais deixa espaço para ação individual no plano de saúde, para responsabilidade de cada um com sua própria saúde.

Um fato político importante nessa época é a criação do Diretório Acadêmico dos estudantes de Educação Física em 1940, por iniciativa do Major Rolim (MOURA, 2009). Nesse período estamos no Estado Novo, que tem uma transformação na política educacional, pois o novo regime de autoridade tinha diretrizes definidas e ideologia própria a ser difundida pela educação, com exaltação ao nacionalismo, o anticomunismo e a valorização do ensino profissional (PAIVA, 1983 apud CASTELLANI FILHO, 1998).

Em 1945 o Estado Novo chega ao seu final, com a renúncia de Getulio Vargas, pressionado pelos militares. E é exatamente em 1945 que o decreto-lei 8270 altera o currículo de Educação Física, com a inserção do estudo do comportamento motor e o curso passa a ter três anos de duração para a formação do profissional. Logo depois, em 1946 a instrução militar é extinta pelo presidente Dutra. Se antes, em 1930, tínhamos uma Educação Física higienista, preocupada com a prevenção de doença e uma sociedade livre de vícios, vemos agora uma Educação Física militarista, formando uma juventude pronta para defender a pátria, forte, robusta e rígida. (MOURA, 2009).

Eurico Gaspar Dutra permanece no poder até 1950, quando Getulio Vargas assume novamente a presidência do país, e suicida-se em 1954, sendo assim o Brasil presidido por três líderes políticos até 1955, quando assume Juscelino

Kubistcheck. Nessa época os estudantes do Diretório Acadêmico de Educação Física realizam uma greve reivindicando melhorias no curso promovido pela Escola Nacional, que organizava cursos de extensão como “Problemas atuais da Educação Física” em 1954 e “Curso de especialização sobre recreação” em 1958 (MOURA, 2009)

Fica claro que o pensamento dos militares foi de que a atividade física seria uma necessidade para a formação de indivíduos fortes e saudáveis, preparados para defender a Pátria do país e isto seria possível com uma prática sistematizada da Educação Física principalmente nas escolas (MOURA, 2009).

É exatamente nesse contexto que a professora 1, nossa primeira entrevistada, decide pelo curso de Educação Física e depois de concluído começa a lecionar na educação básica, com turmas femininas já que na época as turmas eram divididas, com um professor do sexo masculino para os alunos homens e ela atuando com as alunas do sexo feminino.

“Na época existia faculdade de Educação Física só em São Carlos, São Paulo e Bauru, isso em 1957. Fui para São Carlos porque era a mais próxima... me formei em 1959, três anos de curso... em 1960 eu comecei a lecionar, no Industrial... Nunca trabalhei com turmas mistas, só feminina”

A narradora salienta para o fato de existirem nessa época apenas três faculdades de Educação Física no Estado de São Paulo e que foi cursar na próxima de sua cidade, destaca o fato do curso ter apenas três anos, possivelmente por hoje a grande parte dos cursos terem quatro anos de duração, e nunca ter trabalhado com turmas mistas, apenas femininas, já que era uma professora do sexo feminino, o que hoje não é mais habitual. O Industrial, local que menciona que lecionava, era o nome da escola na qual ministrava aulas na época.

Vale ressaltar que nessa época deu-se a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4024 de 1961, que não dispõe de nenhuma orientação específica no que diz respeito à Educação Física, mas sim da

organização escolar num todo, como por exemplo as cargas horárias e as durações dos ensinos primários e secundários no país.

2.2. ANOS 70 – VALORIZAÇÃO DA APTIDÃO FÍSICA E A ESPORTIVIZAÇÃO.

Na década de 70 iniciou-se uma extensa reorganização de conceitos e a ascensão do fenômeno esportivo, que levou à formulação de um novo modelo para a Educação Física no país. O período assinalou a ascensão do esporte, e a aptidão física foi definida como referência para orientar o planejamento, controle e avaliação da Educação Física. Em 1971, a Educação Física escolar recebeu uma nova regulamentação específica, o Decreto 69450/71, que impôs que a mesma, sob o enfoque desportivo e recreativo, deveria integrar como atividade escolar regular o currículo dos cursos de todos os graus de ensino, entendendo-a como atividade que por seus meios, processos e técnicas, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando (BETTI, 1991).

Em 1971 foi publicada uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a lei nº 5692/71, de caráter tecnicista, que reforçou o Decreto-lei 69450/71, ou seja, a Educação Física acoplada, mecanicamente, à “*Educação do Físico*”, pautada numa compreensão de saúde de índole bio-fisiológica. Essa percepção ficou clara na legislação esportiva brasileira, quando no artigo 5 da Lei nº 6251/75 afirmou ser um dos objetivos básicos da Política Nacional de Educação Física e Desportos, o “...aprimoramento da aptidão física da população...”, caracterizando uma faceta, aquela voltada às questões afetas à performance esportiva (CASTELLANI FILHO, 1998).

Professora 1, ao falar da sua prática nessa época,

“De 1963 a 1978 eu lecionei em Brodowski e fazia elas participarem de campeonatos, torneios colegiais, lá já tinha a faculdade que eles deixavam a gente treinar...eram todas as modalidades, todo ano, eu participava as vezes em vôlei, atletismo... salto em extensão, revezamento de bastão, corrida de 100m.,

explicava como tinha que passar, toda a técnica, pelo menos dentro do que eu sabia, e elas nunca fizeram muito feio não, tinha arremesso de peso, até dardo, olha cada coisa...”

Destacamos na fala anterior a importância para a professora de fazer com que suas alunas participassem dos campeonatos e torneios colegiais, a ponto de levá-las para treinar em outro local. A técnica dos movimentos era super valorizada, se analisarmos que a professora explicou como cada modalidade deveria ser executada e exaltou afirmando que suas alunas “nunca fizeram feio”, ou seja, obtinham resultados satisfatórios nos torneios.

Em outro trecho da entrevista, afirma

“Os melhores jogos eram os jogos industriais, que era Batatais, Ribeirão Preto, Franca, Igarapava, Ituverava, Orlândia, São Joaquim da Barra, Casa Branca e Mococa, eram estas escolas, então cada ano era em uma escola, treinava e ia para lá, mas não havia só a parte de Educação Física, havia também a parte intelectual, provas de matemática, português, para saber qual escola se saía melhor. Foram os melhores jogos que a gente participou que eu consegui levar os alunos para competir, e olha quantos troféus, Batatais o pessoal arrebatava, era vôlei, basquete... Professor Amauri era um ótimo professor de voleibol, um ótimo técnico, já o Egídio era futebol, ele foi jogador”

Pelos trechos, podemos ter a clareza que a prática da Educação Física nas escolas era voltada ao esporte, indo ao encontro do Decreto 69450/71, que norteava as práticas da Educação Física escolar da época. Os professores eram destacados por serem técnicos ou ex jogadores, como mencionado na última linha. Além do esporte, vimos a professora relatando que nos jogos “tinha a parte intelectual”, mencionando as provas de matemática, o que nos leva a perceber uma dicotomia da relação corpo e mente na concepção dessa professora.

Foi nesse período que as primeiras instituições que continham o objetivo de pesquisar os impactos da atividade física foram criadas. Em 1974, médicos

recém-formados começaram as atividades do LAFISCS, mais tarde nomeado CELAFISCS (Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul). Em 1978, foi criado, também por médicos, o CBCE (Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte), com objetivo de atuar no campo médico-desportivo.

Quanto à isso, Soares (2003) lembra que o CBCE nasceu num período em que foi possível constatar a emergência e a proliferação discursiva das vantagens e da importância de espaços de descanso e de diversão do trabalhador, uma preocupação com os usos do tempo livre e deste tempo voltado para a prática de atividades física e esportivas, período que promoveu uma cultura esportiva, e cultuou também um certo tipo de corpo saudável e produtivo.

A professora 1 lembra que, os jogos e exercícios físicos estavam interligados, em sua prática

“No final da minha carreira era sagrado, eu dava 2 aulas de exercícios inteirinhas e 1 de jogo, antigamente não podia fazer aula dupla, só depois podíamos fazer aula dupla, o que facilitou pra gente, porque aí ficava aula dupla, dobradinha de exercício, parte corporal, abdominal... eu falava assim: - vamos afinar a cinturinha...umas adoravam essa parte, outras tinham pavor de fazer ginástica e a outra aula jogo. O que elas mais gostavam era a bendita queimada, elas vibravam, era um exercício geral, porque elas corriam, pulavam para pegar a bola, foi uma forma de atividade física, de uma maneira que satisfiziam elas...”

Interessante notarmos como a professora se reporta ao final da sua carreira, afirmando que “era sagrado as 2 aulas de exercícios” e 1 de jogo, indo de encontro com a diversidade de atividades em aula. A dobradinha, ou aula dupla, favorecia o trabalho já que eram mais exercícios que poderiam ser feitos, com o propósito da estética, como podemos perceber na afirmação “afinar a cinturinha”. Relatando a aula de jogo da semana, ao indicar a queimada como preferida das alunas, destaca o fato delas exercitarem durante a atividade, como atividade física (correr, pular...), sem se lembrar do aspecto lúdico ou educativo que o jogo pode proporcionar.

Na década de 70 o marco foi a ditadura militar no Brasil, época que gerou o Plano Nacional de Educação Física (PNDE), e foi também a década das campanhas em prol da saúde e do lazer pela atividade física orientada, como a "Esporte para Todos" (EPT) e a "Mexa-se". Estas campanhas traduzem em grande medida a ambição dos governos militares de abrir espaço, dar visibilidade e estimular a existência de corpos velozes, úteis e saudáveis. Num certo sentido, estas campanhas "atualizam" aquelas feitas por médicos e educadores nos anos 20 do século XX, quando o tempo fora da fábrica ou da escola passou a ser uma preocupação. Também lá nos anos 20, como ali nos anos 70, o esporte e os exercícios físicos, re-significados pela sensibilidade de cada época, possuíam semelhantes vantagens "educativas" (SOARES, 2003).

Professora 1 se lembra da influência do militarismo nas aulas de Educação Física da seguinte forma,

“Olha, o meu amigo Egídio, que lecionava para as turmas masculinas, o pessoal falava: - olha lá o militar, falava brincando sabe... mas ele também exigia bastante, nossa!!!... O militarismo influenciou mais a turma masculina, mas não foi muito também não, porque estávamos aqui no interior, sabe.... mas ele exigia postura dos alunos e aquela coisa toda.”

A sinceridade da professora aparece no início da fala, com a expressão *Olha*, querendo dizer que naquele momento deseja minha atenção. O aspecto do gênero nas aulas de Educação Física aparece novamente, quando um professor homem lecionava para as turmas masculinas e era comparado a um militar, exatamente na época em que vivemos esse período no país. Isso é comprovado pela expressão de que esse professor “exigia bastante” disciplina dos alunos e que as influências nas turmas masculinas eram maiores, devido ao fato do objetivo do militarismo que era os corpos robustos, velozes e ágeis, para poder defender a pátria.

Nessa época, no que diz respeito ao esporte, sua capacidade de catarse, de canalizar em torno de si, para seu universo mágico, os anseios, esperanças,

frustrações dos brasileiros, foi imensamente explorada. Exemplo disso é o “noventa milhões em ação, pra frente Brasil, salve a Seleção!” em alusão à Copa do Mundo de 1970, competição na qual o Brasil sagrou-se tricampeão mundial de futebol (CASTELLANI FILHO, 1998). Essa vitória brasileira no futebol veio exatamente na época de maior euforia econômica no país, durante o governo Médici, e esse fato contribuiu para mostrar à população que o país vencia dentro e fora dos campos.

É evidente que em um regime autoritário como o militarismo, a Educação Física foi tratada como forma de controle social. A Educação Física confundia-se com educação moral, ou seja, o esporte foi a coroação de um mundo de competição, liberdade, vitória e consagração, carregando toda simbologia de um mundo de lutadores e vencedores. Nesse caso, as aulas de Educação Física escolar ficavam reduzidas a alguns poucos esportes, a algumas poucas técnicas esportivas, onde os programas primavam pelo rendimento (TABORDA DE OLIVEIRA, 2004). Nesse contexto, os alunos com habilidades mais aprimoradas eram considerados os bons alunos nas aulas de Educação Física, enquanto que aqueles não aptos eram excluídos, já que a falta de habilidade não permitia tal rendimento esportivo esperado para determinada modalidade.

É nessa época que nossa professora 2 da pesquisa está no curso de graduação em Educação Física na Faculdade de Educação Física de Santo André (FEFISA), e em uma de suas falas na entrevista, percebemos o caráter tecnicista de ensino e a rigidez com que os professores da faculdade tratavam os alunos,

“Natação a gente tinha que por um maiô preto, que era o maiô de natação... você só respondia chamada dentro da água só que a piscina era no tempo, não era aquecida, ai você chegava lá oito horas, oito e pouco, que era o horário da aula, você não via água, era uma nuvem branca em cima da água... a gente ficava doente, hoje a gente está doente, porque a gente tem todas as seqüelas, tanto que assim, sincera e honestamente, hoje eu não tenho vontade de fazer nada de esporte, eu cansei, porque foi muito sofrida a faculdade, foi um negócio assim, por amor mesmo, foi muita dedicação e a gente respondia chamada dentro da água

dentro daquele período de mulher, né... você quer sua presença, água!... O professor era um verdadeiro carrasco...Na minha classe tinha uns 60 alunos, passava direto dois, três, até campeão brasileiro de natação ficou de segunda época, de D.P. No nado de peito, ele falou assim para mim: você tem um defeito igualzinho o meu no nado de peito, você tem que corrigir! E é uma coisa assim que você faz tão automático, e eu já nadava há muito tempo e tal... eu falei: mas como professor!? Ele falou: Eu não sei porque eu não consigo tirar meu defeito, mas se você não conseguir, você não vai ter nota. Tinha colega meu que era atleta do judô do Brasil, competia pelo Brasil, e ele deslocou a clavícula, estava todo enfaixado... prova prática! Ai ele falava: Professor, olha como é que eu estou...Ele falava: Problema é seu, quer nota? Água!... Não tinha dispensa para nada...”

A professora trata dessa fase do seu curso de uma forma até triste pelo que pude sentir no dia da entrevista, e isso nós relatamos pelo fato dela apontar que hoje está doente por toda essa rigidez que existia naquela época, fato esse comprovado pelos exemplos que a entrevistada dá, quando menciona a chamada da aula de natação só dentro da água em pleno inverno e o colega obrigado a fazer a prova prática com a clavícula contundida. As palavras sincera e honestamente demonstram a amargura que a professora possui, e a vontade de não praticar mais nenhum esporte, pois sofreu muito durante a faculdade. Nesse caso específico relatado, a questão do excesso de esporte é também destaque, sendo enfatizado a demasia pela técnica, sendo que em um dos trechos o professor mesmo não sabia executar o movimento, mas exigia que seus alunos executassem de forma correta.

Isso também fica claro em outro trecho:

“...dependendo do dia eu chegava lá, e você já viu, Santo André é pé de serra, um frio danado, então você chegava para aula de atletismo, você tinha que por shorts, camiseta, meia, tênis, no frio... o máximo que você podia vestir era uma calça do agasalho do uniforme da faculdade.”

É destacado o frio que fazia durante as aulas e as vestimentas que eram obrigadas a colocar para realização das aulas, não adequadas ao clima da cidade na época, porém obrigatórias.

Esse ensino tecnicista de caráter esportivo estava presente também na educação básica, como é recordado pela professora 1,

“Eu sei, mas só aqui entre a gente, que a turma de Franca reclamava porque faziam treinamentos nas aulas, e dispensava os outros alunos, então numa turma de 30 alunos, você ficava com 12 por exemplo e os outros iam embora, coisa que a gente de são consciência não fazia.”

Percebemos que, apesar da professora entender que essa era uma prática excludente, já que menciona que de são consciência não faria, recorda colegas de trabalho que agiam profissionalmente sobre a concepção de utilizar as aulas de Educação Física para treinamento das modalidades, dispensando os menos habilidosos

Quanto à situação da saúde nacional nessa época militar, o quadro não era menos crítico, pois seus indicadores refletiam as mazelas de um modelo econômico excludente e concentrador de rendas e de capital. Entre todos os países americanos, o Brasil era um dos que menos investia na saúde, ficando a frente apenas de Equador e Haiti, sendo que até os anos 80, 40 milhões de brasileiros não dispunham de qualquer serviço de saúde por falta de médicos e de leitos hospitalares. Findo o governo Médici, o presidente Geisel colocou à frente do Ministério da Saúde o Dr. Paulo de Almeida Machado, o qual estabeleceu como prioritário o combate às epidemias no país, especialmente a meningite (BRASIL, 2007).

Pelo exposto, fica claro que os governos do regime autoritário-militar não tinham planos adequados para elevar os níveis de saúde e melhorar o estado sanitário da população brasileira, deixando o Brasil, nessa área, nas últimas posições no mundo e na América Latina conforme números gráficos produzidos pela *Organización Panamericana de la Salud*, pelo *IBGE* e pelo *Statistical*

Yearbook for Latin América da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) das Nações Unidas (BRASIL, 2007). Se levarmos esse contexto para as aulas de Educação Física, vemos que a saúde também não era prioridade, já que os esportes, suas técnicas e o rendimento do aluno em determinada modalidade era o mais importante nas aulas.

Professora 1 relata o tema saúde abordado em suas aulas nos anos 70 da seguinte forma,

“A gente procurava, procurava dar alguma coisa a respeito de saúde, eu que mexia com a turma feminina dava essa parte de menstruação, eu explicava para as meninas, inclusive às vezes elas viam e falavam: - Ah! Hoje eu não vou fazer porque estou com cólica. E eu: - não, de jeito nenhum! Inclusive até hoje eu encontro alunas que lembram e falam: Nossa, a senhora era dura heim... a gente estava lá quase morrendo e a senhora fazia a gente fazer. E eu falava: fazia bem para a saúde. Elas faziam as atividades da aula, eu falava: faz um pouco de abdominal, mandava fazer né, porque ajuda a sua menstruação. Nessa parte de saúde também, às vezes um resfriado que a gente percebia que a aluna estava, aí também eu cuidava. Fora disso, em planos mesmo por escrito não tinha nada...”

A palavra “*procurava*” aparece por duas vezes, pois é enfatizado pela professora, já que a saúde não era a prioridade das aulas. Percebemos novamente a rigidez com que as alunas eram tratadas, onde eram obrigadas a realizar as atividades mesmo com a cólica. Isso ficou marcado para as alunas, já que quando encontram essa professora na cidade mencionam o fato dela ser dura (com sinônimo de rigidez). A professora lembra que pedia os exercícios mesmo nos dias indispostos das alunas porque faziam bem para saúde, relacionando com as atividades físicas praticadas pelas alunas. Por último, destacamos o fato de não fazer parte do planejamento o tema saúde, o que demonstra que realmente não era prioridade da Educação Física da época.

Podemos perceber também que a saúde estava ligada exclusivamente à ausência de doenças: a cólica ou o resfriado motivava o não fazer a aula. Não

havia nada sobre o desenvolvimento do tema saúde em planejamentos anuais. Na fala podemos, ainda, constatar a concepção de saúde presente na professora, prioritariamente de natureza fisiológica, nas quais se buscam relações de causa e efeito, para explicar as ocorrências em saúde.

O final dos anos 70 confirmou a crise que se estabelecera na segunda metade deste período, quando a tendência recessiva da economia dos países latino-americanos se acentua, com o agravamento do processo inflacionário, o aumento da dívida externa, do desemprego e do déficit fiscal, marcando de forma negativa os níveis de saúde e impondo mais uma vez uma tomada de posição frente às questões de saúde (NUNES, 1994). Isso é demonstrado com o panorama que se encontrava a saúde no começo dos anos 80, se mostrando ainda muito excludente, com a população de baixa renda não beneficiária da previdência sem acesso aos serviços de saúde, principalmente assistência médico-hospitalar, e começou assim a surgir movimentos populares que reivindicam melhores condições de saúde (RUFFINO - NETTO E SOUZA, 1999).

Entre as décadas de 70 e 80 surge um fenômeno forte na educação: a medicalização da escola e, sobretudo, da infância. No âmbito específico da Educação Física, os exames médicos constituíam obrigatoriedade para sua prática, e a presença do médico na escola, imperiosa. A forte presença da medicina nos rumos da Educação Física escolar não era um tema novo, já que nos anos 20, os médicos só não faziam presentes na escola, como prescreviam exercícios físicos (SOARES, 2003).

Sobre esse fato, a professora 1 relata que

“O exame médico era obrigatório, o exame você sabe, era bem superficial, mas ele pegava no pulso e eu lá anotando, na garganta era uma olhadinha... ele era tão prático, era clínico geral, mas sempre teve desde que eu entrei... mas teve um diretor que um dia disse assim para mim: - Tem que acabar com a Educação Física nas escolas, isso daí só atrapalha, e outra coisa, fazer esse exame médico eu acho que não há necessidade... Eu falei – o senhor está muito enganado, eu acho que o senhor está falando uma grande besteira... porque ele queria que eu

começasse as aulas antes de fazer os exames médicos, e dava impressão que era a gente que não queria trabalhar, e não era... Tinha aluno que sofria de convulsão, aí esse aluno já era dispensado da Educação Física, não fazia, agora outros pelo pulso ele já sabia, aí mandava ir no cardiologista ou outro médico. Eu lecionei quase 29 anos, e tive apenas uma aluna que quebrou um braço, e uma que de dor em dor precisou operar lá em Mococa nos jogos.. o que aconteceu em saúde comigo, Graças a Deus, foi só isso... tinha umas que caía naquelas quadras ásperas e vinha com o joelho: ai ai ai ai... dona (nome da professora), e eu dizia, isso aí não é nada, quando casar sara, não precisa de chorar..."

Vimos pela fala que o exame médico constituía-se obrigatório para as aulas de Educação Física, porém realizado de forma superficial, aparentemente sem valor, quando vemos a expressão *olhadinha*, valendo destacar nesse caso o fato de um dos diretores com quem essa professora trabalhou ser contra as aulas de Educação Física na escola por achar que atrapalhava, pelo fato do exame médico não haver necessidade. Tudo isso ocorria pelo fato da professora não quiser dar as aulas práticas antes da realização dos exames e de o diretor considerar que era a professora que não queria trabalhar. A questão médica tinha uma importância tão relevante que a professora encerra a fala destacando que, em toda sua carreira, apenas uma aluna quebrou o braço e outra que precisou operar durante um dos jogos que participava. Exalta-se, utilizando a expressão *Graças a Deus* ao relatar que só isso ocorreu com ela no que diz respeito à saúde.

O relato é confirmado pela professora 2, que lecionou nas décadas de 80, 90, até 2006, quando afirma que,

"Tinha exame médico obrigatório, o médico vinha na escola, um médico do Estado... a segurança era muito maior, eu não lembro quando parou, mas quando eu estava no Mathias a gente já contratava um médico para vir... os alunos pagavam, eu tinha um médico, se você quiser até dou o telefone dele para você, é uma segurança para você... Na primeira reunião de pais, eu chamava os pais e dizia assim: Olha, o Estado aboliu o exame médico, só que tem uma coisa, eu não

sei como anda a saúde do seu filho...”

Há de se destacar que a professora 2 deu muita ênfase para esse aspecto do exame médico obrigatório durante a entrevista, enfatizando a todo momento o assunto e, afirmando que o exame médico era uma “segurança” para os professores e, em determinada oportunidade, não entendendo como eu hoje não exijo o exame dos meus alunos, inclusive oferecendo-me o telefone do médico que ela contratava quando ainda atuava na escola, já que o próprio Estado deixou de exigir o exame. Isso é claramente demonstrado nas falas a seguir, que estão separadas por serem de diferentes momentos da entrevista,

“Eu tive um caso da seguinte forma: o aluno veio transferido no segundo bimestre, você fez o exame médico? Não professora, não precisa, porque eu jogo futebol na rua, ando de skate... aí eu não deixei ele fazer, eu falei que enquanto você não trazer um atestado, você não faz Educação Física, você senta aqui do meu lado, só que tem um detalhe, você vai ficando com falta, e não se esqueça que Educação Física reprova por falta e o menino sempre assim: Professora deixa eu entrar? Não... cadê seu atestado? Parecia que alguma coisa me falava, sabe... Um belo dia, ele aprontou uma na escola e chamaram os pais, e todos os professores foram falar com os pais, eram dois senhores já, o menino era da sétima ou oitava série, uma coisa assim... eu falei: olha, eu não tenho reclamação dele porque ele vive querendo fazer minha aula, só que ele não trouxe atestado nenhum, e ele está com problemas de faltas comigo, porque eu não posso deixar ele fazer... nossa professora que bom que a senhora não deixou porque ele foi operado de aneurisma o ano passado... e se eu ponho esse menino na quadra? Então é uma segurança”

A exigência do exame médico era tão grande que o aluno poderia ficar dias, ou até meses sem realizar a aula pela falta de tal exame, ficando sentado ao lado de professora e ficando com falta nas aulas. A professora destaca que lembrava sempre ao aluno que na Educação Física havia reprovação por falta.

Em outro trecho,

“Nos últimos tempos eu tinha o Dr.Rogério que vinha e cobrava eu acho que dois reais, ou três reais por aluno. Então eu fazia assim: dia tal, o médico fulano de tal virá para examinar os alunos, visto que o Estado não tem, e ele cobra tantos reais; se o senhor aceitar, favor enviar a quantia. Caso contrário, preencha o papel abaixo, que dizia: Eu, fulano de tal, pai do aluno tal, estou ciente de que meu filho pode participar das aulas de Educação Física, com atividades físicas e tal....assinava e me entregava, ou seja, ou ele fazia o exame médico, ou o pai se responsabilizava pela saúde dele, porque é muito simples um filho desmaiar na minha aula e vir: O que a senhora fez???... e isso já aconteceu...”

Após o período em que o Estado deixou de contratar os médicos para irem às escolas, a própria professora, como já foi citado, pedia à escola que contratasse um médico para realização dos exames, sendo cobrada uma quantia por aluno. Àqueles que não tinham condições, bastava o responsável assinar a agenda, ou seja, a professora queria mesmo uma segurança para ela de que, se algum aluno sofrer de algum mal na sua aula, ela estaria isenta da responsabilidade. Percebemos nesse período uma forte tendência para a preocupação excessiva com as doenças dos alunos, de caráter excessivamente biológico.

Em mais um trecho sobre o assunto a professora destaca que,

“Eu tinha tudo no meu diário, os alunos em vermelho que os atestados iam vencer, quando venciam eram dispensados da prática, eu tinha tudo guardado, e ai eles faziam prova escrita... era o tipo do aluno que me ajudava a pegar a bola, essa coisinhas assim bem simples... fazia o relatório da aula, ele não estava lá pensando que não ia descer porque era dispensado, não...ele era dispensado da prática! E não de assistir a aula.”

Mais uma vez aparece o fato do aluno que não tem exame médico, ou que

está com exame vencido, sem a realização das aulas. Como forma de recompensa, era aplicada uma prova escrita com esses alunos ou eram deslocados para ajudar a professora a pegar o material da aula, sendo até certo ponto menosprezados quando a professora relata que esses alunos faziam essas *coisinhas bem simples*.

Percebemos que a questão da presença do médico na escola, e mais precisamente na Educação Física se fez presente por muito tempo, visto que os relatos são de uma professora que lecionou até o ano de 2006, exigindo os atestados médicos dos seus alunos, e se não trouxesse recebia como punição o afastamento das práticas das aulas. Nesse aspecto, podemos identificar o conceito de saúde presente na professora 2, de caráter biológico, com ênfase nas preocupações médicas de seus alunos, longe de trabalhar com esses uma reflexão crítica.

Ao analisarmos o exposto até aqui, percebemos que as práticas profissionais em Educação Física na escola condiziam com as referências pesquisadas e com o que os documentos legais/oficiais e as orientações consultadas delegavam sobre o tema na época específica (anos 70 e início dos anos 80). Isso nos leva a entender que o proposto para a época era seguido pelos professores, conforme a oralidade dos sujeitos pesquisados e que atuaram nos contextos indo ao encontro das referências colocadas. Exemplo disso são os decretos da época da esportivização, o contexto do militarismo, bem como a participação dos médicos na escola e nas aulas de Educação Física, fatos esses confirmados pelos dois professores, conforme descrito anteriormente. Não cabe a nós criticarmos tal postura por concepções sobre tal fenômeno, pelo contrário, entendemos que nessa época em específico o desenvolvimento do tema saúde parecia não ser prioridade no país, e nas aulas de Educação Física escolar, quando eram tratadas, eram voltadas à aspectos exclusivamente biológicos, voltados pela preocupação médica dos alunos.

2.3. A “ABERTURA POLÍTICA” NOS ANOS 80 E AS NOVAS PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

Com o final da ditadura no país e o momento de “abertura política”, tanto na área da Saúde como na área da Educação Física, outros movimentos e idéias começaram a surgir.

Na Educação Física especificamente, Daólio (1998) lembrou que a partir do final da década de 70 e início dos anos 80, com o estabelecimento de um “inimigo comum” – a ênfase biológica na área – boa parte da nova comunidade científica da Educação Física alinhou-se em seus trabalhos discursos e publicações visando um movimento de renovação na área, sendo pouco tempo depois explicitado as diferenças entre as várias tendências na Educação Física brasileira, havendo avanço em compreender a área além da perspectiva biológica.

Uma das tendências que se apresentaram na área foi a abordagem crítico-superadora, que teve na obra “Metodologia do ensino de Educação Física” de 1992 seu marco. Nela, um coletivo de autores considera a Educação Física matéria escolar que trata de temas da cultura corporal e critica a perspectiva da Educação Física escolar que objetiva o desenvolvimento da aptidão física:

“A perspectiva da Educação Física escolar, que tem como objeto de estudo o desenvolvimento da aptidão física do homem, tem contribuído historicamente para a defesa dos interesses da classe no poder, mantendo a estrutura da sociedade capitalista. (...) Apóia-se na pedagogia tradicional influenciada pela tendência biologicista para adestrá-lo (...)” (p. 36).

Esse “inimigo comum”, como chamou Daólio (1998), estava presente nas aulas de Educação Física escolar da professora 2 que atuou nessa época,

“Tinha a parte da corridinha, do aquecimento, tinha a parte dos exercícios,

nunca abri mão dos meus exercícios, eu montava sempre um circuito para eles, podia ser o mesmo, mas eles tinham trabalho de perna, trabalho de braço, trabalho de abdômen, coordenação, fazia aquele circuito e outra parte de esporte, então eu tinha o período do voleibol, o período do handebol, do basquete, e assim por diante... tudo com os materiais e as condições da quadra que você sabe como que é...”.

Novamente destacamos a forte presença dos aspectos biológicos nas aulas, com o aquecimento sendo realizado pela corridinha, da realização dos exercícios e a enfática fala da professora quando afirma que nunca abriu mão de seus exercícios, que eram de fortalecimento de grupos musculares e circuitos, demonstrando ênfase e preocupação da atividade física para os alunos. Na segunda parte da fala, a professora esclarece que as modalidades esportivas eram divididas por períodos, o que me fez lembrar um pouco da minha Educação Física escolar, relatada na introdução do trabalho, com as modalidades esportivas sendo divididas entre os bimestres.

O depoimento abaixo, também da professora 2, aparece como um exemplo de um projeto desenvolvido com seus alunos na qual a professora considera que obteve resultados ótimos,

“Um trabalho que nós fizemos ligado a saúde que eu achei muito bom foi quando fazia exame biométrico e nos meninos via a quantidade de pêlos axilares e nas meninas perguntava a data da primeira menarca. Tinha uma tabela de acordo com a idade deles, que eu acho que tem até ai, para saber a história da escoliose, e tinha um tal doutor que eu não me lembro o nome que se propôs a tratar os alunos do Estado, a gente avaliava os problemas de coluna e de acordo com peso, altura, idade, pelos axilares e menarca você sabia como estava o desenvolvimento dessa criança, e tinha outro médico que cuidava essa parte de escoliose...foi muito bom! A gente descobria muitos com escoliose... esse projeto acabou porque o Estado não bancou mais o médico”

Percebe-se que para essa professora, que atuou até 2006, a Educação Física, e mais especificamente a saúde, resumia-se aos projetos de caráter preventivo, com preocupações de eventuais doenças que seus alunos poderiam ter, além da ênfase no esporte. Nota-se tal fato pela preocupação excessiva que ela tinha pela presença do médico na escola e pelos trabalhos que desenvolvia com os alunos. A prática reflexiva não acontecia, mesmo tendo no final da década de 80 e início de 90 um debate fervoroso na área da Educação Física escolar em busca dessa prática, porém a formação continuada dos professores nunca foi uma prioridade para o governo estadual paulista, local onde essa professora atuava. Portanto, a única formação foi de sua graduação, com caráter tecnicista e uma especialização voltada para a área esportiva de basquete, ou seja, distante de uma formação reflexiva.

No final da década de 80, um movimento nacional que seria conhecido como “movimento da reforma sanitária”, ganhou ênfase na área da saúde que denunciava as más condições de saúde e as dificuldades de acesso aos serviços, propondo uma nova “Reforma Sanitária” para o país e apontando para a criação de um Sistema Único de Saúde, que garantisse atenção à saúde da população de forma universal (RUFFINO - NETTO E SOUZA, 1999). Já na Educação Física, teóricos e pesquisadores expuseram suas idéias e pensamentos, e várias perspectivas surgiram para a área, inclusive relacionadas aos aspectos da saúde.

Nesse período, constituiu-se no Reino Unido um grupo de trabalho vinculado ao movimento da “Aptidão Física Relacionada à Saúde” (AFRS) (*Health Related Fitness*) para definir em que nível a aptidão física relacionada à saúde poderia contribuir na formulação das Diretrizes Curriculares Nacionais. A recomendação final desse grupo de trabalho foi que o currículo nacional de Educação Física tivesse como meta a aptidão física relacionada à saúde, ou seja, que os alunos compreendessem os benefícios da prática regular do exercício físico e conhecessem as formas pelas quais esses benefícios poderiam ser alcançados e mantidos (ARMSTRONG ET AL., 1990 apud FERREIRA, 2001). Pode-se dizer que, no Brasil, as idéias da Aptidão Física Relacionadas à Saúde foram difundidas inicialmente por Nahas (1989) e Guedes (1993) (FERREIRA,

2001)

Confirmando esse pensamento, Guedes (1999), Marani, Oliveira e Guedes (2006) afirmam que

(...) “a Educação Física escolar, dentro dessa nova concepção voltada à promoção da saúde, assume um caráter totalmente educacional, procurando sensibilizar crianças e adolescentes sobre a importância e a necessidade da prática de atividade física, estruturada e planejada para um melhor estado de saúde, fazendo com que hábitos favoráveis à saúde sejam desenvolvidos durante esse tempo na escola, e prolongando este hábito para toda vida.” (p. 64)

Essa idéia fundamenta-se na corrente que acredita que a saúde pauta-se essencialmente no âmbito biológico, de caráter preventivo, no qual a ausência de doenças é o principal objetivo. Nesse aspecto, campanhas de incentivo à prática de atividade física começam a ganhar força na década de 90 e perdura até os dias atuais, onde os professores devem conscientizar seus alunos da importância de uma vida ativa e saudável.

Alguns documentos recentes na área de Educação Física que visam uma prática de qualidade nas escolas adotam esse pensamento como base de suas propostas. Exemplo disso é a Carta Brasileira de Educação Física elaborada pelo Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) e que teve sua forma final apresentada no Fórum Nacional dos cursos de Formação Profissional em Educação Física, realizado em 2000 na cidade de Belo Horizonte, seguido de sua aprovação no Plenário do Conselho em agosto de 2000, e traz como indispensável para uma Educação Física de qualidade nas escolas que o professor *“possibilite ao aluno uma variedade considerável de experiências, vivências e convivências no uso de atividades físicas e no conhecimento de sua corporeidade”* e que a mesma *“constitua-se num meio efetivo para conquista de um estilo de vida ativo dos seres humanos”* (p.19).

Essa concepção está presente também no documento dos Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCN's) do Ensino Médio (2002), no que tange a um dos eixos norteadores da Educação Física, ao apontar *“a aptidão física e saúde uma alternativa viável e educacional para suas aulas”* (p.156). Afirma o documento que a Educação Física tem que se atentar para os problemas do presente, e a educação para a saúde é apontada como orientação central, sendo as competências e habilidades a serem desenvolvidas em Educação Física as seguintes, entre outras:

- *“Compreender o funcionamento do organismo humano, de forma a reconhecer e modificar as atividades corporais, valorizando-as como recurso para melhoria de suas aptidões físicas”* (p. 164) e

- *“Assumir uma postura ativa, na prática das atividades físicas, e consciente da importância delas na vida do cidadão”* (p.165)

Correia (2009) em seu estudo sobre Educação Física no ensino médio, aponta os PCN's e discute a relação presente no documento no que diz respeito à questão da saúde. Disserta o autor que a centralidade para a relação aptidão física e saúde oferece uma visão essencialmente atrelada aos aspectos biológicos e relacionados à prática regular de exercícios físicos, e observa que não existe questões fundamentais como moradia, saneamento, educação, meio ambiente, indo ao encontro do discurso do senso comum. Completa dizendo que

“Essa concepção reducionista de saúde e de qualidade de vida não considera quem são os nossos alunos, quais são suas reais condições de vida, quais são suas concepções relativas aos conceitos corpo, movimento, exercício físico, saúde, qualidade de vida e bem estar ou que conhecimentos dariam sustentação a uma prática pedagógica que tivesse a pretensão de incorporar e elaborar razoavelmente a complexidade inerente aos problemas relativos à saúde pública” (p. 157).

Outra crítica ao documento é elaborada por Soares (1997) ao apontar que

nos PCN's para as séries iniciais do ensino fundamental a compreensão da Educação Física é a mesma que a apontada para a área no período do regime militar, onde a saúde era meramente física e os conteúdos aprisionados por um caráter meramente instrumental e, sobretudo, biológico. Indaga a autora se nada mudou. Alerta ainda que a concepção de corpo presente no documento está restrito e reduzido aos aspectos biológicos, e questiona se o papel da escola é realmente o de ensinar condutas e habilidades motoras.

Já na última proposta curricular do Estado de São Paulo, documento publicado no ano de 2008 com a finalidade de orientar a prática dos profissionais do Ciclo II e ensino médio da rede, a concepção de Educação Física está colocada numa perspectiva cultural, abrangendo também a saúde como conteúdo das aulas, propondo o tópico de "Organismo humano, movimento e saúde" no ciclo II e "Corpo, saúde e beleza" no ensino médio.

No ensino fundamental – ciclo II – há a predominância de temas como capacidades físicas aplicados aos esportes e princípios de treinamento físico. Já no ensino médio, os padrões de beleza, os interesses mercadológicos, meio ambiente, condições dos exercícios, fatores de adesão a atividade física aparecem como meios de discussão que fogem do clássico modelo biológico, e que nos permite por meio desses refletir com nossos alunos a concepção de saúde presente na sociedade atual, bem como conceitos de corporeidade. No mesmo ensino médio, aparecem propostas de cunho biológico da área da Educação Física, como gasto calórico ligados a alimentação e exercício físico, esporte e ginástica, efeitos fisiológicos do treinamento físico, exercícios resistidos e aumento da massa muscular (ligados à benefícios e riscos à saúde).

Vemos que os temas apontados são pertinentes a cada faixa etária, mas depende da forma como o professor aborda a situação, o conceito de saúde de determinado docente que vai permear os debates. No texto da proposta não fica claro em qual conceito de saúde os autores estão se apoiando para escreverem sobre o assunto específico. A professora 5 demonstra conhecer as propostas curriculares, conforme relata

“... o que o Estado está propondo agora, tanto na prefeitura quanto no Estado a proposta que surgiu agora, que nunca teve na verdade direito é uma abordagem mais cultural...”

Destacamos o fato de a professora mencionar que “nunca teve direito” uma proposta. O documento na qual refere-se a entrevistada na fala provavelmente são as últimas, porém não as únicas.

É evidente que na década de 80 a Educação Física já tinha como objetivo a aquisição e manutenção da saúde, no entanto, preocupando-se excessivamente com a realização de exercícios físicos com pouca consequência para a formação educacional dos jovens, ou seja, em uma relação vertical, pautada em relações de causa e efeito, na qual quanto mais exercícios físicos realizados, melhor a aptidão física, mais desenvolvida são as suas capacidades físicas e, conseqüentemente, mais saúde esse indivíduo terá. Por outro lado, é justamente na década de 80 que surgiu uma forma de pensar diferente a saúde, pautada no ideário da Promoção da Saúde. No que tange ao ideário e sua relação com a Educação em Saúde, Pilon já em 1986, colocou a importância do professor propiciar aos educandos conhecimentos, atividades que permitiam o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno e sua adoção ou não de comportamentos favoráveis à saúde, já que as influências do meio em que o escolar vive são mais fortes motivadores na seleção de seus comportamentos. Lencastre (1988) apud Focesi (1990) também ressaltou que a Educação em Saúde na escola seria o processo pelo qual se pretenderia desenvolver consciência crítica que resultasse na aplicação de práticas para promoção, manutenção e recuperação da própria saúde e da comunidade de que faz parte, bem como, capacitá-lo a reivindicar meios para sua melhoria. Porém, mesmo após os estudos recentes na área (SILVA JÚNIOR ET AL, 2006; BAGRICHEVSKY E PALMA, 2004; BAGRICHEVSKY E ESTEVÃO, 2005; GUIMARÃES, 2009), a perspectiva preventiva ainda é utilizada e defendida por autores como a forma mais correta de se desenvolver a saúde nas aulas de Educação Física.

Discutindo os aspectos da saúde nas aulas de Educação Física escolar,

Farinatti e Ferreira (2006) acreditam que o movimento da Aptidão Física Relacionada à Saúde (AFRS) não supera a concepção do paradigma biomédico, afirmando que

“(...) o biologicismo no trato da aptidão física, além da desconsideração do ambiente social, contribui para a limitação das propostas da AFRS à esfera individual e para uma relação causal com a saúde. A AFRS costuma apresentar o indivíduo como problema e a mudança do estilo de vida como solução. Além disso, a prática regular da atividade física é vista essencialmente como forma de prevenção primária de fatores de risco para doenças crônico – degenerativas, num claro distanciamento das idéias da promoção da saúde” (p. 147).

Bagrichevsky e Palma (2004) consideram que o fato da atividade física estar associada à saúde como fenômeno de “causa e efeito” traz sérias implicações para a Educação Física, pois

“(...) suscita uma interpretação parcial e/ou distorcida da realidade, que não leva em conta outros fatores contextuais relevantes aos quais as pessoas estão submetidas e que não podem ser dissociados do cotidiano. Distribuição desigual da renda, nível de (des)emprego, condições sanitárias básicas, condições de moradia e alimentação, (in)disponibilidade de tempo livre, acesso aos serviços de saúde, entre outros, também são aspectos que amoldam as condições da vida humana, portanto necessitam ser igualmente considerados em qualquer pesquisa que busque estabelecer inferências mais gerais sobre saúde pública.” (p.58)

Essa concepção que considera a saúde numa perspectiva humanista, ou seja, entendendo o ser humano em sua totalidade e não apenas seu aspecto biológico, pressupõe que as questões biológicas formam uma rede de determinantes de saúde, juntamente com os sociais, econômicos e ambientais. Nesta segunda perspectiva surge o termo promoção da saúde, que vem sendo discutida nos últimos 20-25 anos, com sistemáticos encontros internacionais, sendo o marco a I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada no Canadá em 1986, e que teve como resultado a Carta de Otawa, que define promoção da saúde como *o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle desse processo* (WHO, 1986 APUD BUSS, 2000, pg. 167).

Uma das professoras entrevistadas, graduada na Unicamp, relatou ter cursado uma disciplina na graduação com os princípios da Promoção da Saúde,

“... eu já estava dando aula no Estado e uma das disciplinas que eu peguei para fazer foi essa de saúde coletiva, que eu acho que mudou até de nome, acho que agora é promoção da saúde, uma coisa assim... mas essa disciplina poderia ter sido feita na licenciatura se eu quisesse, não que ela era só de treinamento, ela era uma disciplina do curso de educação física optativa”.

Interessante notar que a professora já atuava quando cursou a disciplina, já que pertencia ao seu curso de bacharelado, realizado após a entrevistada ter cursado a licenciatura.

Um dos campos centrais de ação proposto na Carta de Otawa corresponde à criação de ambientes favoráveis à saúde, onde a proteção ao meio ambiente e a conservação dos recursos naturais, o acompanhamento sistemático do impacto que as mudanças no meio ambiente produzem sobre a saúde, bem como a conquista de ambientes que facilitem e favoreçam a saúde, como o trabalho, o lazer, o lar, a escola e a própria cidade, passam a compor centralmente uma agenda para a saúde (BUSS, 2000).

Nessa concepção de Promoção da Saúde surge, no contexto escolar, o

termo Escola Promotora da Saúde, que parte de uma visão integral do ser humano, de saúde e de educação para promover ativamente a saúde de estudantes, professores, funcionários, familiares e comunidade, por meio da criação de ambientes saudáveis (BICUDO-PEREIRA ET AL, 2003).

As escolas promotoras de saúde constituem uma iniciativa de caráter mundial, com o objetivo de fortalecer e ampliar a colaboração entre os setores de saúde e educação, incluindo apoio e cooperação dos pais e da comunidade. Dessa forma, a escola promotora de saúde deve ser interativa e dinâmica em suas dimensões física, social, ecológica, comunitária e educativa (MOURA ET AL, 2007).

Enquanto o modelo preventivo tem seu foco voltado às práticas higienistas e preventivas, e tem a Educação Física como a grande responsável por desenvolver saúde por meio da prática regular de atividade física, a promoção da saúde busca a comunidade escolar como um todo, ou seja, não apenas as preocupações com as doenças estão envolvidas, mas também os fatores sociais que implicam na vida de toda comunidade escolar.

Bicudo Pereira et. al, (2003) consideram o professor um agente formador que contribui para o desenvolvimento das pessoas e dos grupos sociais, sendo, portanto, um ator social importante para a promoção da saúde na escola, já que, juntamente com os demais educadores, são os responsáveis por provocarem reflexões que conduzirão a comunidade na direção da autonomia a saúde.

Na perspectiva da promoção da saúde, o papel dos professores de Educação Física seria proporcionar uma educação voltada para o desenvolvimento do *empowerment* e não se centrar em soluções impositivas. Desta forma, o processo de capacitar pessoas, educando-as para que possam ter escolhas mais saudáveis e assim adquirir um estilo de vida condizente com suas necessidades e desejos é o objetivo principal desta perspectiva (SILVA JUNIOR ET AL, 2006).

Analisando o exposto até o momento, conclui-se que tanto o Movimento Higienista quanto o movimento da aptidão física relacionada à saúde do fim do século XX supervalorizaram o papel da atividade física. Isso faz Góis Junior e

Lovisoló (2003) a entenderem o movimento de educação para saúde atual como uma continuação do movimento higienista do início do século XX, o que nos leva a acreditar que o tema saúde esteve ligado aos aspectos biológicos do ser humano, em uma perspectiva preventiva, tendo a atividade física um fator determinante para a saúde do ser humano, o que acontece até os dias atuais, com pesquisadores como Nahas e Corbin (1992) e Guedes (1999), que defendem o modelo que valoriza a prática regular de exercícios físicos nas aulas de Educação Física como fator determinante para a saúde, entendida como uma disciplina responsável por desenvolver a saúde dos educandos, por meio de programas de exercícios físicos que provocassem a conscientização da importância desses para uma vida saudável. Nesse ponto, Darido (2003) estabelece como uma das abordagens pedagógicas da Educação Física a Saúde Renovada, quem tem a prática regular de atividade física nas aulas de Educação Física como princípio.

Parece claro que a saúde sempre esteve ligada à área da Educação Física numa perspectiva preventiva, desde o movimento higienista até os dias atuais com a abordagem da Saúde Renovada, passando pelo militarismo e o movimento da Aptidão Física Relacionada à Saúde. Muito se deve às influências médicas, sendo o paradigma biomédico pautado no paradigma cartesiano, onde o corpo humano é entendido como máquina, onde as peças devem funcionar em sintonia para um bom funcionamento, evitando assim as doenças.

3. A PRÁTICA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ATUALIDADE.

Nas décadas de 80 e 90 o debate na área de Educação Física escolar intensificou-se ainda mais. No que diz respeito aos aspectos legais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 não trouxe nenhuma recomendação quanto aos conteúdos das aulas de Educação Física, somente a preconiza como um componente curricular obrigatório na Educação Básica. Já os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), publicado no final década de 90 com a intenção de melhorar o ensino no país, selecionou o tema saúde como um tema transversal a ser trabalhado de forma interdisciplinar no ambiente escolar, com o objetivo de que o aluno deva compreender que saúde é um direito de todos e uma dimensão essencial do crescimento e desenvolvimento do ser humano; compreender que a condição de saúde é produzida nas relações com o meio físico, econômico e sociocultural; conhecer e utilizar formas de intervenção individual e coletiva sobre os fatores relacionados à saúde, agindo com responsabilidade em relação à própria saúde e à saúde da comunidade; conhecer formas de acesso aos recursos da comunidade e as possibilidades de utilização dos serviços voltados para a promoção, proteção e recuperação da saúde (BRASIL, 1998).

Quanto ao conhecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os professores falaram sobre o assunto. A professora 2, que presenciou a época da elaboração do documento, bem como de sua implantação, mostrou-se alheio ao documento, demonstrando desconhecê-lo,

“Eu nunca abri aquilo...vou ser bem franca com você...tinha coisa ali que eu achava de uma inutilidade tão grande que eu não tomava conhecimento, eu seguia meu rumo, dava minha aula...”

A formação dessa professora pode retratar a postura que ela adota quanto à sua formação continuada, já que os PCN's são elaborados após o término de

seu curso de graduação, durante o período em que trabalhava na Educação Básica. Na época, o Estado enviou um exemplar do documento para cada professor da rede, porém a professora nunca abriu para tomar conhecimento do conteúdo. A formação rígida, e um tanto traumática em sua graduação, pode explicar o descaso da professora com o documento. O fato da mesma considerar que o conteúdo era inútil é de se estranhar, já que a mesma afirma que nunca abriu.

Já a professora 3, graduada em 2001 e ingressante no magistério em 2006, mostrou conhecer o documento, porém fazendo algumas confusões quanto a sua disposição, valendo lembrar que o mesmo documento foi referência bibliográfica obrigatória no concurso de 2005 do Estado, o mesmo que essa professora ingressou,

“Eu nunca peguei outro PCN que não fosse da área da Educação Física, no nosso PCN tem lá se eu não me engano nos temas transversais relacionado a saúde, mas o que eu faço e tenho costume de fazer é no início do ano eu pego os livros de ciências que os alunos vão utilizar durante o ano, e dou uma olhada sobre o que eles falam sobre saúde, basicamente higiene, então eu olho o que eles vão trabalhar em ciências para eu ter mais ou menos uma idéia.”

Diante da fala podemos notar a confusão da estrutura do documento, quando coloca os temas transversais dentro do PCN de Educação Física, sendo que há cadernos específicos dos temas, que devem ser compreendidos de forma interdisciplinar, e não somente na área da Educação Física. A professora mostrou-se não se apropriar do documento para fundamentar sua prática, dando preferência aos livros de ciências dos alunos e seus conteúdos, principalmente no que diz respeito à higiene.

Já o professor 4, recém ingressado na educação básica mostrou saber que o documento existe, bem como sua estrutura

“Eu sei que nos PCN’s fala que saúde é um tema transversal que deve ser

trabalhado...”

Porém, apresentou dificuldades no que diz respeito à prática e à utilização do documento,

“... eu não sei como trabalhar o tema saúde dentro das escolas... eu sei que é um tema transversal, que tem que estar presente nas escolas...”

O fato do professor não saber como utilizar o documento na prática, mas conhecer sua estrutura e o que deve fazer nos leva a levantar a questão de sua formação acadêmica estar voltada para a teoria em detrimento da prática, o que Pérez Gomes (1992) nomeia de formação técnica. Porém o autor defende a formação reflexiva, pautada na ação-reflexão-ação, ou seja, um profissional prático.

Enquanto isso, a professora 5 afirma nunca ter pego o documento para ler, mas se recorda de ter estudado na época de faculdade

“O que a gente trabalhou na faculdade com os PCN’s não foi na faculdade de educação física, foi na faculdade de educação, era uma disciplina obrigatória da licenciatura, que era lá, que era a parte de legislação, e a gente era obrigado a ter essa disciplina, e lá que foi abordado a parte dos PCN’s, porque na verdade lá dentro da faculdade todo mundo é meio contra essas coisas formais, tipo de documento, e lá foi abordado, só que muito pouco. E eu nunca peguei o PCN para ler, de jeito nenhum...peguei o texto formal, que dá as orientações básicas, mas pegar temas específicos dos PCN’s eu peguei muito pouco para ver”

O documento não foi trabalhado dentro da área da Educação Física, mas constituía-se de uma disciplina obrigatória. Interessante notar o depoimento de que dentro da faculdade o pessoal era contra a parte de legislação, documentos formais, entre outros, o que provavelmente influenciou a professora, já que ela mesma afirma nunca ter tido interesse em ter contato com o documento para ler,

com certo descaso quando fala do mesmo, retratado na expressão *de jeito nenhum...*, o que mostra um desinteresse em conhecer o conteúdo.

Notamos que os professores sabem que os Parâmetros Curriculares Nacionais existem, mas mostram não apropriarem-se do documento na sua prática profissional, nem tampouco as orientações que o documento trás, tanto da parte específica da Educação Física, quanto dos temas transversais, onde se insere a saúde. Vale ressaltar que tal documento foi referência bibliográfica dos concursos nos quais esses professores ingressaram.

Quanto aos seus cursos de formação, os três professores recém formados e atuantes na educação básica falaram sobre seus currículos de uma forma geral e mais especificamente da área da saúde. Interessante é notar como a professora 3 fala de uma disciplina ligada à saúde que teve na sua formação na faculdade, o que mostra o descaso com que o tema foi tratado nesse caso específico,

“A gente tinha uma disciplina, que agora eu não me lembro exatamente o nome, mas tinha saúde no meio, não lembro agora o que era, mas a gente tinha essa disciplina específica, o professor era médico do São Paulo, super boa gente, mas assim a aula dele era praticamente sobre o São Paulo, ainda mais porque tinham vários são paulinos na sala, então ele mais contava história do São Paulo do que a aula em si, então foi bem capenga a disciplina, e era numa sexta feira nas últimas aulas....”

O nome da disciplina sequer foi lembrado, apenas foi relatado que existia o termo saúde em sua determinação, e que era ministrada por um médico de um clube de futebol, que abordava o futebol como tema nas aulas. A expressão *capenga* demonstra que a professora não absorveu de forma adequada os conteúdos da referida disciplina, o que levanta questionamentos sobre a formação profissional que essa professora teve na universidade. Será que a universidade estava realmente preocupada com o aprendizado de seus estudantes? E os alunos, quais eram os reais interesses em aprender, se aceitavam o tema futebol em uma disciplina que o foco era a saúde?

Já o professor 4 mostra que as disciplinas que tratavam do tema da saúde no seu curso estavam voltadas às de cunho biológico, e dá uma opinião de como poderia ser tratado o tema na graduação.

“Eu não tive nenhuma disciplina específica relacionada à saúde. Cada disciplina, principalmente as voltadas para área biológica, como anatomia, fisiologia, nutrição, foi levantado um pouco sobre esse tema saúde... mas na minha graduação muito pouco que eu tive sobre esse tema. Eu acho que um curso de Educação Física deve sim abordar o tema da saúde, mas em várias disciplinas, numa interdisciplinaridade, como foi feito na minha faculdade, em nutrição, fisiologia”

O tema saúde não foi tratado de forma específica no curso e o professor não considera disciplinas como anatomia, fisiologia, nutrição como específicas da área da saúde, e que teve muito pouco sobre o tema. O questionamento que surge nesse ponto é: E se fosse tratado em uma ou mais disciplina de forma específica, a formação não seria mais completa? Isso aparece decorrente de que o tema foi tratado de forma interdisciplinar e ele ter tido poucas informações.

A professora 5, como citado anteriormente, fala de uma disciplina específica da saúde que teve na faculdade, porém quando estava fazendo seu bacharelado, e não na licenciatura. A disciplina abordava também aspectos sociais e não apenas os biológicos, como vimos até agora, além de ser uma disciplina optativa.

“Tiveram várias, mas teve uma que passou mais específico pela área da saúde que foi da área de saúde coletiva, que não era obrigatória, mas eu não cursei na licenciatura, peguei como optativa da área de treinamento...”

Dentre as muitas disciplinas ligadas à área da saúde, a que mais chamou a atenção da entrevistada foi uma da área da saúde coletiva, ou seja, não estava somente relacionado aos aspectos biológicos. Ao contrário do professor 4, que não teve nenhuma disciplina específica do tema saúde em seu currículo, a

professora teve uma específica, dentre várias que trataram o tema.

“Essa era específica de saúde né, tipo como era vista a saúde, como era vista na nossa área a saúde, e fora disso tinham as disciplinas comuns né... então eu lembro que a gente ficava discutindo o que era saúde, qual era a concepção de saúde para a população, a nossa própria concepção de saúde, então nós começamos a disciplina dessa forma, tentando achar um conceito de saúde que no final a gente achou que poderia ser um monte de coisa dependendo da pessoa que for... então nós discutimos a relação saúde-doença, a saúde como ausência de doença, que é o mais senso comum que tem, que se você não está doente você é saudável, aí a gente começou a destrinchar essa frase básica, uma série de coisas de outras coisas que poderiam ser opostas e geralmente a gente discutia nesse sentido de oposição, que era ou não saudável, então o contrário, o que não é saudável, então isso e isso, mas e se a pessoa não tem nada disso é uma pessoa saudável ou não?... Então, vamos ver o que é saudável, o que é saúde, então essas discussões assim, mas eu não lembro os autores que lemos, mas nós giramos em torno disso e vimos que saúde é um termo subjetivo, que cada um tem na verdade uma sensação do que é saúde e do que não é e depende muito de tudo aquilo que foi construído, e a gente faz parte dessa construção do conceito de saúde também dentro da nossa área de Educação Física, naturalmente pela história que tem da disciplina na área de escolar a gente acaba construindo com nossos alunos a concepção de saúde, mesmo indiretamente, se eu não quiser, eu acabo interferindo nessa concepção do que é saúde, hábitos de saúde, hábitos saudáveis, a gente acaba interferindo de uma forma ou de outra”

Analisando o conteúdo dessa disciplina, cursada pela professora 5 na Unicamp, vimos que ela era relacionada à área da Educação Física. Discutia-se a concepção de saúde, o que se considera muito importante no dias atuais, já que é apresentado aos estudantes um novo olhar sobre o tema, decorrente dos diversos paradigmas. Importante, também, a discussão dos aspectos que estão envolvidos

na vida do ser humano como fatores de influência na saúde do indivíduo, o que vai ao encontro com os princípios do Ideário da Promoção da Saúde, já discutidos anteriormente. Notamos também na fala que a professora conhece as concepções diferenciadas da relação saúde-doença, colocando a ausência de doenças como fator para ser saudável como um senso comum, e coloca a saúde sendo um tema subjetivo. Dentro da área da Educação Física, a entrevistada coloca a relação histórica da disciplina com o tema, e que nós, professores, fazemos parte da construção do conceito de saúde dentro da Educação Física, o que acarreta, conseqüentemente, sendo construído com os alunos, já que interferimos diretamente na educação deles.

Esse relato parece ressaltar o quanto é importante uma disciplina específica voltada para saúde em um curso de graduação para a formação profissional de professores de Educação Física. A professora 5 mostrou ter um conhecimento diferenciado dos demais entrevistados no que se refere a esse tema, possivelmente por uma formação mais social e reflexiva.

Os aspectos que relacionam a saúde com a Educação Física escolar e como abordar essa relação com os alunos também foram colocados pelos entrevistados, conforme descrito a seguir.

A professora 3 mostra quais são suas preocupações com os alunos no que tange ao tema da saúde,

“Duas coisas que me preocupam bastante é higiene, porque não tem jeito, e alimentação, porque da mesma forma que tem muitos alunos que faz uma refeição em casa por dia, na escola eles estragam muita comida, é uma coisa absurda de se pensar, mas jogam o prato todo no lixo, então eu converso com eles muito sobre alimentação e é precária, de aluno naquele sol passar mal, e você vai perguntar ele não tomou café, não almoçou, então o que eu me preocupo mais são esses dois aspectos.”

A higiene e a alimentação são dois dos fatores que mais preocupam a professora dentro da escola, mencionando que a alimentação desses alunos

passa pelo cenário precário, e mesmo assim há uma grande quantidade de alimentos desperdiçados. Há de se destacar nesse ponto que a qualidade dos alimentos servidos na merenda das escolas estaduais paulistas são muito baixa, geralmente com produtos enlatados, de gostos muito ruins, isso comprovado por mim mesmo que já tive oportunidade de provar. Na escola onde atuo, o desperdício também é grande, já que os alunos não gostam da comida que é servida, mas estão com fome. A entrevistada relata no início da fala a preocupação com a higiene dos educandos, mas não cita quais são essas preocupações. A seguir, a professora também mostra preocupações com os fatores ambientais envolvidos na sua comunidade escolar, relatando que,

“A minha escola é uma escola de periferia, então saneamento básico, por exemplo, só 30 % dos alunos têm, o restante não. A nossa própria escola não é canalizada, então o esgoto vai para um córrego que corre ao lado da escola, e quando chove, o esgoto volta pelo ralo da escola, então alaga a escola de um jeito que não é só água da chuva, é água do córrego que volta com esgoto, então ali já começa a nossa falta de saúde, sem falar os pombos, que são alimentados por nós mesmo da comunidade escolar porque é uma sujeira imensa, então é muito difícil, é um problema que vem das casas... eu tenho aluno que é uma escova de dente para todos da família, então como que você vai falar para o camarada que cada um tem que ter a sua escova, provavelmente só dá para comprar uma.”

O fato de a escola ser da periferia da cidade de São Paulo demonstra que poucos na comunidade escolar têm acesso, por exemplo, à saneamento básico, sendo que a própria escola não é canalizada. Mostra a preocupação com o esgoto, o córrego que alaga, e cita que lá começam os problemas de saúde da comunidade, ou seja, o ambiente da escola e sua comunidade como um dos fatores relacionados à saúde desses alunos. A seguir, é relatada as dificuldades financeiras nos quais esses alunos vivem, sendo que existe família que utiliza apenas uma escova de dente para todos dentro de casa, já que não tem condições de comprar uma pra cada. Pela seguinte fala, percebemos outros

fatores, além dos biológicos, citados pela professora 3 como influenciadores na saúde dos alunos, como os fatores ambientais e sociais (renda) da comunidade escolar, o que vai ao encontro do Ideário da Promoção da Saúde.

Vemos nesse trecho uma preocupação além dos aspectos biológicos, mas o ser humano como um todo, o que nos aproxima da concepção do Ideário da Promoção da Saúde, que será discutida adiante.

Já o professor 4 ao falar do assunto menciona que

“Apesar de ter feito esse meu trabalho de conclusão de curso durante a graduação, hoje nas minhas aulas eu trabalho apenas com a conscientização dos alunos em relação à saúde, então quando é levantado algum tema, eu tento explicar esse tema, como deve se proceder, e lá na escola mesmo a gente trabalha com projetos relacionados à saúde, tanto é que esse ano que teve essa gripe, todos os professores foram envolvidos a realizar projeto de como se lava as mãos, o porquê da gripe suína, quem tem mais tendência em pegar essa gripe, mas durante as aulas eu não tenho um conteúdo específico para trabalhar a saúde.”

É mencionado o trabalho de conclusão de curso que o professor realizou na graduação, que foi relacionado ao tema da saúde, porém na prática procura apenas conscientizar seus alunos e cita um dos projetos desenvolvidos pela escola na época da epidemia do vírus da gripe H1N1, com ações de ensinar como se lava as mãos, informação de quem poderia adquirir a gripe, numa tentativa de prevenir esses estudantes do vírus. Interessante notar que o professor só trabalha o tema quando a escola desenvolve projetos, já que é mencionado que não há no planejamento.

E em outro trecho, o professor relata um dos problemas apresentados na sua escola,

“... o que eu percebo, é que durante o intervalo, no que diz respeito a esse tema relacionado à saúde é com a alimentação das crianças, até não só com a

alimentação, mas os papéis no chão, a sujeira no chão e aí após esse intervalo tem um outro intervalo que as crianças descem e comem com os papéis tudo no chão, e a escola tenta conscientizar os alunos, mas não tem nenhum projeto que trabalhe isso”.

O fator ambiental aparece como um indicativo de preocupação do professor, já que as crianças do segundo intervalo fazem suas refeições com o refeitório sem estar limpo, sujeira essa produzida pelos alunos do primeiro intervalo. Mesmo havendo esse problema, a escola não desenvolve nenhum projeto para tentar minimizar o ocorrido, apenas conscientizar. Nesse caso, a conscientização não estaria funcionando, será que pelo fato de esse trabalho não estar sendo significativo aos alunos? O que está ocorrendo é uma relação de causa e efeito, onde não há um processo reflexivo para se acabar com o problema presente na escola.

Vimos que o professor menciona seu trabalho de conclusão de curso em uma das falas, já que fez sobre saúde, e ao falar desse trabalho aponta que

“... nos dois últimos anos eu também tive disciplinas voltadas para o meu trabalho de conclusão de curso, que eu fiz sobre promoção da saúde nas escolas, onde eu fiz uma entrevista com os alunos, professores e diretores de escolas municipais de São Paulo. Eu peguei esse público e entrevistei, perguntando como que era a saúde, o que eles consideravam como saúde, e para os alunos eu perguntei também o que era saúde e o que eles achavam que é ter saúde. Para os diretores, as perguntas eram se a escola realmente promove a saúde, não somente nas aulas de Educação Física, mas em outras aulas e foi isso...”

O trabalho de conclusão de curso do professor 4 foi sobre o tema da Promoção da Saúde, com perguntas aos membros envolvidos na comunidade escolar, porém apenas com as informações seria difícil entendermos o significado desse termo para o professor. Foi aí que resolvi indagá-lo sobre os resultados da pesquisa,

“Eu obtive que uma pequena parcela entende o que é saúde, segundo a Organização Mundial da Saúde, uma pequena parcela também entende sobre como se trabalha com a saúde na escola, e uma pequena parcela também sabe como promover a saúde dentro das aulas de Educação Física com os professores. Muitos professores acham que promover a saúde na Educação Física é pedir para a criança correr, é pedir para a criança lavar as mãos antes de comer, e segundo a teoria que foi pesquisada isso não era somente promover saúde, tinham outros aspectos nas aulas de Educação Física que podiam influenciar na saúde, tipo renda familiar, a comunidade também, então não somente pedir para as crianças correrem, ou uma conscientização”

Os resultados dessa pesquisa apresentados pelo professor 4 mostra que grande parte da comunidade escolar desconhece o conceito de saúde e como trabalhar esse tema na escola. Mostra também que os princípios do Ideário da Promoção da Saúde foram estudados, ao relatar que outros fatores, além dos físicos, influenciam na saúde dos indivíduos, e o entrevistado utiliza a renda familiar como exemplo.

Cabe aqui uma colocação interessante sobre o caso desse professor: O professor demonstrou conhecer o Ideário da Promoção da Saúde, mas com seus estudantes na prática trabalha a conscientização, que é focado na mudança de comportamento do indivíduo (mencionado na página 47), ou seja, em um sentido vertical de causa e efeito, que Laverack e Labonte (2000) nomeiam de *top down* (de cima para baixo), em oposto ao *botton up* (de baixo para cima), que trabalharia para o *empowerment*, ou seja, a capacidade da comunidade em perceber os seus próprios problemas por meio de uma construção participativa, o qual mais se aproxima do Ideário da Promoção da Saúde.

A professora 5 também fala da relação saúde/Educação Física em suas aulas

“Como lá é de 1ª a 4ª série eu não abordo o tema da saúde diretamente,

como parar uma aula para falar dos efeitos do exercício no coração e os benefícios que vão trazer, não tem como fazer isso, e nem é o objetivo da linha pedagógica que eu sigo. Então, não tem uma parada para tratar do tema da saúde, o que acontece é quando acontece alguma coisa com alguém, paro e explico o que aconteceu, mas não tem pausa específica para trabalhar com o tema da saúde, na linha que eu sigo não mais, então eu pego as vezes algum tema que está acontecendo, aí explico porque... mas não que tenha no meu planejamento, o único que tem assim é alimentação e obesidade, o único que tem e que aparece específico e pontual, que está ali programado para ter, o resto conforme os alunos vão pedindo, eu vou trabalhando com os alunos, com o interesse, a curiosidade, perguntas, as vezes até coisa como o funcionamento do corpo que eles acabam perguntando e eu acabo abordando, mas isso parte dos alunos e não é o foco das aulas na minha linha de trabalho”

O tema não é abordado diretamente na escola onde a professora atua por ser uma escola de 1ª a 4ª série, porém nos Parâmetros Curriculares Nacionais para ciclo I da área da Educação Física, um dos conteúdos presentes é o conhecimento sobre o próprio corpo, que diz que para conhecer o corpo abordam-se os conhecimentos anatômicos, fisiológicos, biomecânicos e bioquímicos que capacitam a análise crítica de programas de atividade física e o estabelecimento de critérios para julgamento, escolha e realização que regulem as próprias atividades corporais saudáveis (BRASIL, 1997), ou seja, nesse ponto criticamos o sujeito por não conhecer o documento (fato que a própria professora já disse não conhecer), afinal o tema há de ser trabalhado sim nesse período de escolaridade. Na fala, novamente aparece a alimentação como tema a ser trabalhado com os alunos, além da obesidade, sendo que esses dois assuntos estão no planejamento da professora.

Após esse depoimento da professora, indaguei qual era essa linha pedagógica citada anteriormente que ela seguia, e ela me respondeu que,

“A cultural, que na verdade não é uma abordagem, tive com o Jocimar, fiz

uma disciplina do mestrado com ele agora também. Toda formação da Unicamp é nessa linha, não tem outro jeito, não tem outro jeito de dar aula a não ser seguindo essa abordagem cultural, que na verdade não é uma proposta, é uma linha de pensamento. Lá flutua muito entre a abordagem cultural e a crítica, da Carmen, que também é de lá, e a nossa formação é sempre entre essas duas correntes”

O fato de a professora trabalhar sob o aspecto da abordagem cultural nas suas aulas não impede que o tema saúde seja abordado com seus alunos, já que a educação para a autonomia e o desenvolvimento da consciência crítica da comunidade é possível em qualquer abordagem que se trabalhe. Notamos, pela fala da professora 5, a formação diferenciada que a universidade possui, já que a professora teve no seu curso de formação uma disciplina da saúde voltada aos aspectos sociais e uma formação crítica e reflexiva. A forma como a professora fala das abordagens e seus autores também mostram um entendimento diferenciado da epistemologia da área.

Rangel et al. (2005) consideram que a discussão da saúde na escola tem sido catalisada pela Educação Física, e a abordagem de maior destaque é aquela baseada em um entendimento de ser humano e de movimento fundamentados predominantemente em valores biológicos.

Quanto à essa relação Educação Física/Saúde, a professora 3 mostrou-se confuso nas suas falas, sendo inclusive contraditório, como podemos ver a seguir,

“Eu acho que saúde e Educação Física são praticamente uma só, mesmo que isso seja inconsciente, para mim já está relacionado atividade física com saúde. A gente pode até colocar algumas vertentes nisso, trabalhar e mostrar separadamente, mas eu acho que é uma coisa só, uma depende da outra, uma está ligada com a outra, não tem como fugir não...”

E em outro trecho,

“Eu não acho que falou de saúde, falou de Educação Física. Acredito que a

educação física pode e deve contribuir muito, isso depende da professora da sala trabalhar também, ou a escola de um modo geral trabalhar com os alunos, acredito que nossa área tem muita responsabilidade...”

No primeiro trecho das falas, a saúde e a Educação Física são praticamente apoiadas num só conceito, sendo que a Educação Física aparece como sinônimo de atividade física. Já no segundo trecho mostra que não necessariamente falou em saúde, falou em Educação Física, o que demonstra uma certa confusão de como trabalhar o tema com os alunos, inclusive a dificuldade de conceituar saúde para essa professora. Essa confusão pode ter como causa a formação profissional da entrevistada, já que estamos falando de uma professora graduada há apenas oito anos atrás e que está no seu quarto ano de magistério. Além disso, em outra fala, já mostrou o descaso específico que era tratado uma disciplina ligada à saúde onde estudou, lembrando que durante a entrevista o sujeito não se lembrou de mais nenhuma disciplina ou fato da faculdade ligado à saúde na sua formação.

O professor 4 é sucinto ao falar do assunto e aborda que

“Educação Física tem um papel muito importante em trabalhar a saúde, mas não só ela, eu acho que outras disciplinas também precisam abordar esse tema, como é posto nos PCN’S, como tema transversal...”

Esse depoimento breve com um tema tão importante da entrevista pode demonstrar a falta que faz nos cursos de graduação a presença de disciplinas voltadas à área da saúde, já que o professor 4 citou anteriormente que não teve nenhuma disciplina específica da área da saúde.

Já a professora 5, no que diz respeito à relação saúde/Educação Física, menciona que

“Existe sim uma relação entre saúde e Educação Física escolar, porém nas aulas eu tento diminuir que a Educação Física escolar não é voltada para a área

da saúde, são coisas totalmente diferentes... a área de Educação Física escolar tem um conhecimento próprio, não é só para manutenção do corpo e da saúde, isso eu tento conscientizar os alunos, e eles vão desvinculando. Quando eu começo com a proposta com as primeiras séries, logo depois do primeiro semestre eu mando eles desenharem, para eles relatarem para mim o porque eles fazem aula de educação física, e sempre no começo eles falam que é para ficar forte, crescer, e depois eu repeti com esse mesmo grupo com as 4ª séries com a mesma pergunta e eles colocam que é para aprender, mas não colocam mais coisas voltadas para saúde e corpo, muda a visão que eles tem, já enxergam como uma área de conhecimento e não mais como desenvolvimento motor, da saúde, já tem uma visão diferente”

A saúde e a área da Educação Física escolar realmente são coisas totalmente diferentes, porém é possível trabalhar a saúde sem que esteja voltada para manutenção do corpo. Vimos também que os alunos, ao ingressarem na educação básica, têm a idéia de que a disciplina Educação Física serve para aprimorar os aspectos físicos do corpo, como podemos notar pelo exemplo relatado pela professora.

Em outro trecho, a mesma professora 5 relata uma turma de 5ª série que havia assumido pela primeira vez em sua escola na prefeitura da cidade de São Paulo,

“A escola tem essa idéia muito forte, a direção tem, os próprios professores tem, todo mundo tem... eles acham que não serve para outra coisa a não ser isso, que as aulas de educação física não serve para outra coisa a não ser deixar mais resistente, descarregar energia, ou seja, uma válvula de escape para eles durante o dia, então quando você pega eles na 5ª série é totalmente diferente de pegar um de 1ª série e vir trabalhando, já que com eles foi muito complicado eles entenderem e muitos ainda não entenderam, mas aí é o trabalho de dia por dia, até eles entenderem a linha de trabalho, que é diferente da que eles estavam tendo antes, porque sempre peço o questionário do que eles já tiveram e aparece

coisas diferentes da linha pedagógica que eu sigo propõe”

Ao relatar a expressão *muito forte*, fica claro que os envolvidos na educação (professores, alunos, gestores), na escola em que a professora atua, concebem a Educação Física como componente curricular responsável pelo aprimoramento do físico, ou uma aula de descanso, e isso percebe-se pela dificuldade que a professora vem tendo com seus alunos em uma turma de 5ª série. Esse fato é corroborado por minha pessoa enquanto profissional da rede pública, onde muitas vezes a aula de Educação Física é encarada por professores como o momento de descanso dos alunos, ou mesmo das professoras da sala. A quadra também não é encarada como um espaço pedagógico, muitas vezes abandonada, com estruturas precárias e descobertas, o que impossibilita uma aula de qualidade em dias de forte sol ou chuva. Porém cada vez mais procuro estabelecer a importância e a valorização da Educação Física dentro do ambiente escolar que atuo, e acredito que os resultados estão sendo satisfatórios ao longo dos quatro anos em que trabalho.

Ao apontar essa relação Educação Física/Saúde, Guedes (1999) defende que a disciplina de Educação Física possa assumir a incumbência de desenvolver programas que levem os educandos a perceberem a importância de se adotar um estilo de vida saudável, fazendo com que a atividade física direcionada à promoção da saúde torne-se componente habitual no cotidiano das pessoas. Esse é absolutamente o objetivo da abordagem da Saúde Renovada (DARIDO, 2003). Vale ressaltar que esses dois autores mencionados foram referências no último concurso para provimento de cargos de professor no Estado de São Paulo, e os professores que nele ingressaram não se lembram, ou desconhecem, como é relatado a seguir.

Professora 3 fala do concurso da seguinte forma

“O que eu lembro é nas dissertativas que tinha uma questão de anabolizantes, e qual era o papel do professor com relação a isso, indica, ou não indica, opina, ou não opina... eu lembro dessa questão... foi o primeiro concurso

que eu fiz...”

Já o professor 4, que ingressou no concurso da prefeitura, afirma sobre esse assunto

“Do concurso que eu prestei teve uma bibliografia do Castellani, onde ele aborda a história da Educação Física, e aí ele comenta que a Educação Física passou por uma história militar e dentro dessa bibliografia ele também fala da saúde na Educação Física, onde a Educação Física passou por um momento onde os conteúdos, onde a prática era voltada para a saúde, e na prova realmente teve perguntas sobre esse autor, sobre esse tema”.

Realmente esse concurso da prefeitura teve uma bibliografia bem diferente da que foi proposta no concurso do Estado de São Paulo, mais voltada para as questões pedagógicas da cultura corporal, que segue a proposta pedagógica da prefeitura, e que tem nos autores Neira e Nunes (2006) seus principais precursores.

Já a professora 5, ao falar dos concursos nos quais foi aprovada relata que,

“Eu achei que nos concursos que eu prestei ia ter mais sobre saúde, tinham umas 2 questões que abordavam... eu fiquei surpresa com a prova que teve agora (entrevistada se refere a prova de promoção por mérito do Estado), mas nem era uma coisa de saúde muito fechada, era mais aberta a questão, era muito pouco que caía, não caiu nada... lembro que essa prova agora as duas primeiras eram perguntinhas cretinas de saúde, achei que fosse a prova inteira...”

Eram esperadas mais questões que abordassem o tema da saúde nos concursos que a professora prestou, e as que foram exigidas foram consideradas cretinas pela entrevistada. O que mais chama a atenção é que as professoras 3 e 5 foram aprovados no mesmo concurso que eu fui aprovado, e nesse concurso existiam várias referências bibliográficas relacionadas ao tema da saúde, além das

duas já citadas anteriormente (Guedes e Darido), como os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física que trata do tema saúde, os temas transversais, que também inclui a saúde, Castellani Filho (1991) que aborda as relações históricas da Educação Física, Palma (2000) que discute relações atividade física, processo saúde doença e condições sócio – econômicas, além da Constituição Federal de 1988 que abrange o direito à saúde.

Podemos verificar que o que foi exigido no concurso realmente não selecionava aqueles que detinham total conhecimento de suas referências, o que nos pode levar a crer que muitos professores atuantes na rede não conhecem as referências ligadas à Educação Física/Saúde.

3.1. PARA ONDE VAMOS?

Atualmente, a saúde tem sido vista de diversas formas dentro do ambiente escolar, e os governos atuais possuem diferentes concepções de abordar o fenômeno. Dentro dessa linha, podemos dizer que o Estado de São Paulo e o Governo Federal possuem perspectivas diferentes no que tange ao assunto.

O objetivo principal da Secretaria Estadual de Educação está no combate ao sedentarismo por meio da prática de atividade física e do processo de conscientização dos alunos da importância de se manter uma vida permanentemente ativa.

Com a parceria entre o governo do Estado e o CELAFISCS (Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul) foi criado o programa Agita São Paulo, que tem como finalidade *“promover o nível de atividade física da população e aumentar o conhecimento sobre os benefícios da vida ativa”*. (CELAFISCS, 2009). Dentro do programa ocorrem outros eventos para populações específicas.

Inserido no programa Agita São Paulo está o Agita Galera, que tem como público alvo os estudantes de ensino fundamental e médio da rede pública de ensino do Estado de São Paulo. O evento acontece sempre na última sexta-feira do mês de agosto nas escolas desde 1997 e tem como objetivo promover a

discussão da importância da atividade física para a saúde, bem como a elaboração e implementação de ações permanentes para a promoção do estilo de vida ativo (CELAFISCS, 2009).

Já discutido anteriormente, essa concepção está inserida na perspectiva preventiva, pautada no modelo biomédico, onde a atividade física se torna o remédio para o problema da obesidade.

Dos nossos professores entrevistados, todos conhecem o programa e criticam a forma como é organizado. Professora 2 coloca que,

“Achava o Agita Galera ridículo, uma coisa muito mal feita, era um dia que você ficava louco. Eu tinha 16 salas, como é que você vai colocar tudo isso numa quadra? Porque Agita Galera para eles era sinônimo de por todo mundo para fazer atividade, e não funcionava. Sabe o que eu fazia? Descia a minha sala e mais uma, duas de cada vez, as vezes o diretor queria que acabasse tudo antes do intervalo e me jogava tudo lá embaixo. Eu fazia um joguinho diferente...eu dava futebol para eles porque eles me crucificavam porque eu não dava futebol. E outra, como você vai fazer Agita Galera com menino e menina? E a minha faixa etária era brava...tinha cadeirante...então eu fazia aquele futebol de dupla, de dar a mão....um menino e uma menina.....então eles faziam futebol, adoravam, 50 minutos, sobe e ai desce mais duas...tinha vez que o diretor depois do intervalo punha musica nas duas ultimas aulas e deixava eles dançando, isso era o Agita Galera...Era um dia só, uma coisa muito mal feita, e outra como você vai envolver os pais, se eles não vão para a escola nem para saber dos filhos...”

A opinião, expressa pela palavra *achava*, demonstra que o programa não funcionava na prática dessa professora. O fato de colocar todos da escola para realizar atividade física em um mesmo dia se tornava inviável. Interessante notar que até mesmo o diretor queria que terminasse logo o projeto, “amontoando” os alunos no local onde estavam sendo realizadas as atividades, ou mesmo colocando uma música no intervalo para os alunos dançarem. A questão do gênero também aparece, sendo apontado como uma dificuldade meninos e

meninas realizarem as atividade juntos. De acordo com a fala, podemos concluir que nenhuma reflexão, ou até mesmo uma atividade educativa era colocada em prática, ou seja, o dia do projeto servia apenas para cumprir exigências burocráticas com a Secretaria de Estado da Educação.

Já a professora 3 mostra outra preocupação,

“Eu não tenho nenhum projeto específico para desenvolver saúde. Fora o agita galera, eu conheço o Dia do desafio... Eu, particularmente, acho uma palhaçada o agita galera, porque eu não sei se é falta de conhecimento, se é falta de informação, se que é estipulado um dia para se incentivar a prática de educação física, de uma atividade física, quando isso deveria ser o ano inteiro. Na escola, o dia do agita galera foi tudo no meu primeiro ano, depois você vai vendo que as parcerias não são mais as mesmas, os professores não querem se envolver, a escola, dependendo do coordenador também não quer se envolver, então hoje, o agita galera normalmente é de sexta feira então eu não participo, não faço... a última vez que eu fiz, (porque assim, PEB I é fogo né...) então tem aquela coisa de o que você vai fazer, não é uma conscientização da escola, de um todo, é apenas o que o professor de educação física vai fazer naquele dia porque eu quero saber que horas que eu vou poder ficar “de boa”... então o ultimo agita galera que eu participei eu fiz um torneio de queimada com as salas que eu tinha naquele dia. Eu queria ter feito uma caminhada só que ai ficam: Ah! Eu não vou, minha sala não vai... a coordenadora na época também não auxiliou então, eu resolvi fazer com as turmas que eu tinha mesmo naquele dia.... eu acho que precisaria de uma informação melhor, de um conceito diferente, de um conceito que fosse passado para as escolas de uma outra forma, não só um dia, aquele dia, porque parece que é tudo perfeito, e não é... você vem que lindo, que bonito, tem escolas que faz trabalhos maravilhosos no dia do agita galera, mas e depois... e até ali, até chegar ali o que aconteceu...”

A falta de conhecimento e de informações são apontadas como as dificuldades do programa pela professora 3. Considera a docente que uma ação

pontual, em apenas um dia não resolve nada, e que deveria ser trabalhado o ano inteiro, questionando sobre o que ocorre depois do evento, ou o que se fez até o dia do evento. O programa foi bem desenvolvido no primeiro ano de magistério, porém a professora foi desanimando ao longo dos anos, já que os outros professores da escola, e a coordenadora não aprovavam as idéias do programa, servindo apenas de horário de descanso, enquanto a entrevistada trabalhava na quadra. Isso é demonstrado também quando a professora cita que tentou em um dos anos realizar uma atividade diferenciada com uma caminhada e não teve apoio de nenhum dos segmentos escolares. A expressão *conceito diferente*, utilizada na fala, mostra que a professora sabe que o programa não tem fins reflexivos e críticos para os alunos.

O professor 4 atua na prefeitura, onde não é aplicado o Programa Agita Galera, porém o professor mostrou conhecer pouco o programa, e deu sua opinião

“Na minha escola ainda não chegou esses programas, mas na prefeitura tem o Recreio nas Férias, mas na minha opinião esses programas não são voltados para a saúde... não é porque o Agita Galera faz com que a pessoa faça uma atividade por 15 minutos que ele está promovendo a saúde. Eu acho que a saúde vai muito além desses programas, claro que são programas muito bons que podem conscientizar os praticantes, mas deve ter um algo por trás desses programas, deve oferecer palestras, a conscientização, e não só a atividade física, a atividade física em si não promove a saúde”.

As contradições entre as informações que o professor 4 menciona são que os programas são muito bons e que deve ter algo por traz, como a conscientização. Porém, o evento tem como objetivo a conscientização, e essa acaba sendo a maior crítica ao Agita Galera, justamente por não proporcionar uma reflexão crítica do aluno. Talvez isso ocorra pelo fato de na escola onde esse professor atua não ter o programa, e isso acarretar o pouco conhecimento sobre o mesmo. Interessante nos atentarmos para o fato de os quinze minutos de atividade não significar que estamos promovendo a saúde, e que a atividade física

em si não promove a saúde, o que nos leva a crer que esse entrevistado possui uma concepção diferente daqueles que defendem a efetividade do Programa Agita Galera.

A professora 5, que atua em escolas da prefeitura e do Estado de São Paulo também tem sua opinião sobre os programas,

“Esses programas Agita Galera, e outros vão totalmente de encontro com o Estado e ainda continua mantendo esse tipo de programa, de propostas desses dias malucos que vai resolver os problemas do mundo, entendeu?...E eles pedem, estão indicando, em todo lugar ta assim, em Barueri também, é essa linha mais cultural, mais reflexiva, e eles continuam mandando esse tipo de coisa. Nos primeiros anos, eu estava com um professor que ele não sabia o que ele era da vida, e a gente acabou fazendo... no segundo ano eu não fiz, me recusei a fazer, e um outro professor que estava lá fez. O ano passado juntos com uma coisa que a gente estava fazendo de gincana, uma atividade assim, e a coordenadora, ela mesmo escreveu o projeto e só para mandar... Só o primeiro ano que eu parei e fiz, nos outros anos eu falava que estava fazendo isso e se quiser dá para fazer isso, e se vira ai para mandar o que você quiser mandar...”

Não é possível afirmar se os programas estão totalmente fora com o que o Estado de São Paulo está propondo, já que é muito confuso definir a proposta do Estado para a área de Educação Física, como mencionado anteriormente. A tendência para uma formação reflexiva, no que tange ao tema da saúde, parece clara com os propósitos colocados no papel da proposta curricular, porém programas como o Agita Galera e o Dia do Desafio ainda aparecem como constantes nos dias atuais dentro das escolas. O motivo que leva a essa contradição talvez fosse questões políticas, parcerias desenvolvidas, porém esse assunto não é tema para o decorrer do nosso trabalho. Vale também ressaltar mais uma vez os aspectos burocráticos que o programa causa na escola, ao apontar que a coordenadora da escola mesmo escreveu e mandou o projeto, em uma clara manifestação de cumprimento com as exigências expostas.

Percebemos claramente que esses tipos de programas pontuais não vêm obtendo sucesso com professores da rede pública de ensino. Tivemos opinião de três professores que atuam/atuaram no Estado (professoras 2, 3 e 5) e foi unanimidade a opinião contrária quanto à efetividade dos programas. Talvez a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo poderia repensar a importância do Agita Galera, bem como de outros programas que tenham a mesma finalidade, e sua aplicabilidade na escola.

Já Oliveira (2006) ao estudar o impacto do programa Agita Galera no ambiente escolar, observou que tanto os alunos, como os professores demonstraram um nítido desconhecimento das propostas do programa, e aponta para a necessidade de repensar as estratégias e métodos para capacitação dos professores para a realização do evento, porém as falas dos professores demonstram que esses conhecem o programa, porém não o consideram efetivo na prática.

Por sua vez o governo Federal, por meio do Ministério do Esporte e da Secretaria de Esporte escolar, tem como finalidade a inserção social daqueles que estão sob vulnerabilidade, ou seja, sob os riscos sociais. Para isso, tem no Programa Segundo Tempo sua principal ação.

O programa Segundo Tempo tem como principal objetivo democratizar o acesso à prática e à cultura do Esporte de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social, oferecendo práticas esportivas educacionais, contribuindo para melhoria das capacidades físicas e diminuindo a exposição aos riscos sociais. (BRASIL, 2009)

Vale ressaltar que um dos resultados diretos esperados é a melhoria da saúde dos participantes, o que demonstra a perspectiva de uma terceira concepção de se tratar a saúde: a saúde coletiva, que está concentrada no público que está justamente sob a vulnerabilidade e expostos aos riscos sociais.

No Programa Segundo Tempo, as atividades são desenvolvidas fora do horário escolar, e a intenção do governo atualmente é inserir o programa em todas as escolas do país.

Pelo exposto, podemos considerar que há atualmente um conflito de interesses políticos e ideológicos: no governo do Estado de São Paulo, a visão biomédica da saúde relacionada aos fatores de risco para as doenças (perspectiva biomédica). Já na segunda perspectiva, para o Governo Federal a saúde é problemática para aqueles que têm riscos sociais e vulnerabilidade, questões próprias do discurso da saúde coletiva. Dentro desse contexto, podemos verificar que hoje há pelo menos três perspectivas de se ver o fenômeno da saúde e sua inserção não só nas aulas de Educação Física, mas na escola como um todo: a preventiva, pautada no modelo biomédico; a da saúde coletiva, pautada na vulnerabilidade social; e a pautada no ideário da promoção da saúde, o que nos leva a questionar: Para onde vamos?

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para podermos finalizar o trabalho, retornamos ao que pretendíamos com esse estudo: verificar os conceitos de saúde que permearam as práticas profissionais dos professores de Educação Física que atuaram em diferentes épocas, trazendo para isso a oralidade de cada professor, e relacionando-as com a literatura pertinente de cada período, bem como os documentos legais.

O caminho pelo qual percorreu a Educação Física escolar dos anos 30 aos dias atuais foi longo, passando por diversas formas de pensar e agir, especificamente no que se refere ao tema da saúde, muitas vezes ligado diretamente com a disciplina na escola. Para entendermos esse caminho, optamos por ouvir as vozes das pessoas que presenciaram e atuaram nesses contextos, documentá-las e assim confrontar com os documentos e literatura que permeava cada período.

Cada um dos professores foi selecionado propositalmente pela época que estudou e trabalhou como professor de Educação Física na escola, e cada um colocou suas palavras na entrevista de uma forma muito particular, e aí se insere a subjetividade da metodologia da história oral. Alguns entrevistados falando mais alto, outros mais baixos, alguns se expressando por meio de gestos, outros mais contidos, porém todos com o propósito de esclarecer as vivências dentro do ambiente escolar no papel de professores.

As mudanças nas formas de pensamento de como se trabalhar a saúde na escola foram colocadas de acordo com a formação de cada professor. Ao dar significado às palavras dos entrevistados, contextualizamos o caminho da Educação Física escolar e sua relação com o tema da saúde.

Para a utilização da História Oral como método foi necessário adentrarmos principalmente nos trabalhos de Thompson e Meihy, entre outros que também trouxeram significado e o porquê dessa metodologia trabalhada. Nesse método, as entrevistas tiveram diversas fases, desde a fase dos critérios de seleção e exclusão dos sujeitos, passando pela procura de quais professores se encaixariam no perfil estabelecido, até os contatos, agendamentos, viagens para casa dos

professores, gravação das falas, transcrição literal dos depoimentos, seleção de frases adequadas com os objetivos da pesquisa e análise de todos esses depoimentos de forma cautelosa e cuidadosa.

As análises dos depoimentos nos trouxeram informações pertinentes de diversos pontos a se destacar: as formações iniciais e continuadas de cada docente, as concepções de ensino dentro de cada prática pedagógica, as histórias das vidas na luta por uma vaga de professor nas redes públicas de ensino (tanto no Estado quanto na Prefeitura de São Paulo), as relações de suas aulas com o tema da saúde, as opiniões sobre as práticas atuais da Educação Física e seus documentos orientadores dessa prática.

Pudemos perceber numa primeira parte do trabalho, por meio de relatos orais e referências bibliográficas, que em épocas passadas havia uma forma muito peculiar de desenvolvermos conteúdos da Educação Física nas escolas, sendo cada fase com suas especificações. Tivemos a década de 30 com o higienismo, a década de 60 com o militarismo até os anos 70, quando começa uma forte propensão ao desporto e a atividade física, e nos anos 80 um movimento de aptidão física relacionada à saúde. Já no final dos anos 80, início de 90, uma gama de opiniões de estudiosos teóricos veio “assombrar” a Educação Física escolar, até então exclusivamente biológica. Essas teorias tinham como preocupações uma formação crítica, que levasse o aluno a reflexão de determinado conteúdo.

Na fala dos profissionais entrevistados no presente trabalho, podemos perceber algumas convergências e outras divergências quanto aos diversos temas pesquisados e que relacionam a saúde com a Educação Física escolar. A começar pelo documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, relatamos que os professores pesquisados não se apóiam no documento para subsidiar suas práticas, sendo que dois entrevistados mostraram desconhecê-los e nunca leram, um fez confusão quanto aos conceitos e um admitiu conhecer, mas não saber aplicar. Um ponto interessante a ser tratado é que a concepção de saúde colocada no documento no caderno dos temas transversais é diferente do colocado no caderno específico da área de Educação Física, sendo que na área

específica é voltada a uma prática de cunho estritamente biológico e no caderno dos temas transversais já leva em consideração outros aspectos relacionados à saúde, como enfatiza Ramos e Ferreira (2000) ao explorar algumas possibilidades colocadas para a Educação Física escolar diante do tema transversal saúde:

“Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados em 1998, houve uma reconstrução do sentido do tema “saúde”, buscando superar o conceito sustentado apenas na perspectiva biológica e informativa. Os PCN’s consideram os múltiplos enfoques e influências que, conjuntamente, determinam, explicam, caracterizam, problematizam, enfim, compõem o cenário da saúde, tanto aspectos socioeconômicos, como culturais, afetivos e psicológicos” (p. 56).

Entendemos que essa divergência nos documentos pode e provavelmente causa certa confusão nos professores no momento da leitura dos documentos e de sua prática na escola, portanto há de ser repensado o caderno no que diz respeito a parte específica de Educação Física, já que de acordo com nosso parecer, a concepção de saúde presente nos temas transversais é mais condizente com a nossa realidade nas escolas.

Outro aspecto a ser destacado nas informações obtidas nas entrevistas diz respeito aos cursos de formação de Licenciatura em Educação Física e o tema da saúde. Os professores recém formados pesquisados demonstraram que o tema é pouco explorado nos cursos de graduação, com certo descaso e, quando tratados, são voltadas ao aspecto biológico. O único caso em que houve um estudo de uma disciplina voltada aos diversos aspectos relacionados à saúde foi em um curso de bacharelado, voltado à área de treinamento, e no caso ainda apresentou-se ser de caráter optativo. Aqui cabe nosso parecer para os cursos de Educação Física explorar mais o tema em suas grades, principalmente no que diz respeito aos aspectos sociais da área, mas esse tema talvez seja assunto para pesquisas futuras, com objetivos voltados à formação profissional do docente.

Um fator interessante a se destacar dos dados coletados é que apenas um

dos professores mencionou a proposta pedagógica vigente nos dias atuais. Isso pode ser explicado pelo fato de dois dos três professores que atuam nos dias atuais na escolar estarem atuando no ciclo I de ensino, o que corresponde à antiga 1ª a 4ª série, e este nível de ensino não possui uma proposta curricular de ensino e nem os Cadernos Didáticos fornecidos pela Secretaria de Educação, já que a Proposta Curricular do Estado de São Paulo é direcionada apenas ao ciclo II (antiga 5ª a 8ª séries) e Ensino Médio. A proposta direcionada ao ciclo II menciona apenas que

“Espera-se que até a 4ª série do Ensino Fundamental os alunos tenham vivenciado um amplo conjunto de experiências de Se Movimentar, e possuam várias informações/conhecimentos sobre jogo, esporte, ginástica, luta e atividade rítmica, exercício físico, etc., decorrentes não só da participação nas aulas de Educação Física, mas do contato com as mídias e com a cultura de movimento dos grupos socioculturais a que se vinculam (família, amigos, comunidade local, etc.) (pg. 44)

Os professores também falaram sobre a relação das suas aulas com o tema da saúde e como abordam o assunto com seus alunos no ambiente escolar. Os assuntos mais explícitos nas falas foram a higiene e a questão da alimentação e obesidade. Interessante notar um professor que mostrou conhecer os princípios do Ideário da Promoção da Saúde, mas não aplicá-lo na prática, já que disse trabalhar apenas com a conscientização dos alunos e voltado aos aspectos biológicos. Outra professora afirmou não abordar o tema da saúde, pois há uma forte idéia presente em todas as pessoas do segmento escolar de que a Educação Física tem com a questão da saúde, mencionando as corridas e os gastos energéticos, ou seja, estritamente voltado ao biológico.

Um ponto em que todos os professores convergiram em suas afirmações foi quanto aos programas existentes nas escolas para desenvolver a saúde dos

alunos, como o Agita Galera, Recreio nas Férias, Dia do Desafio, entre outros. Todos os docentes criticaram de forma árdua os programas, com várias explicações para suas críticas, como o número exagerado de alunos, a dificuldade de envolver a comunidade nos projetos, professores e coordenadores pedagógicos que não apóiam os programas, e o fato de ser uma ação pontual, sem nenhuma reflexão com os alunos tanto antes como pós evento. Isso mostra que esse é outro aspecto que as Secretarias de Educação precisam repensar, já que é evidente que os resultados esperados não estão sendo encontrados.

Percebemos por esses dados apresentados e discutidos até aqui que o Ideário da Promoção da Saúde e a concepção de Escola Promotora da Saúde ainda estão longe de ser colocada em prática por professores de Educação Física escolar, e que as práticas destes voltadas ao tema da saúde, quando existem, estão ainda sendo de cunho biológico, reducionista e sem reflexão alguma para os alunos. Causas possíveis desse quadro podem estar na formação profissional dos cursos de Licenciatura em Educação Física, a falta de formação continuada por parte das Secretarias de Educação, e as divergências que existem nos documentos que orientam as práticas profissionais nos dias de hoje, onde existe um quadro em que os docentes não conhecem nem ao menos as referências bibliográficas exigidas nos concursos em que ingressaram.

Esses mesmos documentos, em parte, demonstram apresentar as mesmas orientações que apresentavam os documentos dos anos 60 e 70, como aponta Soares (1997) ao analisar os PCN's da área de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental, afirmando que no Decreto 69450/71, elaborado no regime militar, o ensino da Educação Física também deveria "contribuir para a manutenção e promoção da saúde" e que esta era a relevância social da época, e a mesma frase encontra-se no documento dos anos 90 em sua página 14.

Outro fator a se destacar é que, de acordo com as palavras dos professores entrevistados, as práticas pedagógicas dos dias atuais estão indo de encontro com o que condizem as palavras de alguns documentos orientadores das práticas, e ao encontro de outros documentos, já que até mesmo os documentos se contradizem entre eles mesmos, diferentemente de épocas passadas, em que

cada período representou uma especificidade, e os professores atuavam de acordo com o contexto da época e o que preconizavam os documentos e leis.

Cabe a nós nesse momento afirmar que as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física atualmente estão sendo parecidas, senão iguais, as práticas de professores de épocas passadas, como as décadas de 60 a 80, no que diz respeito ao tema da saúde. Dessa forma, as reflexões e a formação crítica dos alunos perante esse tema ainda se encontram distante das consideradas por nós como ideais.

Um aspecto a ser levantado é que as formações iniciais e continuadas pouco dão importância à questão da saúde no ambiente escolar. Eu mesmo, como professor de Educação Física, declaro ter tido poucas informações na graduação e praticamente nenhuma informação no que diz respeito às minhas formações continuadas decorrente de meu trabalho atual. O conhecimento que nesse trabalho coloco sobre o tema advém de minhas instigações e curiosidades em pesquisar, do prazer de estudar e da oportunidade que tive de cursar um programa de pós - graduação *strictu sensu* nessa área.

Os cursos de licenciatura poderiam abrir novos espaços à oralidade das pessoas, ouvindo professores (as) que atuaram e que fizeram parte dessa história, da forma que foi construída, já que essa oralidade é a história que ainda não foi contada, diferente das histórias que apresentam os documentos, que hoje constituem a base dos cursos de graduação.

Dos depoimentos, a professora 1 demonstra com clareza a época em que viveu e atuou como professora, o período do regime militar e toda a influência que causou nas aulas de Educação Física escolar da época, com a rigidez, a exigência da postura, etc. A professora 2 demonstra na fala que essa rigidez citada estava presente exatamente na época de sua formação (década de 70), com os aspectos humanistas sendo pouco valorizados. Essa foi uma professora que atuou a vida inteira em escola pública do Estado de São Paulo e, pela falta de formação continuada, não acompanhou as mudanças na forma de pensar a Educação Física na escola, principalmente após o regime militar, com a abertura política.

Já os professores 3,4 e 5 são recém formados e contribuíram contando um pouco de suas práticas e concepções. Percebem-se três diferentes tipos de formações iniciais, e como estão no início de uma carreira ainda é cedo para falarmos em formações continuadas, porém um relatou já estar cursando um curso lato sensu em Educação Física escolar e a outra mencionou já ter feito uma disciplina de mestrado, o que aparenta ser um bom sinal para termos professores com conhecimentos aprofundados da nossa área.

Acreditamos que o fato de podermos relatar as vozes de professores que vivenciaram o tema saúde na Educação Física em diferentes períodos possa ser uma das marcas do presente trabalho, já que tradicionalmente os trabalhos de história da área são contados por pesquisas bibliográficas, que não possuem a subjetividade presente na História Oral, que revela fatos, emoções, verdades. Dessa forma, novas possibilidades passam a surgir para as pesquisas históricas na Educação Física.

Em suma, podemos afirmar que o desafio de fugir dos padrões clássicos de uma pesquisa na área de Educação Física foi árdua, espinhosa, trabalhosa ao extremo, porém com uma satisfação imensa. O gosto pela Educação Física, aliada à paixão pela educação me deu forças para buscar possibilidades e demonstrar um pouco da nossa realidade escolar. Isso tudo me motivou a ingressar em um curso de Pós – Graduação, contar um pouco da minha história de vida pessoal, profissional e acadêmica, ouvir também a de outros professores e entender um pouco mais de nós, professores, que formamos e somos formados no nosso cotidiano docente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAGRICHEVSKY, M. E PALMA, A. Questionamentos e incertezas acerca do estatuto científico da saúde: um debate necessário na Educação Física. **Revista da Educação Física/UEM**, v.15, n.2, Maringá, 2004.

BAGRICHEVSKY, M. E ESTEVÃO, A. Os sentidos da saúde e a Educação Física: apontamentos preliminares. **Arquivos em movimento**, v.1, n.1, 2005

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BICUDO PEREIRA ET. AL. Escolas promotoras de saúde: onde está o trabalhador professor? **Saúde em Revista**, v.5, n.11, Piracicaba, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 1ª a 4ª série**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio**. Brasília, MEC/SEMTEC, 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde. **Movimento Sanitário Brasileiro na década de 70: a participação das universidades e dos municípios**. Brasília, CONASEMS, 2007.

BRASIL. Ministério do Esporte: Secretaria Nacional de Esporte Educacional. **Programa Segundo Tempo**. Brasília. Disponível em www.portal.esporte.gov.br. Acesso em 23/08/2009.

BUENO, B.O. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Revista Educação e Pesquisa**, v.32, n.2,

2006.

BUSS, P.M. Promoção da Saúde e qualidade de vida. **Ciência e Saúde coletiva**, v.5, n.1, 2000.

BYDLOWSKI, C.R.; WESTPHAL, M.F.; BICUDO PEREIRA, I.M.T. Promoção da saúde. Porque sim e porque ainda não! **Saúde e sociedade**, v.13, n.1, 2004.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papirus. 1998.

CELAFISCS. **Agita São Paulo**. Disponível em: www.agitasp.org.br. Acesso em 23/08/2009.

CHURTON, M.W. Oral History of Adapted Physical Education: An Overview. Adapted Physical Activity Quarterly. Vol. 3 Issue 2, 1986.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992

CONFED. **Carta Brasileira de Educação Física**. 2000.

CORREIA, W. R. **Educação Física no ensino médio: questões impertinentes**. São Paulo: Plêiade, 2009.

COSTA, R. A. B.; GONÇALVES, T. O. Histórias de vidas de professores: apontamentos teóricos. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 6, n. 64, 2006. Disponível: http://www.espacoacademico.com.br/064/64costa.htm#_ftn1. Acesso em 25/08/2009.

DAÓLIO, J. **Educação Física brasileira: Autores e atores da década de 1980**. Campinas: Papirus, 1998.

DARIDO, S.C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

FARINATTI, P.T.V. E FERREIRA, M.S. **Saúde, promoção da saúde e Educação Física: conceitos, princípios e aplicações**. Rio de Janeiro: Ed, Uerj, 2006.

FERREIRA, M.M. E AMADO, J. Apresentação. In: Ferreira, M.M. e Amado, J. (org.) **Usos e Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2006.

FERREIRA, M.S. Aptidão física e saúde na Educação Física escolar: ampliando o enfoque. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.22. n.2. 2001

FOCESI, E. Educação em saúde na escola. O papel do professor. **Revista Brasileira de Saúde escolar**, v.1, n.2, 1990.

FREITAS, S.M. de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP: Imprensa oficial do Estado, 2002.

GIGLIO, Z.G. E SIMSON, O.R.M.V. A arte de recriar o passado: História oral e velhice bem sucedida. In: Néri, A.L. (org.) **Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Papyrus, 2001.

GÓIS JUNIOR, E. **Os higienistas e a Educação Física: a história dos seus ideais**. Dissertação de mestrado. Universidade Gama Filho. 2000.

GÓIS JUNIOR, E. E LOVISOLO, H.R. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n.1, 2003.

GOMES, A.P. O pensamento prático do professor: A formação do professor como profissional reflexivo. In: Novoa, A. **Os professores e a sua formação**. Don Quixote, 1992.

GONÇALVES, R.C. E LISBOA, T.K. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katálisis**, v.10, p.83 – 92, 2007.

GUEDES, D.P. Educação para a saúde mediante programas de Educação Física Escolar. **Revista Motriz**. v.5, n.1, p. 10 – 14, 1999.

GUIMARÃES, C.C.P.A. **Educação Física escolar e promoção da saúde: uma pesquisa participante**. Dissertação de mestrado. Universidade São Judas Tadeu, 2009.

ISHII, A.B.F. **História oral no percurso de vida e de formação de professores e professoras de matemática: possíveis implicações curriculares**. Dissertação de Mestrado. PUC/SP, 2008.

LAVERACK, G. E LABONDE, R. A planning framework for community empowerment goals within healthy promotion. **Healthy Policy Plan**, v.15, n.3 , 2000.

MARANI, F.; OLIVEIRA, A.R.; GUEDES, D.P. Indicadores comportamentais associados à prática de atividade física e saúde em escolares do ensino médio. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.14, n.4, 2006.

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral**. 3ª edição. São Paulo: Loyola, 2000.

MEIHY, J.C.S.B. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História**, v. 155, n.2, 2006.

MOURA, J.B.V.S. ET. AL. Perspectiva da epistemologia histórica e a escola promotora de saúde. **História, Ciências, Saúde**, v.14, n.2, 2007.

MOURA, M. Educação Física no Brasil: uma história política. Disponível em <http://www.webartigos.com/articles/3097/5/> Acesso em 12/04/2009.

NAHAS, M.V. E CORBIN, C.B. Aptidão física e saúde nos programas de Educação Física: desenvolvimentos recentes e tendências internacionais. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.8, n.2, 1992.

NEIRA, M.G. E NUNES, M.L.F. **Pedagogia da cultura corporal: críticas e alternativas**. Phorte editora. São Paulo, 2006.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: Nóvoa, A. (org.) **Vidas de professores**. 2ª edição. Porto editora, 2000.

NUNES, E.D. Saúde coletiva: História de uma idéia e de um conceito. **Revista Saúde e Sociedade**, v.3, n.2, 1994.

OLIVEIRA, L.C. de **Avaliação de efetividade de uma intervenção em promoção da atividade física e da saúde no ambiente escolar**. Dissertação de mestrado. Universidade São Judas Tadeu, 2006.

PALMA, A. Atividade física, processo saúde-doença e condições sócio-econômicas: uma revisão de literatura. **Revista Paulista de Educação Física**, v.14, n.1, 2000.

PILON, A.F. Desarrollo de la educación en salud – una actualización de conceptos. **Revista Saúde Pública**, v.20, n.5, 1986.

RAMOS, G.N.S. E FERREIRA, L.A. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física e saúde. **Corpoconsciência**, v.5, 2000.

RANGEL ET. AL. Os objetivos da Educação Física na escola. In: Darido, S.C. e Rangel, I.C.A. (org.) **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

RUFFINO-NETTO, A. E SOUZA, A.M.A.F. de Reforma do setor saúde e controle da tuberculose no Brasil. **Informe Epidemiológico do SUS**, v.8, n.4, 1999.

SÃO PAULO. Secretaria de Educação do Estado de São Paulo: **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física**. São Paulo, 2008.

SEABRA, A.F. ET AL. Determinantes biológicos e sócio-culturais associados à prática de atividade física de adolescentes. **Caderno Saúde Pública**, v.24, n.4, p. 721-736, 2008.

SILVA JÚNIOR, A.P. da ET AL. Autonomia e Educação Física: uma perspectiva à luz do ideário da promoção da saúde. **Revista Conexões**, v.4, n.1, 2006.

SOARES, C.L. Do corpo, da Educação Física e das muitas histórias. **Revista Movimento**, v.9, n.3, 2003.

SOARES, C.L. **Educação Física: Raízes européias e Brasil**. Campinas, autores associados, 2004.

SOARES, C.L. Parâmetros Curriculares Nacionais e a Educação Física escolar. In: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (org.) **Educação Física escolar frente à LDB e aos PCN's: profissionais analisam renovações, modismos e interesses**. Ijuí, Sedigraf, 1997.

TABORDA DE OLIVEIRA, M.A. Educação Física escolar e ditadura militar do Brasil (1968 – 1984). **Revista Brasileira de Ciência do esporte**, v.25, n.2, 2004.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História oral**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANEXOS

ANEXO 1**DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO(S) PESQUISADOR (es)**

Eu, Fábio Agnellos Silva, responsável pela Pesquisa denominada “A saúde nas aulas de Educação Física escolar: uma trajetória resgatada pela história oral”

declaro que:

- ▶ Assumo o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa;
- ▶ Os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados para se atingir o objetivo previsto na pesquisa;
- ▶ Os materiais e os dados obtidos ao final da pesquisa serão eliminados;
- ▶ Não há qualquer acordo restritivo à divulgação pública dos resultados;
- ▶ Os resultados da pesquisa serão tornados públicos através de publicação em periódicos científicos e/ou em encontros científicos, quer sejam favorável ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa;
- ▶ O COEP/USJT será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa, por meio de relatório apresentado anualmente ou na ocasião da suspensão do trabalho com a devida justificativa.

São Paulo, _____ de _____ de 2009.

Prof. Fábio Agnellos Silva

CPF.: _____

Responsável pelo estudo e aluno do curso de Mestrado
em Educação Física da USJT.

Profa. Dra. Marília Velardi

CPF.: _____

Orientadora do estudo e professora do curso de
Mestrado em Educação Física da USJT.

ANEXO 2
TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO
 (Educadores)

Título da Pesquisa: **A saúde nas aulas de Educação Física escolar: uma trajetória resgatada pela história oral**

Eu,

_____, nascida (o) em _____, portador (a) do RG nº. _____ e _____ e-mail _____, abaixo assinado, autorizo

_____ a participar da pesquisa, sob responsabilidade do pesquisador.

Assinado este Termo de Consentimento, estou ciente de que:

1. O objetivo desta pesquisa é verificar quais os conceitos de saúde que permearam/influenciaram a prática profissional de professores de Educação Física formados em diferentes épocas e que atuaram em determinados contextos, para que assim possamos entender como o tema saúde foi sendo desenvolvido nas aulas de Educação Física e como é entendido hoje.
2. Durante o estudo será utilizado como instrumento para coleta de dados:
 - Entrevista com os professores sobre o tema Saúde;
3. Todos os participantes da pesquisa preencheram o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento.
4. Não haverá prejuízos físicos e emocionais para as pessoas participantes da pesquisa, nem, tampouco, gastos de ordem financeira na participação nesta pesquisa. Considera-se que os riscos concernentes à participação nessa pesquisa sejam mínimos, e apenas relacionados às questões psicológicas dos participantes da pesquisa.
5. Os participantes estão livres para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa.
6. Todos os dados pessoais dos participantes serão mantidos em sigilo, as entrevistas gravadas em um gravador de voz digital serão apagadas depois da transcrição. Os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos da pesquisa expostos, incluindo sua publicação na literatura científica especializada.
7. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente

- sobre minha participação na referida pesquisa.
8. Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da USTJ para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa através do telefone (11) 2799-1944.
 9. Poderei entrar em contato com o prof. Fábio Agnellos Silva, responsável pelo estudo, sempre que julgar necessário pelo telefone (11) 82295926 e e-mail fabioagnellos@hotmail.com
 10. Este Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento possui duas vias, permanecendo uma via em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

São Paulo, ____ de _____ de ____.

Assinatura do voluntário ou responsável legal

Prof. Fábio Agnellos Silva
Responsável pelo estudo e aluna do curso de Mestrado
em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu

Profa. Dra. Marília Velardi
Orientadora do estudo e professora do curso de
Mestrado em Educação Física da Universidade São
Judas Tadeu

ANEXO 3
ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EDUCADOR FORMADO E QUE ATUOU NAS
DÉCADAS DE 60 E 70.

1. Nome?
2. Idade?
3. Quando começou a dar aulas?
4. Conte-me um pouco do seu curso de formação em Educação Física...
5. Na sua formação você teve algumas informações sobre saúde? Ou alguma disciplina específica que falava sobre o tema?
6. Quanto tempo lecionou?
7. Quais eram os conteúdos das suas aulas de Educação Física?
8. Os esportes tinham relação com a saúde e/ou com a aptidão física?
9. Havia treinos, campeonatos, campanhas na escola?
10. Conte-me um pouco da relação do militarismo com as aulas de Educação Física...
11. E com o fim do militarismo?
12. E a atividade física nas aulas? Os alunos faziam muito naquela época, né...Tinha relação com o desenvolvimento da saúde dos alunos?
13. Os homens e as mulheres faziam as mesmas atividades nas aulas?
14. Você pode me falar como era tratada o tema saúde nas suas aulas?
15. Existe relação entre saúde e Educação Física escolar para você?
16. Tem algum fato político marcante que você lembra e que queira me contar?

ANEXO 4
ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EDUCADOR FORMADO E QUE ATUOU NAS
DÉCADAS DE 80 E 90.

- 1.Nome?
- 2.Idade?
3. Quando começou a dar aulas?
4. Conte-me um pouco do seu curso de formação em Educação Física...
5. Quanto tempo lecionou?
6. Depois de graduado, você procurou fazer cursos de atualização?
7. Lembra de alguma lei da época que influenciou a educação física na escola?
8. Existiam exames médicos para os alunos estarem aptos a fazer aula? Obrigatório? O que você pensa disso?
9. Os homens e as mulheres faziam as mesmas atividades nas aulas?
10. Quais eram os conteúdos das suas aulas de Educação Física quando você tinha acabado de se formar? E depois, eram os mesmos?
11. Você pode me falar como era tratada o tema saúde nas suas aulas?
12. Existe relação entre saúde e Educação Física escolar para você?
13. Era responsabilidade de quem trabalhar a saúde na escola ou esse tema não fazia parte do currículo?
14. Tem algum fato político marcante que você lembra e que queira me contar?

ANEXO 5

**ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EDUCADOR RECÉM FORMADO E QUE
ATUA NA ESCOLA NOS DIAS ATUAIS**

- 1.Nome?
- 2.Idade?
3. Quando começou a dar aulas?
4. Conte-me um pouco do seu curso de formação em Educação Física...
5. Na sua formação você teve algumas informações sobre saúde? Ou alguma disciplina específica que falava sobre o tema?
6. Há quanto tempo leciona?
7. Depois de graduado, você procurou fazer cursos de atualização? Faz ainda?
8. O que você pensa sobre saúde?
9. Conhece os Pcn's? Já observou como o tema saúde está posto lá?
10. Quais são os conteúdos das suas aulas de Educação Física?
11. Como é tratado o tema saúde nas suas aulas?
12. Como devemos desenvolver a saúde dos nossos alunos hoje...
13. Existe relação entre saúde e Educação Física escolar para você?
14. E os programas que desenvolvem a saúde dos alunos na escola, como por exemplo o agita galera....
15. É responsabilidade de quem trabalhar a saúde na escola ou esse tema não faz parte do currículo?

ANEXO 6 TRANSCRIÇÕES LITERAIS DAS ENTREVISTAS

Sujeito 1

“Na época existia faculdade de Educação Física só São Carlos, São Paulo e Bauru, isso em 1957. Fui para São Carlos porque era a mais próxima... me formei em 1959, três anos de curso... em 1960 eu comecei a lecionar, no Industrial... Lecionei no Estado até 1970, quando foi inaugurada a Faculdade de Educação Física aqui de Batatais, aí convocaram os professores para lecionar, eu não queria pegar de jeito nenhum, imagina, uma faculdade, mas aí o diretor falou assim: imagina, você vai sim...aí eu peguei ginástica na turma feminina...e depois assumi a cadeira de recreação, onde eu fiquei até 1993.

Em 1986 eu me aposentei no Estado...1ª a 4ª não havia Educação Física naquela época, aliás havia, mas quem dava Educação Física nessa época era a professora da própria classe, quer dizer, nessa parte seria leiga né...dava uma vez por semana, era uma recreação...”

“A gente procurava, procurava dar alguma coisa a respeito de saúde, eu que mexia com a turma feminina dava essa parte de menstruação, eu explicava para as meninas, inclusive às vezes elas viam e falavam: - Ah! Hoje eu não vou fazer porque estou com cólica. E eu: - não de jeito nenhum. Inclusive até hoje eu encontro alunas que lembram e falam: Nossa a senhora era dura heim, a gente tava lá quase morrendo e a senhora fazia a gente fazer. E eu falava: fazia bem para a saúde. Elas faziam as atividades da aula, eu falava: faz um pouco de abdominal, mandava fazer né, porque ajuda a sua menstruação. Nessa parte de saúde também, às vezes um resfriado que a gente percebia que a aluna estava, aí também eu cuidava. Fora disso, em planos mesmo por escrito não tinha nada...”

“Nunca trabalhei com turmas mistas, só feminina, inclusive até aqui na faculdade os primeiros anos eram separadas... Mas quanto a saúde mesmo, não tinha nenhum programa estipulado. A gente cuidava da saúde porque sabe que o professor de Educação Física sempre foi o primórdio da coisa, né...”

“Lá em São Carlos tínhamos muitos professores médicos, fisioterapia...

quando fazia lá era tudo muito precário, tudo... a pista, o campo de futebol para os rapazes... Lecionei 15 anos seguidos em Brodowki, era um martírio... o que eu fiz naquela escola... para começar, o prédio também já era muito precário, eu dava aula num campo de futebol... lá não havia nada, mas nada, sabe o que é nada? De repente fizeram uma muretinha que tem lá, eu fui no marceneiro e mandei fazer 2 sustentações, era 1,20m. por ai, aqueles dois postizinhos de madeira era minha coisa, colocava uma corda para as meninas saltarem altura. Depois colocava mais dois altos, com uma rede velha e fazia iniciação de voleibol, tinha um timinho bom lá de voleibol. Eu tinha uma aluna que pegava meia lata de cal para fazer a delimitação do campo de voleibol. Que gramado??? Terra...terra mesmo. Quando eu estava lecionando, tinha vontade de jogar o tênis...eu não agüentava, queimava...hoje eu falo que eu não agüentaria mesmo porque o sol hoje é bem mais forte, arde né... e nunca usei chapéu... Em Franca também como eu sofri, e não usava chapeuzinho.... Hoje eu acho que está bem melhor, que melhorou essa parte de estrutura em escola né..”

“De 1963 a 1978 eu lecionei em Brodowski e fazia elas participarem de campeonatos, torneios colegiais, lá já tinha a faculdade que eles deixavam a gente treinar...eram todas as modalidades, todo ano, eu participava as vezes em vôlei, atletismo... salto em extensão, revezamento de bastão, corrida de 100m., explicava como tinha que passar, toda a técnica, pelo menos dentro do que eu sabia, e elas nunca fizeram muito feio não, tinha arremesso de peso, até dardo, olha cada coisa...”

“Olha... o meu amigo Egídio, que lecionava para as turmas masculinas, o pessoal falava: - olha lá o militar, falava brincando sabe... mas ele também exigia bastante, nossa!... O militarismo influenciou mais a turma masculina, mas não foi muito também não, porque estávamos aqui para o interior, sabe... mas ele exigia postura dos alunos e aquela coisa toda.”

“Os melhores jogos eram os jogos industriais, que era Batatais, Ribeirão Preto, Franca, Igarapava, Ituverava, Orlândia, São Joaquim da Barra, Casa Branca e Mococa, eram estas escolas, então cada ano era em uma escola, treinava e ia para lá, mas não havia só a parte de Educação Física, havia também

a parte intelectual, provas de matemática, português, para saber qual escola se saía melhor. Foram os melhores jogos que a gente participou que eu consegui levar os alunos para competir, e olha quantos troféus, Batatais o pessoal arrebatava, era vôlei, basquete... Professor Amauri era um ótimo professor de voleibol, um ótimo técnico, já o Egídio era futebol, ele foi jogador”

“Foi uma época muito boa, mas eu ficava muito triste porque falavam que o professor de futebol chegava lá, dava a bola e pronto, e eu não gostava, porque eu dava assim: No final da minha carreira era sagrado, eu dava duas aulas de exercícios inteirinhas e uma de jogo, antigamente não podia fazer aula dupla, então depois podíamos fazer aula dupla, o que facilitou para gente, porque aí ficava aula dupla, dobradinha de exercício, parte corporal, abdominal, eu falava assim: - vamos afinar a cinturinha... umas adoravam essa parte, outras tinham pavor de fazer ginástica e a outra aula jogo. O que elas mais gostavam era a bendita queimada, elas vibravam, era um exercício geral, porque elas corriam, pulavam para pegar a bola, foi uma forma de atividade física, de uma maneira que satisfazia elas...”

“Para campeonatos eram treinos extras, às vezes só em aulas, mas nos treinos só iriam as que já eram selecionadas. Eu fazia aqueles testes tudo doido, mas no fim sempre dava certo, mandava correr, 2 ou 3 vezes, a que eu via que tinha mais velocidade, aquela já seria preparada para o atletismo.”

“O exame médico era obrigatório, o exame você sabe, era bem superficial, mas ele pegava no pulso e eu lá anotando, na garganta era uma olhadinha... ele era tão prático, era clínico geral, mas sempre teve desde que eu entrei... mas teve um diretor que um dia disse assim para mim: - Tem que acabar com a Educação Física nas escolas, isso daí só atrapalha, e outra coisa, fazer esse exame médico eu acho que não há necessidade... Eu falei: – O senhor está muito enganado, eu acho que o senhor está falando uma grande besteira... porque ele queria que eu começasse as aulas antes de fazer os exames médicos, e dava impressão que era a gente que não queria trabalhar, e não era... Tinha aluno que sofria de convulsão, aí esse aluno já era dispensado da Educação Física, não fazia, agora outros pelo pulso ele já sabia, aí mandava ir no cardiologista ou outro médico. Eu

lecionei quase 29 anos, e tive apenas uma aluna que quebrou um braço, e uma que de dor em dor precisou operar lá em Mococa nos jogos.. o que aconteceu em saúde comigo Graças a Deus foi só isso... tinha umas que caía naquelas quadras ásperas e vinha com o joelho: aiaiaia dona Neusa, e eu dizia, isso aí não é nada, quando casar sara, não precisa de chorar..."

"Os exercícios dos meninos eram mais pesados, aquela coisa toda... o deles a parte sempre, ou local ou horário diferente."

"Não se ganhava nada para treinar, professor não ganhava, mas tinha que treinar para participar, eu chegava em casa sete e meia, oito horas da noite porque estava treinando, mas a aula acabava seis horas. Eu sei, mas só aqui entre a gente, que a turma de Franca reclamava porque faziam treinamentos nas aulas, e dispensava os outros alunos, então numa turma de trinta alunos, você ficava com doze por exemplo e os outros iam embora, coisa que a gente de são consciência não fazia."

"Hoje é diferente totalmente, a gente percebe, antes o uniforme, exigiam uniforme na íntegra, quem ia sem uniforme botava falta e não deixava fazer... hoje até a faculdade relaxa... tinha uma amiga minha, dava aula comigo em Brodowski, aquela lá era militar, exigia, mas era uma coisa... as alunas chamavam ela de militar, mas é que cada classe, os alunos todos uniformizados, dava prazer, parecia que era uma ordem sabe, uma limpeza, já hoje... um vai de tênis vermelho, o outro de azul, outro preto, calção cor de rosa, camiseta azul, branca, preta...antigamente você olhava de ponta a ponta era sainha de prega, todas limpinhas, blusa branca sem nada escrito, depois que passou algumas escolas usar o emblema, mas antes não, a Educação Física era branquinha... tênis branco e meia branca... aí era assim, mandava elas na formação você olhava, era da primeira a ultima tudo assim, bonitinha... então quem olhava aquela aula, tinha uma visão diferente, bonita né... hoje não. Para os meninos era camiseta branca e o shorts azul marinho. Naquela época era algodão mesmo, grosso... e um calor..."

"A gente fazia programas por temporada, então, por exemplo, março e abril eram atletismo, depois maio e junho voleibol, depois agosto e setembro outra, e assim por diante, por temporada, inclusive no planejamento tudo certinho colocava

em cada bimestre a modalidade, mas o professor da turma masculina fazia o dele e eu fazia o meu, mesmo na faculdade era diferenciado.”

Sujeito 2

“Eu entrei no curso em 1973... em 1979 eu estava fazendo especialização, casei em 1979, não... eu entrei em 1976. Eu fiz especialização em basquete”

“Andar de agasalho era uma coisa... você era um Deus, entendeu? Para ir para faculdade vestido, na época não podia usar outra roupa, tinha que ter uniforme né... Então você andava na rua vestido de agasalho, você era assim... uma pessoa muito importante. Não é como hoje, você tinha uma graduação, era alguém muito considerado naquela época... O curso de Educação Física era muito mais respeitado, não tinha uma faculdade em cada esquina como existe hoje, era USP ou Santo André ou Mogi. Eu fiz em Santo André, na FEFISA. Então, era puxadíssimo para mim, eu entrava 7 horas da manhã, saía daqui às 5 da manhã... A faculdade tinha o prédio e uma quadra, para todos os anos... A faculdade tinha um convênio com a prefeitura, então as aulas de atletismo, ginástica infantil, ginástica rítmica, basquete, vôlei, natação, era tudo no estádio, algumas vezes a gente usava a quadra da faculdade.”

“As matérias, a gente tinha psicologia do esporte, tinha didática, prática de ensino, aquela coisa toda que você sabe, cinesiologia, anatomia, fisiologia, essas coisas né, e mesmo na área dos esportes, a gente tinha a parte teórica, que era dada em sala de aula e tem a parte prática, as provas teóricas e práticas... então assim, dependendo do dia eu chegava lá, e você já viu, Santo André é pé de serra, um frio danado, então você chegava para aula de atletismo, você tinha que por shorts, camiseta, meia, tênis, no frio... o máximo que você podia vestir era uma calça do agasalho do uniforme da faculdade.”

“Natação a gente tinha que por um maiô preto, que era o maiô de natação... você

só respondia chamada dentro da água só que a piscina era no tempo, não era aquecida, aí você chegava lá 8 horas, 8 e pouco, que era o horário da aula, você não via água, era uma nuvem branca em cima da água... a gente ficava doente, hoje a gente está doente, porque a gente tem todas as seqüelas, tanto que assim, sincera e honestamente, hoje eu não tenho vontade de fazer nada de esporte, eu cansei, porque foi muito sofrida a faculdade, foi um negócio assim, por amor mesmo, foi muita dedicação e a gente respondia chamada dentro da água dentro daquele período de mulher, né... você quer sua presença, água!... O professor era um verdadeiro carrasco... Na minha classe tinha uns 60 alunos, passava direto 2, 3, até campeão brasileiro de natação ficou de segunda época, de D.P. No nado de peito, ele falou assim para mim: você tem um defeito igualzinho o meu no nado de peito, você tem que corrigir! E é uma coisa assim que você faz tão automático, e eu já nadava há muito tempo e tal... eu falei: mas como professor!? Ele falou: Eu não sei porque eu não consigo tirar meu defeito, mas se você não conseguir, você não vai ter nota. Tinha colega meu que era atleta do judô do Brasil, competia pelo Brasil, e ele deslocou a clavícula, estava todo enfaixado... prova prática! Aí ele falava: Professor, olha como é que eu estou... Ele falava: Problema é seu, quer nota? Água!... Não tinha dispensa para nada..."

"Eu não mudei, tanto assim, se você perguntar para os alunos quem era a professora Zuleica, você vai escutar o cão... Educação Física não é só a parte de esporte. É higiene, é educação, você tem que saber se vestir, nenhum aluno meu pisava dentro da quadra sem tênis e meia, porque se você colocar um tênis sem meia, não é higiênico, você vai causar um monte de coisa no seu pé... cólica, nada melhor um exercício para passar a cólica, concorda?"

"Tinha a parte da corridinha, do aquecimento, tinha a parte dos exercícios, nunca abri mão dos meus exercícios, eu montava sempre um circuito para eles, podia ser o mesmo, mas eles tinham trabalho de perna, trabalho de braço, trabalho de abdômen, coordenação, fazia aquele circuito e outra parte de esporte, então eu tinha o período do voleibol, o período do handebol, do basquete, e assim por

diante... tudo com os materiais e as condições da quadra que você sabe como que é...”.

“Eles falavam assim: Ué professora, você parece general, você deu aula no exército? Não, não dei, mas eu quero assim... eu falei: veja bem, futuramente, você vai trabalhar num lugar que precisa de uniforme, e aí? Como você vai fazer um exercício de calça jeans, de chinelo, bota... Boné, eu queria morrer com boné, existe hora e local para boné, se usa embaixo do sol, mas tudo na escola é coberto...”

“Eu praticamente no primeiro bimestre, eu não levava ninguém para quadra, era só aula teórica sobre o que é Educação Física, como funciona, dava saúde, porque você anda, porque você corre... roupa, como usar uma roupa, porque fazer exercício físico de blusa, lã, se está calor, eles tem mania dessas blusas de moletom de capuz. Eu falava: gente isso daí faz mal para vocês... então eu tinha muito medo também com a saúde deles...”

“Tinha exame médico obrigatório, o médico vinha na escola, um médico do Estado... a segurança era muito maior, eu não lembro quando parou, mas quando eu estava no Mathias a gente já contratava um médico para vir... os alunos pagavam, eu tinha um médico, se você quiser até dou o telefone dele para você, é uma segurança para você... Na primeira reunião de pais, eu chamava os pais e dizia assim: Olha, o Estado aboliu o exame médico, só que tem uma coisa, eu não sei como anda a saúde do seu filho...”

“Nós temos assim: a criança ou ela ama, adora e é apaixonada pela Educação Física, ou ela odeia, não existe o meio termo... aquele que odeia, ele vai arrumar qualquer coisinha para sair fora, só que ela precisa daquela atividade física, ele tem que fazer desenvolvimento, ele precisa daquilo, agora aquele que adora, ele nunca vai ter nada para você, nunca ele vai ter doença, nunca ele vai tomar remédio, nunca ele precisou de nada. Eu tive um caso da seguinte forma: o aluno

veio transferido no segundo bimestre, você fez o exame médico? Não professora, não precisa, porque eu jogo futebol na rua, ando de skate... aí eu não deixei ele fazer, eu falei que enquanto você não trouxer um atestado, você não faz Educação Física, você senta aqui do meu lado, só que tem um detalhe, você vai ficando com falta, e não se esqueça que Educação Física reprova por falta e o menino sempre assim: Professora deixa eu entrar? Não... cadê seu atestado? Parecia que alguma coisa me falava, sabe... Um belo dia, ele aprontou uma na escola e chamaram os pais, e todos os professores foram falar com os pais, eram dois senhores já, o menino era da sétima ou oitava série, uma coisa assim... eu falei: olha, eu não tenho reclamação dele porque ele vive querendo fazer minha aula, só que ele não trouxe atestado nenhum, e ele está com problemas de faltas comigo, porque eu não posso deixar ele fazer... nossa professora que bom que a senhora não deixou porque ele foi operado de aneurisma o ano passado... e se eu ponho esse menino na quadra? Então é uma segurança”

“Nos últimos tempos eu tinha o Dr. Rogério que vinha e cobrava eu acho que dois reais, ou três reais por aluno. Então eu fazia assim: dia tal, o médico fulano de tal virá para examinar os alunos, visto que o Estado não tem, e ele cobra tantos reais; se o senhor aceitar, favor enviar a quantia. Caso contrário, preencha o papel abaixo, que dizia: Eu, fulano de tal, pai do aluno tal, estou ciente de que meu filho pode participar das aulas de Educação Física, com atividades físicas e tal... assinava e me entregava, ou seja, ou ele fazia o exame médico, ou o pai se responsabilizava pela saúde dele, porque é muito simples um filho desmaiar na minha aula e vir: O que que a senhora fez... e isso já aconteceu...”

“Eu tinha tudo no meu diário, os alunos em vermelho que os atestados iam vencer, quando venciam eram dispensados da prática, eu tinha tudo guardado, e aí eles faziam prova escrita... era o tipo do aluno que me ajudava a pegar a bola, essas coisinhas assim bem simples... fazia o relatório da aula, ele não estava lá pensando que não ia descer porque era dispensado, não... ele era dispensado da prática! E não de assistir a aula.”

“Achava o Agita Galera ridículo, uma coisa muito mal feita, era um dia que você ficava louco. Eu tinha 16 salas, como é que você vai colocar tudo isso numa quadra? Porque Agita Galera para eles era sinônimo de por todo mundo para fazer atividade, e não funcionava. Sabe o que eu fazia? Descia a minha sala e mais uma, duas de cada vez, às vezes o diretor queria que acabasse tudo antes do intervalo e me jogava tudo lá embaixo. Eu fazia um joguinho diferente... eu dava futebol para eles porque eles me crucificavam porque eu não dava futebol. E outra, como você vai fazer Agita Galera com menino e menina? E a minha faixa etária era brava... tinha cadeirante... então eu fazia aquele futebol de dupla, de dar a mão....um menino e uma menina.....então eles faziam futebol, adoravam, 50 minutos, sobe e aí desce mais duas...tinha vez que o diretor depois do intervalo punha música nas duas últimas aulas e deixava eles dançando, isso era o Agita Galera...Era um dia só, uma coisa muito mal feita, e outra como você vai envolver os pais, se eles não vão para a escola nem para saber dos filhos...”

“Um trabalho que nós fizemos ligado a saúde que eu achei muito bom foi quando fazia exame biométrico e nos meninos via a quantidade de pêlos axilares e nas meninas perguntava a data da primeira menarca. Tinha uma tabela de acordo com a idade deles, que eu acho que tem até aí, para saber a história da escoliose, e tinha um tal doutor que eu não me lembro o nome que se propôs a tratar os alunos do Estado, a gente avaliava os problemas de coluna e de acordo com peso, altura, idade, pêlos axilares e menarca você sabia como estava o desenvolvimento dessa criança, e tinha outro médico que cuidava dessa parte de escoliose....foi muito bom! A gente descobria muitos com escoliose.... esse projeto acabou porque o Estado não bancou mais o médico”

“A gente ficava besta de ver quanto de gardenal essas crianças tomam, ele via pela cor da língua, o médico perguntava na hora, eles não falam, mas na hora que abre a boca, você vê.”

“O que eles queriam me matar era ano de Copa do Mundo e Olimpíadas, eu pedia um trabalho no início do ano e pedia: onde vai ser? Que país? Então eles tinham que fazer um estudo do país... eu pedia para os professores de geografia, história, artes, englobava tudo... ficava cada trabalho que era a coisa mais linda, eu orientava eles o ano inteirinho e eles entregavam em setembro”.

“Eu nunca abri aquilo (PCN’s)... vou ser bem franca com você... tinha coisa ali que eu achava de uma inutilidade tão grande que eu não tomava conhecimento, eu seguia meu rumo, dava minha aula...”

“Eu gostava das coisas muito certinhas, então não me venha com unha comprida, eu não usava unha comprida, então eu falava para as meninas, veja bem... uma unha pintada, limpinha, um esmaltzinho fica bonito para mulher, sempre tinha aquele tempinho para conversar com elas. Os meninos a mesma coisa, gente cadê o desodorante, cadê o perfume, olha bem, vocês estão do lado das meninas né, pega mal cheirando suor, aquela coisa toda que a gente sempre trabalhou, eu acho que higiene para nossa área é o primordial, acho que a saúde começa pela higiene né...”.

Sujeito 3

“A vontade para fazer Educação Física veio na escola mesmo, eu tinha uma professora de Educação Física que era tudo, era nosso espelho, inclusive nós chamávamos ela de mãe...até hoje ela é muito presente assim na vida dos alunos... então eu queria ser como ela, e isso foi me tomando conta de um jeito que eu não conseguiria me ver em outra profissão, não me via fazendo outro curso, apesar da minha mãe falar: menina, não vai fazer educação física, você vai ser professora... mas aí contra tudo e todos eu prestei o vestibular meio que sem compromisso, acabei passando e iniciei o curso...gostei muito, me formei em 2001... fiz na unip da bacelar... minha turma foi a primeira turma noturno de educação física, era um curso relativamente novo na faculdade, mas com

professores bem experientes, e que eu gostei muito do curso.”

“Durante o curso eu fiquei encantada com a Educação Física adaptada, foi o que mais me chamou a atenção, a professora também era uma graça, fazia a gente vivenciar muita prática, nós íamos nas instituições, então quando eu estava terminando o curso eu já tinha decidido que era nessa área que eu queria trabalhar... e aí em 2002 eu comecei a trabalhar aqui na estação especial da lapa, que foi assim, uma escola, porque até então era um centro de convivência onde 70% das vagas era para atender os deficientes e 30% das vagas era para atender a comunidade, então tinha a área de esporte, eu dava aula de condicionamento...para todos os tipos, então na mesma turma tinha um cego, um surdo, um DM, um DF, então foi um aprendizado enorme.”

“Por acaso abriu o concurso do Estado, eu inicialmente não ia prestar, mas de tanto os colegas falarem: presta, presta, presta... eles tinham um grupo de estudo e eu era a responsável por fazer as perguntas e eles cada um respondia o que achava, depois eu dava as respostas, eles estudavam e eu só fazia isso... acabou que eu fui a única a passar e eles não passaram... A partir do segundo ano de Estado eu não consegui mais conciliar com a estação, aí eu tive que abandonar com muita dor no coração...”

“O que eu lembro do concurso é nas dissertativas que tinha uma questão de anabolizantes, e qual era o papel do professor com relação a isso, indica, ou não indica, opina, ou não opina... eu lembro dessa questão... foi o primeiro concurso que eu fiz...”

“A gente tinha uma disciplina, que agora eu não me lembro exatamente o nome, mas tinha saúde no meio, não lembro agora o que era, mas a gente tinha essa disciplina específica, o professor era médico do São Paulo, super boa gente, mas assim a aula dele era praticamente sobre o São Paulo, ainda mais porque tinham vários são paulinos na sala, então ele mais contava história do São Paulo do que

a aula em si, então foi bem capenga a disciplina, e era numa sexta feira nas últimas aulas....”

“Quando me formei fiz aquele que tem sempre em Santos (Fitness), e alguns pela estação, que eram mais específicos, fiz um de recreação adaptada, um de mergulho adaptado...”

“Minha prática de 2006 para cá já mudou bastante porque quando você ingressa principalmente nós que somos novos, você tem uma visão de que você vai salvar a escola, que vai salvar o mundo, então você vem naquele pique, para montar aquela aula, e você já tem o balde de água fria do material, aí você passa por cima disso, aí eu tenho que me policiar muito para não me contaminar com o ambiente da escola assim, que hoje está muito desacreditada pelos próprios professores, pelo menos na minha escola é assim, então os professores meio que largaram mão já, não acreditam mais que eles podem fazer a diferença, então eu tenho que me policiar para não cair na mesma vibração, e “esse menino não tem mais jeito, essa sala não tem mais jeito...” então eu tento dar o melhor de mim, mas acho que já mudei bastante, antes eu era muito rígida, hoje eu já sei que tem vezes que não adianta você bater de frente, é melhor você chamar num canto, conversar do que você punir. As atividades, muitas vezes eu queria dar o que eu achava que era importante que eles vivenciassem, hoje eu já dou o que eu acho que é importante, mas também o que eles gostam, porque de repente o que é importante para mim não é para ele, não faz parte da vivencia deles, do cotidiano deles, então eu acho que eu já mudei bastante”

“Eu nunca peguei um outro PCN que não fosse da área da Educação Física, no nosso PCN tem lá se eu não me engano nos temas transversais relacionado a saúde, mas o que eu faço e tenho costume de fazer é no inicio do ano eu pego os livros de ciências que os alunos vão utilizar durante o ano, e dou uma olhada sobre o que eles falam sobre saúde, basicamente higiene, então eu olho o que eles vão trabalhar em ciências para eu ter mais ou menos uma idéia.”

“Duas coisas que me preocupam bastante é higiene, porque não tem jeito, e alimentação, porque da mesma forma que tem muitos alunos que faz uma refeição em casa por dia, na escola eles estragam muita comida, é uma coisa absurda de se pensar, mas jogam o prato todo no lixo, então eu converso com eles muito sobre alimentação e é precária, de aluno naquele sol passar mal, e você vai perguntar ele não tomou café, não almoçou, então o que eu me preocupo mais são esses dois aspectos.”

“Eu não acho que falou de saúde, falou de Educação Física. Acredito que a Educação Física pode e deve contribuir muito, isso depende da professora da sala trabalhar também, ou a escola de um modo geral trabalhar com os alunos, acredito que nossa área tem muita responsabilidade...”

“Eu não tenho nenhum projeto específico para desenvolver saúde, fora o agita galera, eu conheço o Dia do desafio... Eu, particularmente, acho uma palhaçada o agita galera, porque eu não sei se é falta de conhecimento, se é falta de informação, se que é estipulado um dia para se incentivar a prática de Educação Física, de uma atividade física, quando isso deveria ser o ano inteiro. Na escola, o dia do agita galera foi tudo no meu primeiro ano, depois você vai vendo que as parcerias não são mais as mesmas, os professores não querem se envolver, a escola, dependendo do coordenador também não quer se envolver, então hoje, o agita galera normalmente é de sexta feira então eu não participo, não faço... a última vez que eu fiz, porque assim, PEB I é fogo né... então tem aquela coisa de o que você vai fazer, não é uma conscientização da escola, de um todo, é apenas o que o professor de Educação Física vai fazer naquele dia porque eu quero saber que horas que eu vou poder ficar “de boa”... então o ultimo agita galera que eu participei eu fiz um torneio de queimada com as salas que eu tinha naquele dia. Eu queria ter feito uma caminhada só que aí ficam: Ah! Eu não vou, minha sala não vai... a coordenadora na época também não auxiliou então, eu resolvi fazer com as turmas que eu tinha mesmo naquele dia.... eu acho que precisaria de uma

informação melhor, de um conceito diferente, de um conceito que fosse passado para as escolas de uma outra forma, não só um dia, aquele dia, porque parece que é tudo perfeito, e não é... você vê que lindo, que bonito, tem escolas que fazem trabalhos maravilhosos no dia do agita galera, mas e depois... e até ali, até chegar ali o que aconteceu...”

“Eu acho que saúde e Educação Física são praticamente uma só, mesmo que isso seja inconsciente, para mim já está relacionada atividade física com saúde. A gente pode até colocar algumas vertentes nisso, trabalhar e mostrar separadamente, mas eu acho que é uma coisa só, uma depende da outra, uma está ligada com a outra, não tem como fugir não...”

“A minha escola é uma escola de periferia, então saneamento básico, por exemplo, só 30 % dos alunos têm, o restante não. A nossa própria escola não é canalizada, então o esgoto vai para um córrego que corre ao lado da escola, e quando chove, o esgoto volta pelo ralo da escola, então alaga a escola de um jeito que não é só água da chuva, é água do córrego que volta com esgoto, então ali já começa a nossa falta de saúde, sem falar os pombos, que são alimentados por nós mesmo da comunidade escolar porque é uma sujeira imensa, então é muito difícil, é um problema que vem das casas... eu tenho aluno que é uma escova de dente para todos da família, então como que você vai falar para o camarada que cada um tem que ter a sua escova, provavelmente só dá para comprar uma.”

“Falou em saúde para mim, vem o bem estar, porque assim, se você tem uma casa que você consegue manter, uma higiene, que você tenha uma boa alimentação, se você praticando uma atividade física ou não, porque de repente a nossa correria do dia a dia já é uma atividade física, se você consegue estar bem, até psicologicamente falando, com boa relação com familiar, você tem saúde e bem estar.”

“Durante minha gravidez para mim foi um estado pleno de bem estar, me sentia

muito bem, tinha disposição, tinha insônia porque queria fazer as coisas... A época que me senti mais saudável, disposta, de bem com a vida, foi durante a minha gravidez”

Sujeito 4

“Eu fiz Educação Física porque eu sempre gostei da área biológica, área da saúde, medicina, fisioterapia, nutrição, então eu parti para a área da Educação Física, que englobava mais os aspectos biológicos do corpo humano e aspectos físicos também. E durante a graduação, foi muito bom, porque eu dei conta que realmente essa era minha profissão, com as matérias de anatomia, biologia, fisiologia, então eu gostei muito.”

“Eu estudei na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em Barueri, então todos os dia eu tinha que viajar um pouco para fazer a graduação. Meu curso era de quatro anos, sendo que três anos eram as matérias vamos que dizer que normais de um curso de Educação Física, e o último ano era a noite e eu sempre estudei a tarde, e era mais específico para licenciatura, com as disciplinas voltadas para a escola, então eu tinha metodologia, didática, pedagogia, e nos dois últimos anos eu também tive disciplinas voltadas para o meu trabalho de conclusão de curso, que eu fiz sobre promoção da saúde nas escolas, onde eu fiz uma entrevista com os alunos, professores e diretores de escolas municipais de São Paulo. Eu peguei esse público e entrevistei, perguntando como que era a saúde, o que eles consideravam como saúde, e para os alunos eu perguntei também o que era saúde e o que eles achavam que é ter saúde. Para os diretores, as perguntas eram se a escola realmente promove a saúde, não somente nas aulas de Educação Física, mas em outras aulas e foi isso... Eu obtive que uma pequena parcela entende o que é saúde, segundo a Organização Mundial da Saúde, uma pequena parcela também entende sobre como se trabalha com a saúde na escola, e uma pequena parcela também sabe como promover a saúde dentro das aulas de Educação Física com os professores. Muitos professores acham que promover

a saúde na Educação Física é pedir para a criança correr, é pedir para a criança lavar as mãos antes de comer, e segundo a teoria que foi pesquisada isso não era somente promover saúde, tinham outros aspectos nas aulas de Educação Física que podiam influenciar na saúde, tipo renda familiar, a comunidade também, então não somente pedir para as crianças correrem, ou uma conscientização”

“Estudei de 2004 a 2007, comecei a dar aulas no inicio de 2008”

“Eu não tive nenhuma disciplina específica relacionada à saúde. Cada disciplina, principalmente as voltadas para área biológica, como anatomia, fisiologia, nutrição, foi levantado um pouco sobre esse tema saúde. O meu interesse em pesquisar esse tema foi que poucas escolas hoje abordam o tema saúde, mas na minha graduação muito pouco que eu tive sobre esse tema”

“Eu acho que um curso de Educação Física deve sim abordar o tema da saúde, mas em várias disciplinas, numa interdisciplinaridade, como foi feito na minha faculdade, em nutrição, fisiologia”

“Eu faço pós na PUC, voltado a motricidade, psicomotricidade”

“Saúde é um bem estar físico, psicológico, emocional, eu acho que todos esses fatores vão influenciar na saúde do ser”

“Eu sei que nos PCN’s fala que saúde é um tema transversal que deve ser trabalhado, mas eu não sei como trabalhar o tema saúde dentro das escolas... eu sei que é um tema transversal, que tem que estar presente nas escolas “

“Nas minhas aulas, 1ª e 2ª séries, mais na primeira, é mais voltado para recreação, então as minhas aulas são muito recreativas, eu disponibilizo os materiais para as crianças e diante desses materiais as crianças têm a capacidade de montar a sua própria brincadeira, ou eu mesmo dou algumas dicas durante as

aulas para elas montarem as brincadeiras. Já terceira e quarta séries os conteúdos são voltados mais para a área de esportes, para a área de ginástica, dos jogos cooperativos, dos jogos pré-desportivos, e eu sempre estou atento com a motricidade de cada aluno, então eu vejo se aquele aluno tem uma defasagem em sala de aula, como por exemplo, uma defasagem em leitura ou escrita, eu tento procurar onde está essa defasagem do aluno e nas aulas de Educação Física potencializar alguns dos movimentos motores que esse aluno esteja defasado. Então de 3ª e 4ª séries são conteúdos variados, como jogos cooperativos, esportes, ginástica olímpica, lutas, eu dou bastante lutas também “

“Uma das áreas que eu pesquiso na minha pós é a que muitos acham que aquele aluno que tem uma defasagem motora, terá uma defasagem na escrita e na leitura, e aquele aluno que é bom não terá uma defasagem motora, e isso é mentira. Isso vai depender de vários fatores, como estímulo do ambiente, o estímulo até mesmo do professor, então hoje até se comenta que aqueles alunos que são bons não gostam muito da aula de Educação Física, então essa é minha área da pesquisa”

“Apesar de ter feito esse meu trabalho de conclusão de curso durante a graduação, hoje nas minhas aulas eu trabalho apenas com a conscientização dos alunos em relação à saúde, então quando é levantado algum tema, eu tento explicar esse tema, como deve se proceder, e lá na escola mesmo a gente trabalha com projetos relacionados à saúde, tanto é que esse ano que teve essa gripe, todos os professores foram envolvidos a realizar projeto de como se lava as mãos, o porque da gripe suína, quem tem mais tendência em pegar essa gripe, mas durante as aulas eu não tenho um conteúdo específico para trabalhar a saúde.”

“Lá na minha escola, o que eu percebo, é que durante o intervalo, no que diz respeito a esse tema relacionado à saúde é com a alimentação das crianças, até não só com a alimentação, mas os papéis no chão, a sujeira no chão e aí após

esse intervalo tem um outro intervalo que as crianças descem e comem com os papéis tudo no chão, e a escola tenta conscientizar os alunos, mas não tem nenhum projeto que trabalhe isso”.

“Educação Física tem um papel muito importante em trabalhar a saúde, mas não só ela, eu acho que outras disciplinas também precisam abordar esse tema, como é posto nos PCN’S, como tema transversal...”

“Na minha escola ainda não chegou esses programas, mas na prefeitura tem o Recreio nas Férias, mas na minha opinião esses programas não são voltados para a saúde... não é porque o Agita Galera faz com que a pessoa faça uma atividade por 15 minutos que ele está promovendo a saúde. Eu acho que a saúde vai muito além desses programas, claro que são programas muito bons que podem conscientizar os praticantes, mas deve ter um algo por trás desses programas, deve oferecer palestras, a conscientização, e não só a atividade física, a atividade física em si não promove a saúde”.

“Do concurso que eu prestei teve uma bibliografia do Castellani, onde ele aborda a história da Educação Física, e aí ele comenta que a Educação Física passou por uma história militar e dentro dessa bibliografia ele também fala da saúde na Educação Física, onde a Educação Física passou por um momento onde os conteúdos, onde a prática era voltada para a saúde, e na prova realmente teve perguntas sobre esse autor, sobre esse tema”.

Sujeito 5

"Em 2006 foi minha primeira experiência no ensino formal, na Educação Física escolar, mas já havia trabalhado como professora de Educação Física na área de natação, recreação, lazer, aí desde que entrei no estado sempre em escola, e a minha opção sempre foi dar aula em escola pública, minha opção sempre foi essa"

"Eu terminei o ensino médio em 2001, prestei o vestibular e em 2002 ingressei na Unicamp, me formei em licenciatura em 2005 e terminei o bacharel há 1 ano e pouco atrás, que lá você tem opção por fazer separadamente. Minha opção sempre foi pela área da licenciatura, da área de escolar sempre. E a opção pela Unicamp foi por eles terem esse foco mais na área de escolar do que na área de treinamento; então a minha opção por prestar lá e fazer lá foi por isso, e nisso o curso contemplou muitas coisas, abriu o foco, as possibilidades que eu não enxergava antes, então isso ampliou muito e foi além do que eu estava esperando"

"Tiveram várias disciplinas, mas teve uma que passou mais específico pela área da saúde que foi da área de saúde coletiva, que não era obrigatória, mas eu não cursei na licenciatura, peguei como optativa da área de treinamento, eu já estava dando aula no Estado e uma das disciplinas que eu peguei para fazer foi essa de saúde coletiva, que eu acho que mudou até de nome, acho que agora é promoção da saúde, uma coisa assim... mas essa disciplina poderia ter sido feita na licenciatura se eu quisesse, não que ela era só de treinamento, ela era uma disciplina do curso de Educação Física optativa. Essa era específica de saúde né, tipo como era vista a saúde, como era vista na nossa área a saúde, e fora disso tinham as disciplinas comuns né... "

"Eu não morava em Campinas, eu ia e voltava todos os dias de fretado, me deixava na ponte do piqueri, demorava uma hora certinha"

"Desde que eu comecei, não mudou muita coisa de metodologia, em eixo de linha pedagógica que eu sigo, isso não mudou. O que mudou é que o ano passado eu consegui fechar meu primeiro ciclo que eu acompanhei de 1ª a 4ª série, então eles foram cobaias, porque eu fui testando como é que eu ia organizar esse conteúdos, como eu ia distribuir ao longo dos quatro anos. Então o eixo é o mesmo, o que cabe agora é só fazer os ajustes dessa séries, porque a cada ano sempre acaba ocorrendo, não te jeito, né... Mas é pouca coisa, o eixo pedagógico é sempre o

mesmo, a abordagem vai ser sempre a mesma, isso não dá para mudar porque eu acho que é da própria formação. É igual você pedir para uma pessoa que trabalhou na década de 70 trabalhar como uma pessoa que foi formada agora é impossível eu conseguir trabalhar do jeito dele e ele conseguir trabalhar do meu”

“O que a gente trabalhou na faculdade com os PCN’s não foi na faculdade de Educação Física, foi na faculdade de educação, era uma disciplina obrigatória da licenciatura, que era lá, que era a parte de legislação, e a gente era obrigado a ter essa disciplina, e lá que foi abordado a parte dos PCN’s, porque na verdade lá dentro da faculdade todo mundo é meio contra essas coisas formais, tipo de documento, e lá foi abordado, só que muito pouco. E eu nunca peguei o PCN para ler, de jeito nenhum...peguei o texto formal, que dá as orientações básicas, mas pegar temas específicos dos PCN’s eu peguei muito pouco para ver”

“Como lá é de 1ª a 4ª série eu não abordo o tema da saúde diretamente, como parar uma aula para falar dos efeitos do exercício no coração e os benefícios que vão trazer, não tem como fazer isso, e nem é o objetivo da linha pedagógica que eu sigo. Então, não tem uma parada para tratar do tema da saúde, o que acontece é quando acontece alguma coisa com alguém, paro e explico o que aconteceu, mas não tem pausa específica para trabalhar com o tema da saúde, na linha que eu sigo não mais, então eu pego às vezes algum tema que está acontecendo, aí explico porque... mas não que tenha no meu planejamento, o único que tem assim é alimentação e obesidade, o único que tem e que aparece específico e pontual, que está ali programado para ter, o resto conforme os alunos vão pedindo, eu vou trabalhando com os alunos, com o interesse, a curiosidade, perguntas, as vezes até coisa como o funcionamento do corpo que eles acabam perguntando e eu acabo abordando, mas isso parte dos alunos e não é o foco das aulas na minha linha de trabalho”

“Existe sim uma relação entre saúde e Educação Física escolar, porém nas aulas eu tento diminuir que a Educação Física escolar não é voltada para a área da

saúde, são coisas totalmente diferentes né...a área de Educação Física escolar tem um conhecimento próprio, não é só para manutenção do corpo e da saúde, isso eu tento conscientizar os alunos, e eles vão desvinculando. Quando eu começo com a proposta com as primeiras séries, logo depois do primeiro semestre eu mando eles desenharem, para eles relatarem para mim o porque eles fazem aula de Educação Física, e sempre no começo eles falam que é para ficar forte, crescer, e depois eu repeti com esse mesmo grupo com as 4ª séries com a mesma pergunta e eles colocam que é para aprender, mas não colocam mais coisas voltadas para saúde e corpo, muda a visão que eles tem, já enxergam como uma área de conhecimento e não mais como desenvolvimento motor, da saúde, já tem uma visão diferente”

“A escola tem essa idéia muito forte, a direção tem, os próprios professores tem, todo mundo tem... eles acham que não serve para outra coisa a não ser isso, que as aulas de educação física não serve para outra coisa a não ser deixar mais resistente, descarregar energia, ou seja, uma válvula de escape para eles durante o dia, então quando você pega eles na 5ª série é totalmente pegar um de 1ª série e vir trabalhando, já que com eles foi muito complicado eles entenderem e muitos ainda não entenderam, mas aí é o trabalho de dia por dia, até eles entenderem a linha de trabalho, que é diferente da que eles estavam tendo antes, porque sempre peço o questionário do que eles já tiveram e aparece coisas diferentes da linha pedagógica que eu sigo propõe”

“A cultural, que na verdade não é uma abordagem, tive com o Jocimar, fiz uma disciplina do mestrado com ele agora também. Toda formação da Unicamp é nessa linha, não tem outro jeito, não tem outro jeito de dar aula a não ser seguindo essa abordagem cultural, que na verdade não é uma proposta, é uma linha de pensamento. Lá flutua muito entre a abordagem cultural e a crítica, da Carmen, que também é de lá, e a nossa formação é sempre entre essas duas correntes”

“Esses programas Agita Galera, e outros vão totalmente fora com o que o Estado

está propondo agora, tanto a prefeitura quanto o Estado a proposta que surgiu agora, que nunca teve na verdade direito é uma abordagem mais cultural, e de encontro com isso o Estado ainda continua mantendo esse tipo de programa, de propostas desses dias malucos que vai resolver os problemas do mundo, entendeu?...E eles pedem, estão indicando, em todo lugar está assim, em Barueri também, é essa linha mais cultural, mais reflexiva, e eles continuam mandando esse tipo de coisa. Nos primeiros anos, eu estava com um professor que ele não sabia o que ele era da vida, e a gente acabou fazendo... no segundo ano eu não fiz, me recusei a fazer, e um outro professor que estava lá fez. O ano passado juntos com uma coisa que a gente estava fazendo de gincana, uma atividade assim, e a coordenadora, ela mesmo escreveu o projeto e só para mandar... Só o primeiro ano que eu parei e fiz, nos outros anos eu falava que estava fazendo isso e se quiser dá para fazer isso, e se vira aí para mandar o que você quiser mandar”

“O tema da saúde eu acho que é um tema transversal, que eu acho mesmo que cabe como um tema transversal e tem que ser trabalhado por todo mundo, e conforme as necessidades vão surgindo, não adianta eu forçar e querer trabalhar algo com o aluno que não vai nem interessar aquilo para ele, para que ele quer aquela informação, então tem que ser trabalhado com mais calma e por todo mundo. Nunca aconteceu, por exemplo, de ter o tema da saúde como projeto da escola, tem vários temas que a escola resolve abordar, mas nunca apareceu, e eu também nunca propus, porque eu tenho um pouco de medo de sugerir e acharem que toda aula minha vai ser voltada para o tema da saúde”

“Eu achei que nos concursos que eu prestei ia ter mais sobre saúde, tinham umas duas questões que abordavam... eu fiquei surpresa com a prova que teve agora (entrevistada se refere a prova de promoção por mérito do Estado), mas nem era uma coisa de saúde muito fechada, era mais aberta a questão, era muito pouco que caía, não caiu nada... lembro que essa prova agora as duas primeiras eram perguntinhas cretinas de saúde, achei que fosse a prova inteira.”

“É meio difícil eu falar o que é saúde porque eu tive uma disciplina só disso, então eu lembro que a gente ficava discutindo o que era saúde, qual era a concepção de saúde para a população, a nossa própria concepção de saúde, então nós começamos a disciplina dessa forma, tentando achar um conceito de saúde que no final a gente achou que poderia ser um monte de coisa dependendo da pessoa que for... então nós discutimos a relação saúde-doença, a saúde como ausência de doença, que é o mais senso comum que tem, que se você não está doente você é saudável, aí a gente começou a destrinchar essa frase básica, uma série de coisas de outras coisas que poderiam ser opostas e geralmente a gente discutia nesse sentido de oposição, que era ou não saudável, então o contrario, o que não é saudável, então isso e isso, mas e se a pessoa não tem nada disso é uma pessoa saudável ou não?... Então, vamos ver o que é saudável, o que é saúde, então essas discussões assim, mas eu não lembro os autores que lemos, mas nós giramos em torno disso e vimos que saúde é um termo subjetivo, que cada um tem na verdade uma sensação do que é saúde e do que não é e depende muito de tudo aquilo que foi construído e a gente faz parte dessa construção do conceito de saúde também dentro da nossa área de Educação Física, naturalmente pela história que tem da disciplina na área de escolar a gente acaba construindo com nossos alunos a concepção de saúde, mesmo indiretamente, se eu não quiser, eu acabo interferindo nessa concepção do que é saúde, hábitos de saúde, hábitos saudáveis, a gente acaba interferindo de uma forma ou de outra”

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)